

AGNALDO AFONSO DE SOUSA

NARRATIVAS DE NEGROS NA TV: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2009

AGNALDO AFONSO DE SOUSA

NARRATIVAS DE NEGROS NA TV: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Isabel Cristina Alves da Silva Frade –

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Dissertação intitulada **NARRATIVAS DE NEGROS NA TV: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?**, de Autoria de **AGNALDO AFONSO DE SOUSA**, analisada e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Alves da Silva Frade – Orientadora (FAE/UFMG)

Prof.^a Dr.^a Aparecida Paiva (FAE/UFMG)

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Moura (Escola de Ciência da Informação/UFMG)

Prof.^a Dr.^a Nilma Lino Gomes (FAE/UFMG)

Prof.^a Dr.^a Célia Abicalil Belmiro (FAE/UFMG)

Belo Horizonte 26 de Agosto de 2009

Dedicatória

Ao meu pai que partiu
para morada eterna no
início desta
caminhada.

AGRADECIMENTOS

Enfim, terminada mais uma empreitada é sempre tempo de agradecer. Aliás, acredito que o ato de agradecer deva ser uma constante em nossa vida. Então, o primeiro o agradecimento é, na verdade, um pedido de desculpas a todos aqueles, que em determinado momento desta caminhada, me ajudaram, e que talvez, pela correria e pressão dos dias atuais eu tenha me esquecido de agradecer. Dito isso, passo a agradecer nominalmente. Na verdade não gosto muito disso, porque quando se nomeia corre-se o risco de esquecer uma ou outra pessoa. Portanto as pessoas que vou citar nestas linhas são aquelas que marcaram, diria à força de ferro, esta trajetória. Obviamente aqueles que não forem citados, não se sintam menosprezados, pois, para mim cada pessoa tem a sua importância em determinado lugar, hora e momento, e isso faz com que ela deixe marcas eternas em nossa vida. Vamos então a eles:

Primeiramente a Deus pela graça da vida, afinal foi nele e por meio dele que cheguei até aqui. Ele que se faz providência e que permite que todas as outras coisas sejam possíveis. Acredito até mesmo, que as outras pessoas que citarei, são providências de um Deus que é todo Carinho e tem providenciado pessoas maravilhosas que, a cada dia, me ajudam a ser mais humano.

Agradecimentos, a minha querida orientadora Isabel Frade que acreditou, desde a graduação, no meu trabalho. Agradeço por sua capacidade magnífica em orientar os seus alunos e principalmente pela capacidade de diálogo que faz com a gente sempre cresça um pouco mais a cada encontro.

Agradecimentos, a minha família, mãe, pai que “viajou fora do combinado”, e irmãos. Todos são muito importantes para mim. Auxiliaram, partilharam forças e continuam partilhando vida nesse nosso trajeto terreno.

Agradecimentos aos queridos amigos e companheiros de batalha. São tantos, fica até difícil citar nomes. Amigos veteranos, amigos residentes, amigos calouros. Com todo carinho agradeço a Priscila Lana, a Cristina, ao Tarcisio, ao Felipe, aos meus amigos do Ministério de Música, aos amigos calouros do Mestrado, entre eles a Flavia, o Tiago, o Natal, Marcilene e Renatinha. Putz... é muita gente. Bom, então se você se considera meu amigo sinta-se agradecido, pois você é parte importante do meu mosaico de vida.

Agradecimentos, por fim, a Escola que permitiu que realizássemos esse trabalho, aos professores, diretores, supervisora, funcionários e principalmente à Jussara e às crianças. Jussara porque foi minha interventora na escolha e solicitação à escola, e as crianças que sem elas não haveria esse trabalho. Queridas crianças vocês deram show! Na telinha do meu trabalho vocês são personagens principais. Muito obrigado.

RESUMO

O trabalho em questão tem por objetivo discutir os processos de recepção vivenciados por crianças tendo por referência as narrativas sobre o negro na TV. A pesquisa foi realizada com 62 crianças na faixa etária de 09 a 12 anos, estudantes da 3ª e 4ª série de uma escola pública da rede municipal localizada na Grande Belo Horizonte. Partindo do pressuposto de que a criança estabelece uma relação ativa com a TV e da existência de uma narrativa sobre o negro, marcada historicamente pela sua ausência e apresentação em plano secundário, buscamos compreender “como” as crianças percebem e recebem essas narrativas, quais são as narrativas privilegiadas, quais são os elementos de identificação e quais mediações fazem parte deste processo de recepção. Como principais referências teóricas nos baseamos em estudiosos da cultura, como Stuart Hall e Nestor Canclini, nos estudos que relacionam mídia e educação, como o de Rosa Maria Bueno Fischer e Renato Ortiz e nos trabalhos que analisam historicamente a participação do negro no espaço midiático, como o de Joel Zito Araújo. Ao abordarem a TV como um meio de comunicação que produz e reproduz cultura, através de narrativas visuais e escritas, esses estudos apontam esse veículo midiático como de fundamental importância, na atualidade, na construção das identidades. De um ponto de vista metodológico optamos por uma abordagem qualitativa, com a participação interventiva do pesquisador na proposição de tarefas para reflexão. As atividades envolveram a apresentação e discussão de programas televisivos, preenchimento de questionário e análise de artefatos relacionados à mídia. Trazemos como elementos conclusivos a constatação de que, enquanto receptores ativos, as crianças percebem as mudanças ocorridas na forma de narrativa do negro ocasionada por diversos fatores, entre eles, as pressões dos movimentos sociais e própria descoberta do negro enquanto grupo consumidor por parte da publicidade. As crianças explicam pela via do preconceito racial a pouca presença do negro na TV. No conjunto com outras narrativas (do homossexual, do belo, etc.) a questão moral se apresenta como elemento de recusa e a questão cômica como fator de aceitação da narrativa para a maioria das crianças, independente de uma classificação étnica. A recepção que a criança faz de narrativas sobre o negro se reveste de uma complexidade relacionada aos diversos processos de mediação que nela se encontra: numa troca cambiante se encontram a própria constituição do que é ser negro; o imaginário social que diz respeito a um lugar de inferioridade para o negro que ainda se encontra presente tanto na mente das crianças quanto daqueles que produzem as narrativas; a religião; a representação hegemônica de beleza baseada nas características físicas do branco europeu que ainda é seguida e alardeada pela mídia; e as diversas vivências pelas quais a criança está submetida. Um grande número de falas que afirmam o desconhecimento ou identificação com a narrativa sobre o negro (não conhece, não gosta) dizem também de um “deslugar” para o negro, que é concomitante com a própria realidade histórica de sua narrativa. A constatação desse “deslugar” nos impõe a necessidade de continuarmos avançando na luta por uma TV que insira a diferença e repercuta em um tipo de ação política voltada para a transformação. Finalmente, no que diz respeito às crianças negras auto declaradas na pesquisa, embora haja necessidade de mais estudos que foquem este grupo unicamente, nos arriscamos a dizer, com base nos dados, que a narrativa do negro na TV ainda não se traduz numa ação afirmativa para a construção da identidade destas crianças.

Palavras chaves: televisão; recepção; criança; narrativa do negro; relações raciais; identidade.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to discuss the reception process lived by children, referencing the presentation of the Black ethnic on TV. The research has been developed with 62 children from 9 to 12 years old, coursing the 3rd and 4th grade of a public school in the Grande Belo Horizonte metropolitan zone. Starting from an active relationship between children and TV principle and the existence of an historically Black ethnic defined by its lack and sidelined, it hopes to understand “how” do children cognize and receive these expressions, which ones are privileged, which are the recognition elements and which mediations are part of this acceptance process. Having with basic theoretical references, we've based on culture scholars like Stuart Hall and Nestor Canclini, on studies that relate media and education like Rosa Maria Bueno Fischer and Renato Ortiz and the works that make an historical analysis of the Black ethnic participation inside the media space, like Joel Zito Araújo's work. When making an approach of the TV as a media that produces and reproduces culture through visual and written expressions, these works point to this media vehicle as a primal on identities construction. From a methodological point of view, we've choose a qualitative approach with the researcher's interventional participation on tender the tasks for reflection. The activities enfold the presentation and discussion of TV programs, form filling and media-related artifacts. It brings as conclusive elements, the averment of while being active receptors, children perceive changes happened on Black ethnic expressions caused by several factors like social movements pressure and by own discovery, by advertisement, by Black ethnic as a consumer group and also explained by the racial prejudice and deficient presence of the Black ethnic on TV. In the group with other expressions (homosexual's, beauty's, etc.) the moral issue appears as an exclusionary element and the comic issue as an acceptance factor of the children's majority, not depending on an ethnic classification. The children's perception relationship about the Black ethnic takes a complexity, facing to the several mediation processes founded: in an exchange are founded the own constitution, the social imaginative that refers to an inferior place that is still found present, both on children's mind as on those who produces TV expressions, the religion, an hegemonic beauty representation based on European Caucasian followed and splurged by the media and several experiences which the children are submitted. A great number of speeches that assert the ignorance or identification with the Black ethnic expression (doesn't know, doesn't like) also presents an “unplace” for the Black ethnic which is concurrent with the own historical reality of its expression. The finding of this “unplace” forces us to the need of keeping moving ahead on a fight for a TV that inserts the difference and has repercussions in a kind of politic action pointed to the transformation. Finally, related to black children self-declared of the research, though the need of more study groups focused in this unique group, we risk saying, based on data, that Black ethnic expression on TV doesn't bring any affirmative action for the development of these children yet.

Keywords: television; perception; children; Black ethnic expression; racial relationship; identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Porque o negro aparece pouco na TV? - Questão 04 – 3ª e 4ª series.....	76/77/78
Quadro 02 - Porque o negro aparece muito na TV? - Questão 04 – 3ª e 4ª séries.....	79/80
Quadro 03 - Respostas relativizadas - Questão 04 – 3ª e 4ª séries.....	81/82
Quadro 04 - Narrativas e modelos privilegiados 3 e 4ª série – análise da grade.....	89
Quadro 05 – Atividade para quem eu tiro o chapéu – respostas afirmativas 3ª e 4ªsérie....	95/96
Quadro 06 - Atividade para quem eu tiro o chapéu – respostas negativas 3ª e 4ªsérie.....	97/98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - TV individualizada em casa	42
Gráfico 02 - Permissão para todos os programas	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Faixa etária das crianças – 3ª série.....	30
Tabela 02 - Faixa etária das crianças – 4ª série.....	31
Tabela 03 - Questão 01 - você assiste TV? - 3ª série.....	39
Tabela 04 - Questão 01 - você assiste TV? - 4ª série.....	39
Tabela 05 – Questão 03 - Quantas televisões você tem na sua casa? 3ª série.....	39
Tabela 06 – Questão 04 - Quantas televisões você tem na sua casa? 4ª série.....	40
Tabela 07 – Questão05 - com quem você assiste TV - 3ª serie.....	41
Tabela 08 - Questão 02 - com quem você assiste TV - 4ª serie.....	41
Tabela 09 - Programas não permitidos - 3ª série.....	43
Tabela 10 - Programas não permitidos - 4ª série.....	43
Tabela 11 - Q6 - Quais canais você assiste? - 3ª série.....	45
Tabela 12 - Q6 - Quais canais você assiste? - 4ª série.....	45
Tabela 13 - Q6 - Outros canais 3ª série.....	46
Tabela 14 - Q6 - Outros canais 4ª série.....	46
Tabela 15 - Dez programas mais citados - 3ª série.....	47
Tabela 16 - Dez programas mais citados - 4ª série.....	47
Tabela 17 - Programas de TV que mais gosta - Dez mais citados - 3ª série.....	48
Tabela 18 - Programas de TV que mais gosta - Dez mais citados - 4ª série.....	48
Tabela 19 - Programas de TV que menos gosta - Dez mais citados - 3ª série.....	49
Tabela 20 - Programas de TV que menos gosta - Dez mais citados - 4ª série.....	49
Tabela 21 - Modelos por lugares ocupados na mídia 3ª e 4ª série.....	50
Tabela 22 - Modelos mais citados - 3ªsérie.....	51
Tabela 23 - Modelos mais citados - 4ªsérie.....	51
Tabela 24 – Auto Classificação 3ª e 4ª série.....	55
Tabela 25 – Atribuição de raça conforme critérios do IBGE 3ª e 4ª séries.....	56
Tabela 26 - Os 10 programas com pessoas/personagens negros mais citados pelas crianças 3ª e 4ª série.....	73
Tabela 27 – 10 programas que mais assistem – 3ª e 4ª série.....	74
Tabela 28 – 10 programas citados como os que a criança mais gosta 3ª e 4ª série.....	74
Tabela 29 – Figuras não conhecidas.....	101

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Beyonce.....	52
Figura 02 – Juliana Paes.....	53
Figura 03 – Pica – pau.....	53
Figura 04 – Personagens do desenho animado Danny Phantom.....	58
Figura 05 – Valery.....	58
Figura 06 – Personagens do desenho animado Lola e Virginia.....	60
Figura 07 – Lazaro Ramos.....	70
Figura 08 – Adriana Alves.....	70
Figura 09 – Juliana Alves.....	70
Figura 10 – Isabel Fillardis.....	99
Figura 11 – Milton Gonçalves.....	99
Figura 12 – Taís Araújo.....	100
Figura 13 – Fabrício Oliveira.....	100
Figura 14 – Flávio Bauraqui.....	102
Figura 15 – Nando Cunha.....	102
Figura 16 – Iran Malfitano.....	102
Figura 17 – Babu Santana.....	103

SUMÁRIO

Páginas

1 – A pesquisa, seu contexto e bases teóricas	
1.1 Introdução	14
1.2 - Porque se estudar a TV?	16
1.3 – Estudos da Recepção: conceitos e contribuições	17
1.4 – Estudos sobre a relação criança e TV	21
1.5 – Identidade, narrativa e narrativas sobre o negro	24
1.5.1 - Construção da identidade do sujeito contemporâneo	24
1.5.2 – A Identidade como construção narrada e a narrativa sobre o negro na TV	26
2 - Indicações Metodológicas: a escola, os sujeitos e as atividades.	29
2.1 - A escola e as crianças	29
2.2 - As atividades de coleta: pressupostos metodológicos	32
2.3 - A escolha das atividades e estrutura para sua produção: entre os objetivos da pesquisa e o que se espera dos sujeitos	33
2.3.1 – As Atividades de coleta de dados	33
2.3.2 - Procedimentos de pesquisa para coleta de dados gerais	34
2.3.3 - Procedimentos de pesquisa para coleta de dados específicos	35
2.3.3.1 - Análise de produtos televisivos	35
2.3.3.2 - Análise da grade televisiva	36

2.3.3.3 – Para quem eu tiro o chapéu?	37
3 - Relação criança e Televisão: a escola, as crianças e suas preferências.	38
3.1 - O que as crianças preferem: <i>Questionário de opinião</i>	38
4 - Narrativas de negros na TV: entre aceitações e rejeições	54
4.1 - Perfil étnico-racial das crianças conforme autoatribuição	54
4.2 - Análise de produtos televisivos: <i>Lola e Virgínia, Danny Phantom e Duas Caras</i> .	57
4.2.1 - <i>Danny Phantom</i> : lição em “ <i>Lições de Vida</i> ”.	58
4.2.2 - Lola e Virgínia: questões de gênero, morais e estéticas - a divulgação do não belo na TV	60
4.2.3 – <i>Duas Caras</i> : recepção ativa, lugar de lições, permanências e rupturas na relação criança e narrativa sobre o negro.	65
4.3 - As crianças e as narrativas de negros na TV: apresentação e discussão das atividades de caráter específico	72
4.3.1 - <i>Análise da Grade Televisiva (AGT)</i> : identificação de um problema racial e proposição de um “outro” lugar para o negro na TV	72
4.3.2 - <i>Para quem você tira o chapéu</i> : reprodução de um recurso da própria TV	72
4.3.2.1 – Interpretações das narrativas: entre o distanciamento e a linearidade	93
4.3.2.2 - Desconhecidos ou ignorados: narrativas mediadas por preconceitos	100
6 – Considerações Finais	105
Referências Bibliográficas	109
ANEXOS	

Anexo A – Atividades para análise de processos de recepção vivenciados por crianças a narrativas que apresentem personagens negros na TV.	116
Anexo B – Formulários de Coleta de dados	124
Anexo C – Sinopse do último capítulo da novela <i>Duas Caras</i>	130
Anexo D – Quadro das figuras utilizadas na atividade <i>Análise da Grade Televisiva</i>	131
Anexo E – Auto atribuição étnico racial das crianças pesquisadas	134
Anexo F – Quadro dos programas com pessoas negras citados pelas crianças na atividade <i>Análise da Grade Televisiva</i> – 3ª e 4ª série	137
Anexo G – Narrativas e modelos não privilegiados 3ª e 4ª série – <i>Análise da Grade Televisiva</i>	140
Anexo H – Quadro geral da Atividade <i>Para quem eu tiro o chapéu</i> – respostas afirmativas e negativas – 3ª e 4ª série	143

CAPÍTULO I

A pesquisa, seu contexto e bases teóricas

1.1 Introdução

Esse trabalho tem por intento refletir sobre as relações da criança com a televisão tendo como referência a narrativa de pessoas/personagens negros em programas televisivos. Tal proposta de trabalho nasceu a partir das discussões realizadas em cursos elaborados pelo Programa Ações Afirmativas da Faculdade de Educação da UFMG e de duas disciplinas do curso de graduação em Pedagogia denominadas respectivamente: *Leitura, Teoria e Prática e Comunicação Educativa*, e também de uma disciplina cursada no programa de Pós-Graduação, desta mesma faculdade, intitulada *Múltiplas Linguagens*.

A participação no Programa *Ações Afirmativas* (cursos e eventos) aguçou ainda mais meu interesse pelas questões sociais e de forma mais verticalizada para as questões do povo negro. As discussões realizadas nestes cursos e eventos tratavam da problemática da constituição da identidade do povo negro, bem como, sobre a formação deste povo. Essas discussões, embora, nem sempre tendo a escola como ponto de partida, muitas vezes, desembocaram em questões escolares, o que, de certa forma, me alertavam e conscientizavam quanto ao compromisso com uma prática coerente e pautada na responsabilidade social.

Cursando as disciplinas citadas acima, pude ampliar meu olhar para outras questões do letramento, como a literatura e os meios de comunicação. Iniciei o entendimento e os estudos sobre as implicações dos veículos de comunicação, como por exemplo, o rádio, a televisão, e o cinema, na educação escolar, entendendo que estes veículos circundam e fazem parte do dia a dia do ser humano. Discutimos o quanto as inovações tecnológicas têm mudado, orientado e desorientado o ser humano, sendo esta uma descoberta inquietante para mim. Tal inquietamento se refere a minha condição de educador que acredita que uma melhor compreensão dos fenômenos envolvidos nesta complexa relação, entre ser humano e as inovações tecnológicas, pode contribuir para melhores práticas educativas e para um melhor entendimento dos fatores que hoje nos constituem enquanto seres humanos.

No caso particular deste estudo, entendendo-se a TV como um meio de comunicação que produz e reproduz cultura, produz narrativas visuais e escritas, e que tem, na atualidade, fundamental importância na construção das identidades, interessa-nos o entendimento de como a criança se relaciona com narrativa sobre o negro na TV, uma vez que historicamente essa narrativa tem sido marcada pela ausência enquanto quantidade, e pela secundarização enquanto qualidade. Partindo do princípio de uma relação ativa da criança com a TV, somos partidários de que com suas experiências de vida elas são capazes de fazer relações com a temática apresentada, nos ajudando a problematizar a forma e o impacto destas narrativas na vida e no mundo das mesmas. Enfim, buscamos responder questões que dizem sobre o “como” as crianças percebem e recebem estas narrativas, quais são as narrativas privilegiadas, quais os elementos de identificação, e quais as mediações fazem parte deste processo de recepção. Tal entendimento tem como objetivo inicial a compreensão dessas relações e posteriormente fomentar práticas, seja no seio das escolas ou em outros espaços de formação, que levem ao uso cada vez mais crítico e consciente da mídia por parte dos cidadãos.

Diante desses objetivos estruturamos esse trabalho da seguinte forma: no capítulo 01, iniciado com a introdução, trazemos elementos do contexto em que se insere a pesquisa, os motivos pessoais que encaminharam o pesquisador para este trabalho e as bases teóricas nas quais se fundamenta o trabalho. No capítulo 02, apresentamos a escola, o sujeitos da pesquisa e os caminhos metodológicos adotados. No capítulo 03, iniciamos a análise dos dados traçando um quadro geral das preferências no campo televisivo das crianças pesquisadas. No capítulo 04, continuamos a análise de dados focando mais especificamente a relação da criança com a narrativa sobre o negro na TV. Este capítulo é dividido em três momentos: um primeiro em que abrimos um parêntese para apresentarmos o perfil étnico racial das crianças da nossa pesquisa conforme os critérios de auto atribuição. Um segundo momento em que trazemos os dados resultantes da apresentação e discussão de dois gêneros televisivos com as crianças, e um terceiro em que apresentamos os dados das atividades que intitulamos *atividades de caráter específico*. Finalmente, no capítulo 05, tecemos algumas considerações finais buscando retomar questões centrais, apresentar limites do trabalho e indicar novos rumos de pesquisa

1.2 Porque se estudar a TV?

O estudo sobre televisão, nos últimos anos, tem sido centrado na compreensão da influência deste veículo sobre o cidadão, e na influência deste na produção televisiva. São estudos, em sua maioria, conforme aponta Denise Lino Araújo (2002), numa perspectiva antropológica que ultrapassam o entendimento da TV como apenas um meio de difusão, e se atentam para a TV a como um meio de produção e reprodução da cultura e da linguagem de uma sociedade. A metodologia utilizada nestes trabalhos tem sido pesquisas etnográficas que, através de entrevistas diretas com os telespectadores, têm superado a dicotomia texto/conteúdo, muitas vezes utilizada nos estudos sobre a televisão. Essas práticas têm superado o foco tradicional que estudava a TV como um agente moldador da sociedade, passando a observá-la como uma instância enunciativa discursiva.

Pode-se dizer também que a TV tem assumido um importante espaço no processo de letramento de muitos grupos sociais. É por meio deste veículo que um grande número de pessoas tem acesso à cultura letrada. *“No Brasil o processo de letramento de muitos grupos sociais, num primeiro momento, se define e se constitui a partir do repertório da cultura midiática, que passa a ser para muitos a primeira (e confiável) fonte de referência e de informação (ARAÚJO, 2002, p. 35)”*.

Conforme constatação da autora citada acima, em meio a um quadro de alto índice de analfabetismo, de ações governamentais e da sociedade como um todo em prol da escolarização, do caminho percorrido pela escolarização até a inserção do aluno na cultura letrada, o sujeito da atualidade têm experimentado a imersão na cultura letrada por outras vias sem que a escola seja agente deste processo. Tais constatações são reafirmadas por Rosa Maria Bueno Fischer (2000) quando diz que a TV contribui decisivamente na formação do sujeito contemporâneo:

[...] defendo a tese de que a TV, na condição de meio de comunicação, ou de linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianas consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas, mais especificamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. (FISCHER 2000. p. 15)

Estudar a TV é, portanto, procurar entender como esta narra ou processa o que ocorre no tecido social. Ela que, segundo Fischer (2000), nos últimos anos tem se apresentado como um lugar privilegiado de aprendizagens. Mais que uma instância responsável pelo lazer e

entretenimento tem assumido outros papéis tornando-se, segundo a mesma autora, “[...] *lugar especial de educar, de fazer justiça, de promover a “verdadeira” investigação dos fatos (relativos a violências, transgressões, crimes de todos os tipos) e ainda concretamente “ensinar como fazer” determinadas tarefas (18)*”.

Estudar a TV é portanto, buscar abordagens que permita entendê-la, como uma linguagem, como um fato social (Fisher 2000). Significa, conforme esta mesma autora, adentrar no mundo das significações que esta produz e aprender a lidar com essa produção cultural. Trata-se do aprendizado de uma cidadania cultural, ou seja, aprender a lidar com um jogo de forças políticas e sociais que ali encontram espaços privilegiados de expressão.

1.3 Estudos da Recepção: conceitos e contribuições

Nos anos 70 os estudos da mídia variavam indo desde o estudo dos efeitos produzidos pelas mensagens ao estudo da seleção da programação de acordo com seus *usos e gratificações*. Nos anos 80 ocorreu um movimento direcionando as pesquisas para a análise dos significados que audiências constroem sobre as mensagens da mídia. Ocorre nessa perspectiva uma mudança de foco nos estudos que passam da crença numa mídia ativa para a crença numa audiência ativa. Em comum às diferentes linhas de pesquisa que se ocupam da Teoria da Interpretação das Audiências é que estas defendem a premissa de que “(...) *o uso e os efeitos da mídia devem ser estudados no que se refere às construções subjetivas de significados, tanto a construção atribuída à mídia quanto as que são desenvolvidas em resposta à mídia*” (White, 1998:58). Segundo White (1998) embora o termo Teoria da Recepção seja amplamente utilizado nos estudos dos meios de comunicação, seria mais correto referir-se a esses estudos como Teoria Interpretativa porque estão mais voltados para a interpretação que as audiências fazem do significado dos produtos culturais do que para os efeitos comportamentais estimulados pelos meios de comunicação. (White, 1998, 58). No Brasil, contudo, a opção é pela terminologia Teoria da Recepção por se acreditar que ela é capaz de abarcar o processo comunicativo em geral. A palavra *audiência* deve se entendida nestes estudos, conforme define White (1998,60) como grupos que se utilizam dos programas de TV como pauta para discussões no dia posterior ou no mesmo dia, como por exemplo, as notícias veiculadas pelos jornais diários. Considera-se também como audiência os discursos de maior amplitude como os realizados por rede fã em revistas especializadas ou meio eletrônico.

Os Estudos da Recepção são considerados uma corrente importante dentro dos Estudos Culturais. Segundo Gomes (2004) o termo Estudos da Recepção

“(…) abriga desde a consideração inicial dos processos de “decodificação” das mensagens até à ênfase nos “usos dos meios “ e no “consumo cultural”; acolhe desde a investigação de campo sobre o modo como os receptores “produzem sentido” a partir dos textos mediáticos até a “etnografia da audiência”, que procura examinar certos encontros entre mídia e receptores a partir de sua inserção no espaço doméstico e nas práticas da vida cotidiana. (GOMES, 2004. p.174)

Em comum a esses estudos é a ênfase na capacidade ativa de recepção dos sujeitos. O pressuposto básico desta linha é que o “a audiência é sempre ativa” e que o conteúdo da mídia é polissêmico permitindo abertura para diferentes interpretações. Neste contexto leitor, telespectador, receptor devem e são considerados sujeitos sociais.

A conceituação do termo *recepção* nestes estudos propõe uma quebra do modelo informacional, de forma que se possa pensar esse processo para além de mais uma etapa no processo de comunicação e possa ser compreendido como “(…) *um lugar novo no qual o processo comunicativo deve ser repensado*” (Gomes, 2004, p. 17). Conforme a autora citada anteriormente dependendo da corrente esse conceito abrange desde o uso e o consumo dos meios de comunicação de massa até processos mais gerais de produção de sentido.

Para pesquisadora Maria Catarina Chitolina Zanini (2005), os Estudos da Recepção se apresentam como uma possibilidade de entendimento do sujeito contemporâneo na sua relação com os meios e tecnologias de informação e também como possibilidade de entender sua participação sócio, política e econômica nos espaços que vivencia.

Na América Latina essa linha tem como expoentes os pesquisadores como Jesus Martín-Barbero, Nestor Canclini e Guillermo Orozco. O surgimento desta linha deu-se com o objetivo de produzir uma teoria da comunicação que tivesse como foco a cultura e as práticas comunicativas da América Latina levando-se em conta o desequilíbrio no processo de informação ocasionados pelas ingerências das instituições políticas e pelos interesses privados dos meios de comunicação.

Jesus Martín-Barbero (Barbero apud Gomes 2004) afirma que os estudos da mídia devem se preocupar com o entendimento da interação entre a lógica da produção e da recepção. A esse processo Barbero (Barbero apud Gomes, 2004) denomina de mediações de interação, luta, resistência e transformação.

As mediações constituem “ (...) um tipo de “espaço” no qual diversas construções de significado podem acontecer, dependendo da lógica cultural do receptor e da possibilidade de negociação que estabelece para a construção do significado.” (White, 1998, 55). Segundo White o conceito de *mediação*:

“(...) mostra muito bem que nenhum ator dentro da complexa rede de mediações pode controlar a construção de significado. Como os atores mudam ou o contexto de vida de qualquer ator muda, assim também acontece ao centro de gravidade deste campo de força. E cada mudança muda também o perfil da hegemonia.” (White, 1998, 58)

Para Barbero (Barbero appud Gomes 2004), na análise da televisão, devem ser considerados três instâncias mediadoras qual sejam a “cotidianidade familiar”, a “temporalidade social” e a “competência cultural”. Barbero (Barbero appud Gomes 2004), se preocupa com a investigação dos modos de apropriação da cultura formas de resistência das classes consideradas subalternas.

Guilherme Orozco Gomés (Orozco appud Gomes 2004) toma de empréstimo o termo *mediação* de Barbero com o objetivo de entender os processos de interação entre a TV e a audiência e desta forma construir condições para a formação do “receptor crítico ativo.” As mediações podem ser “cognitiva”, “estrutural”, “situacional” “institucionais”. As *mediações “cognitiva”* e *“estrutural”* estão centradas no indivíduo. A primeira diz de processos internos, como a maturidade, as fases de desenvolvimento, entre outros que interferem no processo de recepção. E a segunda diz respeito a um conjunto de elementos identitários, como sexo, idade, religião, etnia, etc. que são referências para o receptor e direcionam o seu agir e pensar. A *mediação situacional* diz respeito à situações registradas no momento em que as mensagens encontram o receptor – sozinho, acompanhado, trocando impressões, com atenção dispersa ou exclusiva, no recanto da casa ou num ambiente social, etc. As *mediações institucionais* dizem respeito aos espaços de formação freqüentados pelo receptor. Entre esses espaços formativos destaca-se os partidos políticos, a religião, a escola e a família. As *mediações institucionais* funcionam como “comunidades de interpretação” onde as idéias tomam forma, “*ganham significado e produzem comunicação*” (Machado, 2004:215).

Segundo Baccaga (1998) as práticas culturais funcionam como filtros (mediações) que balizam e interferem no processo comunicacional. O que produz na TV, conforme Barbero (Barbero appud Baccaga, 1998:10) não resulta tão somente das demandas e do sistema

industrial e dos interesses comerciais, respondem também, às exigências que vem da trama social e dos modos de ver. Pode-se pensar, portanto, num receptor *previsível* em determinada cultura, porém um receptor ideal que não se confunde com o receptor sujeito que ressignifica o que ouve e vê a partir das suas vivências incorporando ou não as mensagens produzidas.

“(…) os receptores ideais fazem parte do produto emitido. Mas esses receptores idéias não se confundem com o receptor pessoa (se assim o fosse, todos os produtos dos meios de comunicação teriam sempre êxito absoluto). O receptor-sujeito vai ressignificar o que ouve, vê ou lê, apropriar-se daquilo a partir da sua cultura, do universo de sua classe, para incorporar ou não às suas práticas.” (Baccega, 1998,10)

Neste processo de ressignificação os receptores tornam-se co-produtores da produção cultural.

“São eles que o (re)vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais.” (Baccega, 1998:10)

A vantagem dos estudos da mídia na perspectiva da atividade do receptor é lançar um olhar para além dos efeitos comportamentais, ou na escolha de programas por base em usos e gratificações, é pensar em aspectos que também possam dizer de significados subjetivos para pessoas ou grupos. Assim sendo pode-se dizer como exemplo que:

“A violência na televisão não se traduz diretamente em comportamento agressivo, mas é mediada pelos significados das imagens violentas num dado programa e pelo significado que este retrato da violência em particular, assume na cultura ou para indivíduos específicos dentro de culturas específicas.” (Newcomb appud White, 1998, 59)

Quanto a temas de pesquisa, os Estudos da Recepção na América Latina, capitaneados, pelos pesquisadores citados acima tem orientado diversos trabalhos que abordam a temática mídia e identidade. Nestes estudos, a identidade étnica é compreendida como mediadora na relação receptor e mensagem recebida. A concepção de receptor com o qual se trabalha é de que este não é passivo, isto é, produz e reproduz sentido a partir do que lhe é apresentado.

Na Teoria da Recepção cada vez mais o conceito de identidade e de identificação torna-se central porque segundo essa teoria a identidade é uma questão de “gosto e preferência” cujos elementos identitários encontram-se dentro de um contexto cultural e das possibilidades oferecidas por essa cultura. A identidade é, portanto, formada nas relações dialéticas com outros indivíduos.

“A descoberta de que a mídia fornece o ambiente próprio para uma espécie de fórum de debates sobre as identidades e tipos culturais com os quais estamos lidando, sugere outra importante dimensão desta visão a respeito da audiência: ninguém forma sua identidade em completo isolamento social.” (White, 1998,61)

Os Estudos da Recepção trazem de volta para os Estudos da Mídia discussões sobre a audiência, o intercâmbio e o diálogo, como componentes do processo de recepção. Podemos dizer também que, a importância dos Estudos da Recepção está em que, segundo Baccaga (1998) o processo de recepção, entendido, como ato cultural tem importante papel na construção da realidade social. Pode-se, portanto, por meio dos estudos perceber os discursos que são apropriados de forma transitória e os discursos que são incorporados de forma permanente pelos sujeitos receptores no usufruto de suas práticas culturais.

No que concerne a esse trabalho, diante das considerações destes estudos, alguns questionamentos nos acompanharão na trajetória da pesquisa: Quais mediações fazem parte da apreensão da narrativa sobre o negro na TV? É possível determinar a prevalência de uma mediação sobre a outra? Que aspectos devem ser considerados na relação criança e narrativa sobre o negro na TV, no que tange, a construção da identidade negra?

1.4..Estudos sobre a criança e a TV

No que tange o estudo da relação criança e televisão, vários trabalhos abordam essa relação. No geral, são estudos que abordam a relação temporal, os usos e escolha dos produtos, a imagem de infância, a recepção ao produto midiático, e trabalhos centrados na proposta de uma educação para o uso crítico da mídia.

Os estudos que se ocupam da relação temporal e usual da criança com a mídia têm verificado uma intensa exposição da criança à televisão. O estudo de Jô Groebel (2002), cujo foco principal foi o entendimento do papel da violência na mídia sobre crianças, e também questões de acesso e uso da mídia pelas crianças, mostrou que a televisão é a mídia mais difundida entre crianças até 12 anos no mundo. Conforme esta pesquisa, a televisão na vida das crianças é uma atividade dominante, uma vez que, elas passam em média, três (3) horas diante da TV. Isso, segundo o autor, representava cinquenta por cento (50%) a mais que a dedicação das mesmas às outras atividades estudadas, como Lição de casa, ajuda à família, brincar fora, ficar com os amigos, ler, ouvir rádio, ouvir fitas ou CDs, usar computador.

Quanto aos estudos da imagem da criança na TV¹ muitos se encontram no campo da publicidade. Estes tem por objetivo estudar a linguagem utilizada pela mídia na relação com a criança. Os trabalhos focam a ação da publicidade para atingir a criança enquanto consumidora.

Ainda sobre estudos da relação TV e criança citamos trabalhos² cuja preocupação maior é com o sentido, com as formas de apropriação que as crianças fazem de alguns produtos televisivos. O trabalho de Rosália Duarte e integrantes do Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia – GRUPEM/PUC-RIO, denominado “*Crianças, Televisão e Telejornais*” é bastante elucidativo deste movimento. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior intitulada “*Crianças, televisão e valores morais*”, cujo objetivo principal é investigar como as crianças dão sentido ao que vêem pela TV. A pesquisa trás dados importantes para o entendimento da relação das crianças com a televisão, bem como, sobre a realidade da criança brasileira como um todo. Segundo a pesquisa o Brasil é uma das sociedades mais audiovisuais do planeta, sendo que mais de 90% dos lares brasileiros têm pelo menos um aparelho televisão. Um dos motivos apontados para tal exposição, segundo os autores é o horário escolar reduzido e as poucas possibilidades de esporte e lazer.

Alguns dos resultados deste trabalho podem ser assim resumidos: as crianças revelam interesse para falar sobre o tema televisão; reclamam do excesso de violência veiculado pela TV, estando essa violência diretamente ligada ao conteúdo dos telejornais. Revelam também uma visão crítica da programação o que não inibe o gosto e o prazer em ver TV; gosto eclético que (vai desde telenovelas a programas educativos); apresentam a TV como um dos poucos espaços de lazer; revelam conhecimento analítico – comparação, escolha, endereçamento – sobre o que é transmitido. Enfim nesta pesquisa as crianças revelam um conhecimento de uso da TV que, segundo os autores, vem do convívio diário e prolongado que promove uma familiaridade com a linguagem e com o formato. Advêm também do uso recorrente e paciente do controle remoto para fazer escolhas, dos diálogos entre pares sobre a TV, e dos materiais que lêem e ouvem sobre este veículo.

¹ Essa temática de pesquisa está presente nos seguintes trabalhos: TONIN (2004); CREPALDI, FILHO & Outros (2004); YANAZE & YANAZE (2002), RODRIGUES (2006), SAMPAIO E BARROS (2003 e 2005).

² Além do trabalho citado há outros nesta mesma direção como, por exemplo, o trabalho de MAGALHÃES (2002) e o de NASCIMENTO E SILVA (2005)

Por fim citamos a existência, também de trabalhos cuja preocupação é formar as crianças para um uso crítico do produto televisivo³. Esses trabalhos alertam para a dimensão construtora de identidade que é atribuída à mídia. A pesquisadora Lauren Ferreira Colvara (2006) reafirma o poder formativo da mídia justificando assim a necessidade de uma “alfabetização” áudio visual.

[...] a realidade está definida na mídia, porque esta constrói as imagens do mundo em que se vive produzindo ideologias, desta forma a TV também detém o poder sobre a existência das coisas, exatamente pela difusão de idéias, formatação de imagem e criação da opinião pública, conseqüentemente, constrói identidades pessoais ou sociais, o mundo o qual o sujeito está inserido, independente de ser criança ou adulto. (COLVARA, 2006, p.1)

Contudo, no conjunto de tendências de estudo citadas o entendimento da relação criança e televisão ainda apresenta lacunas como bem aponta Cláudio Márcio Magalhães (2002) no trabalho intitulado “*Para pensar a criança e a televisão depois de Bernard Charlot*”. Neste trabalho, o autor fala da singularidade do ser criança. Para o autor, a criança precisa ser considerada como um ser social, diferente do adulto, mas que possui formas próprias de comunicar e interagir como os meios de comunicação.

Nossa pesquisa dialoga com os trabalhos cuja preocupação é a recepção dos produtos televisivos por parte das crianças. Sua contribuição está, contudo, em dois pontos: o primeiro no recorte racial a que ele se propõe e cuja revisão teórica aponta uma carência de trabalhos que tem por intento a percepção dos processos de constituição de identidade e identificação racial vivenciados por crianças (CARVALHO, 2005). O segundo ponto diz respeito ao aspecto educativo. Embora não tendo essa pesquisa o objetivo de verificar práticas escolares que utilizem a televisão, até mesmo pela pouca existência dessas nos espaços escolares, ela pode gerar um conhecimento prático no sentido de fomentar propostas de trabalho com a televisão no ambiente escolar.

Ressaltamos, no entanto, que não há de nossa parte pretensão de esgotar o assunto, que é rico e polêmico. Há, no entanto, o desejo fervoroso de levantar elementos de uma discussão ainda pouco realizada e conseqüentemente dar continuidade para que o conhecimento produzido possa auxiliar as escolas ou outras instituições de formação que se interessem pelo uso consciente e produtivo da TV na educação.

³ Refiro-me aos trabalhos de: COLVARA (2006); PEREIRA, SOUSA & SALGADO (2005)

1.5 Identidade, narrativa e narrativas sobre o negro

Na atualidade, o estudo da mídia tem se voltado para a compreensão de seus significados, sua produção e divulgação. Também sobre as formas de representação dos grupos sociais e culturas no espaço midiático. Neste sentido, recorreremos à leitura de teóricos estudiosos da cultura como Stuart Hall e Néstor Canclini e de autores que abordam a problemática das relações entre Mídia e Educação, como Rosa Maria Bueno Fischer e Renato Ortiz, e também aos estudos que abordam, no devir histórico, a situação do negro na TV Brasileira como os trabalhos de Joel Zito Araujo. Referenciando-nos nesses autores procuramos problematizar o conceito de identidade e sua constituição no mundo contemporâneo, o conceito de narrativa, o decurso histórico do negro na TV brasileira e as relações entre a TV e a construção de identidade. Ressaltamos, porém, que a discussão anunciada neste tópico perfaz toda a dissertação, de forma que, por agora, estaremos apresentando apenas os elementos bases que norteiam nosso trabalho.

1.5.1 Construção da identidade do sujeito contemporâneo

O estudo da identidade hoje não pode estar centrado somente na observação de determinadas categorias que fixam a identidade dos sujeitos, mas também na possibilidade de uma identidade “hibridizada”, visto que, segundo Canclini (2001) a identidade é constituída como elemento de várias culturas

A hibridação seria, de acordo com o pensamento de Canclini, os processos socioculturais em que estruturas e práticas, que existiam de forma separada, são combinadas para gerar novas estruturas, objetos ou práticas (CANCLINI, 2000, p. 2). Tais processos de hibridação são permanentes e põem em questionamento a existência de uma identidade única, bem delimitada.

Nessa direção, em *Identidades Culturais na Pós-Modernidade* (2000), Stuart Hall apresenta três conceitos de identidade: Sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e Sujeito pós-moderno. O Sujeito do Iluminismo é assim definido:

[...] baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que imergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo o

mesmo contínuo ou “idêntico” a ele ao longo da existência do indivíduo. (Id., p.11)

Quanto ao sujeito sociológico sua identidade:

[...] é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2000, p.11)

O Sujeito Pós - moderno é conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente, “[...] *é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor do “eu coerente”.* (HALL, 2000, p.11)

Os três conceitos diferem-se um do outro. O primeiro, sujeito do iluminismo, apresenta uma identidade que a priori nasce com o indivíduo. Na segunda definição tem-se um sujeito que é formado em duas instâncias: o mundo pessoal e o mundo público. E já na terceira é o sujeito “híbrido” formado historicamente e ao sabor desta história. Hall afirma ainda que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconfortante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar temporariamente. (HALL, 2000, p. 13)

Nessa complexidade em que se torna o estudo e o entendimento da identidade, o papel da ciência é ser capaz de tornar visível a heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos em um mesmo grupo ou sujeito, e também ser capaz de perceber as continuidades e rupturas e os processos de hibridização (CANCLINI, 2001, p. 138). Nosso trabalho, ao privilegiar a narrativa sobre o negro dentro de um veículo de inquestionável participação na vida moderna e na tentativa de perceber os processos pelos quais as crianças recebem essas narrativas, pode contribuir para elucidar algo ainda pouco conhecido e de considerável importância que são os processos de formação étnica da criança brasileira.

1.5.2 A identidade como construção narrada e a narrativa sobre o negro na TV

Segundo Canclini (2001), *a identidade é uma construção que se narra*". Conforme este autor durante muito tempo os livros didáticos, os rituais cívicos e os discursos políticos foram instrumentos utilizados para formação da identidade de um povo. Neste movimento de constituição da identidade os meios de comunicação se fizeram e fazem presente. Como exemplo o autor cita o cinema mexicano que nos anos 1940 –1950 através de sua narrativa foi um elemento unificador de grupos que, embora afastados geograficamente, se reconheciam como uma totalidade. Na atualidade, segundo Canclini (2001) as identidades "(...) se organizam cada vez menos em torno de símbolos nacionais e passam a formar-se a partir do que propõem, por exemplo, *Hollywood, Televisa e MTV*."

Ainda segundo esse autor:

"A identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra. A globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades a-históricas e ensimesmadas." (117)

Conforme o referido autor, os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios de comunicação juntamente à globalização da vida urbana são fontes relevantes na formação identitária na atualidade. Torna-se necessário, portanto, entender como os segmentos mundializados (gordos, velhos, desencantados, etc.) compartilham gostos e costumes convergentes (Ortiz, apud, Canclini 2001:135).

A globalização não faz com que as nações e as etnias deixem de existir, no entanto deixam de ser os principais meios de coesão social. A dificuldade é o entendimento, no campo da pesquisa, de como essas identidades étnicas se reprocessam em meio à processos de hibridização cultural (Canclini 2006). Entendemos que devido a própria condição híbrida da identidade na atualidade que a percepção da mesma nos apresenta um aspecto complexo para a pesquisa, no entanto, nos propomos a dialogar sobre a mesma tentando compreender movimentos de continuidade, ruptura e hibridização presente na fala das crianças pesquisadas.

Consideramos, portanto, neste trabalho todo repertório textual e iconográfico como *narrativa*, ou seja, todo o movimento que através de texto e imagem traduzem modos de existência no mundo globalizado marcado pela heterogeneidade e pela hibridização cultural. Como narrativa sobre o negro na TV devemos, diante disso, entender a forma como este grupo

étnico se encontra representado neste veículo de comunicação. Neste trabalho, dialogamos com os elementos narrados na atualidade sobre o negro na mídia relacionado-os a percepção da criança no entendimento de como se processa essa relação na formação e construção da identidade das mesmas.

Historicamente, temos uma narrativa sobre o negro na TV brasileira que se caracterizou pela secundarização, ausência e marginalização deste grupo neste espaço midiático. O trabalho de Araújo “*A negação do Brasil*” citado por Ramos (2002) apresenta uma análise feita durante cerca de quatro anos na qual o autor examinou 70% das telenovelas no Brasil e fez um mapeamento para identificar personagens e atores negros nas telenovelas. Araújo constatou que em mais de um terço das telenovelas não apareceu ator negro.

O estudo também aborda a forma como o negro foi apresentado nessas telenovelas executando sempre papéis subalternos – empregados, copeiros, motoristas e semelhantes – e em alguns casos papéis de bandidos, marginais e ladrões. Para o autor o que marca não é o fato do negro realizar o papel de pessoa subalterna, mas a secundarização dos papéis desempenhado pelo negro. Um negro só pode ser personagem se o papel for de pouca importância.

Ainda, segundo considerações de Araújo, a preocupação dos autores em narrar nas telenovelas a realidade brasileira iniciou-se após a década de 70, sendo esse um fator positivo. A explicação para tal fato, é que nos anos 70 a indústria da telenovela incorporou autores de esquerda preocupados em apresentar nas telenovelas os conflitos reais existentes na sociedade brasileira. O problema, para Araújo, se encontra na redução por estes autores do problema racial em problema de classe.

[...] a cabeça típica da esquerda no Brasil sempre achou que o problema racial é, na realidade, um problema de classe, e não consegue fazer uma conexão entre essas duas coisas, o que acabou acontecendo é que o autor de telenovela não considera importante falar da vivência, dos sofrimentos e dos conflitos a partir da condição de ser negro no Brasil. (ARAÚJO apud RAMOS, 2002, p. 65)

Cabe perguntar: essa forma de narrativa sobre o negro pode ser aplicada aos programas privilegiados e assistidos por crianças? Se sim, como seria o processo de recepção destes programas pelas crianças? E ainda, estaria a televisão, através destas narrativas, cristalizando ou expondo diferenças?

Fischer (2003) defende a idéia que a luta em torno das diferenças está presente também na TV e nela circula. Para esta autora as diferenças existem e se afirmam em lutas concretas. A questão a se pensar é como são nomeadas essas diferenças. Ou seja:

Em que medida todos esses diferentes são tratados como diferença a ser excluída ou normalizada; ou então, numa outra perspectiva: em que medida esses “outros” ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente? (p.42)

Outro aspecto importante é a mudança que a televisão vivência no seu processo histórico de constituição. Em um momento passado, as mídias começaram a reelaborar o imaginário da população incorporando elementos da cultura negra e índia, e ao mesmo tempo desarticulando as identidades étnicas. No momento atual de intensa globalização, há um fenômeno de emergência das identidades étnicas, e de intensa pressão sobre as mídias pelo seu reconhecimento. Podemos dizer que estamos num período da história da humanidade em que o movimento não é mais do homem do campo migrando para a cidade procurando se integrar à sociedade de massa, mas do homem rompendo fronteiras geográficas e culturais. A marca central desse tempo é a intensa circulação planetária.

É necessário ainda dizer que a identidade e a identificação racial é um processo contínuo, portanto, temos consciência que as relações que as crianças desta pesquisa fazem com as narrativas do negro na TV, dizem de um processo não findado, mas que, no entanto, perseguimos regularidades, singularidades que possam nos dizer das nuances deste processo para que obviamente possamos pensar em processos educacionais marcados por ações afirmativas.

CAPÍTULO II

Indicações Metodológicas: a escola, os sujeitos e as atividades

Neste capítulo apresentaremos a escola em que a pesquisa foi realizada, bem como o perfil dos alunos que fizeram parte do trabalho. Seqüencialmente, serão descritas as atividades que foram realizadas, seus pressupostos e bases teóricas.

2.1 A escola e as crianças

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal na cidade de São José da Lapa, cidade pertencente à região metropolitana de Belo Horizonte. A escola funciona no turno diurno e atende aproximadamente 400 crianças nos dois períodos (manhã e tarde). A pesquisa foi realizada no período da manhã, período em que funciona, respectivamente, a segunda, a terceira e a quarta série. Essa escola tem oito anos de funcionamento, e segundo a diretora atende alunos cujas famílias pertencem às classes média e baixa da região. É uma escola aberta a projetos⁴ que atendam a comunidade e talvez, por isso, tenha se mostrado extremamente receptível à nossa proposta de pesquisa oferecendo, dentro da sua possibilidade, condições quanto ao espaço e flexibilidade nos dias e horários, para a realização da pesquisa.

O trabalho de campo foi realizado em onze (11) encontros semanais, perfazendo um período de seis meses (junho – novembro de 2008). Ocorreram, no entanto, períodos e semanas em que, por motivos de calendário, disponibilidade do pesquisador, não foi possível realizar os encontros. Esclarecemos também que cada encontro foi realizado tendo em vista as atividades planejadas para a pesquisa e que estes aconteceram na biblioteca da escola, onde havia uma televisão, e também na sala de aula. O horário disponibilizado pela escola foi o horário de biblioteca e, por conseguinte, na maioria das vezes, a professora que acompanhou as crianças não foi a professora de referência e sim a professora de biblioteca. Houve também encontros em que o pesquisador ficou sozinho com as crianças. Ambos os aspectos (acompanhamento

⁴ Projeto *Criança negra, criança linda* desenvolvido em parceria com a prefeitura da cidade.

feito por um professor não referência e os encontros somente com as crianças) tiveram efeitos diferentes, mas nada que invalide os dados aqui apresentados.

Realizamos os encontros com duas turmas, sendo uma de terceira e uma de quarta série, as quais foram escolhidas aleatoriamente. A terceira série possuía 31 crianças na faixa etária de 09 a 11 anos. E na quarta série também 31 crianças na faixa etária de 09 a 12 anos⁵.

Tabela 01

Faixa etária das crianças – 3ª série

Idade	Crianças
09 anos	22
10 anos	05
11 anos	04
Total	31

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

⁵ Na terceira série trabalhamos com 30 crianças porque uma delas saiu no decorrer da pesquisa. Esclarecemos também quem nem sempre o número total de crianças participou das atividades seja por terem faltado à aula ou por estarem em outra atividade já determinada pela escola – aula de reforço e treinamento para campeonato interescolar.

Tabela 02

Faixa etária das crianças – 4ª série

Idade	Crianças
09 anos	01
10 anos	15
11 anos	05
12 anos	03
Não colocou	07
Total	31

Fonte: Atividade de coleta *Questionário de Opinião*

A escolha desta faixa etária se ancorou nas propostas de trabalho que pretendíamos desenvolver, pois, exigiam dos alunos habilidade de registro escrito como, por exemplo, o preenchimento de um questionário de opinião. Outro fator que nos levou a trabalhar com crianças nesta faixa etária diz respeito ao momento de desenvolvimento em que elas se encontram como afirma Magalhães (2005):

Uma fase de pré-adolescência em que a criança já tem um importante domínio do mundo, possui suas concepções e personalidade bastante desenvolvidas, mas ainda é dependente emocionalmente, continua com brincadeiras infantis e seu foco de atenção ainda não é totalmente influenciado pelas transformações hormonais que ocorrem na adolescência. (p. 104)

Portanto, somos partidários de que com as experiências de vida das crianças elas são capazes de fazer relações com a temática apresentada, nos ajudando a problematizar a forma e o impacto destas narrativas na vida e no mundo das mesmas.

Para efeito dessa pesquisa a questão de gênero (masculino e feminino) não foi plenamente priorizada, muito embora, tenhamos constatado diferenças na participação das crianças no tocante a este quesito. Na quarta série, as meninas foram mais atuantes nas discussões,

principalmente quando a produção analisada foi uma novela.. Já na terceira série houve um leve equilíbrio tendendo mais para uma participação majoritária dos meninos.⁶ Como última observação, nos referindo ainda às crianças pesquisadas, esclarecemos que os nomes utilizados são fictícios de forma a resguardá-las de qualquer constrangimento.

2.2 As atividades de coleta: pressupostos metodológicos

Nesta pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa utilizando como recurso metodológico a participação interventiva do pesquisador enquanto mediador. Esta escolha teve como aportes teóricos trabalhos como o de Fischer (1993) e o de Magalhães (2005)⁷ que abordaram a relação entre criança e televisão. Os trabalhos acima mencionados nos informaram do gosto e receptividade da criança em falar de assuntos referentes ao mundo televisivo, bem como da necessidade de instrumentos que fomentem o interesse e um clima de conversa e troca de informações na pesquisa de campo.

Guiou-nos também, em nossas escolhas metodológicas, a perspectiva de que é necessário criar estratégias que dêem acesso ao processo de recepção das mídias pelas crianças, usando em certa medida, os próprios gêneros escritos que se referem à televisão, assim como textos não verbais envolvendo personagens ou cenas televisivas e, às vezes, o formato de alguns gêneros televisivos. Além disso, buscou-se contemplar em primeiro lugar aspectos mais gerais envolvendo a televisão para depois focalizar a narrativa de personagens negros.

Quanto à classificação étnico racial das crianças, optamos por trabalhar com sujeitos de várias etnias e observar, mais especialmente, as relações que as crianças negras faziam no momento das discussões. Pelo menos três motivos pesaram em nossa opção. O primeiro foi a tentativa de trabalhar com uma maior diversidade étnico racial. O segundo foi a própria dificuldade que é classificar racialmente as crianças e os adultos no Brasil. E o terceiro foi a própria questão

⁶ Na terceira série das 31 crianças 61% era do sexo masculino e 12% do sexo feminino. Na quarta série para o mesmo número de crianças a proporção se invertia.

⁷ O trabalho de Rosa Maria Bueno Fischer a que nos referimos foi desenvolvido no ano de 1993 tendo como título “*O mito na sala de jantar: leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre televisão*”. Os objetivos principais, conforme a autora, foram “em primeiro lugar, identificar e analisar a presença do mito na TV, [...]; e em segundo, mostrar a relevância da operação do telespectador diante das informações que recebe”. Já o trabalho de Claudio Marcio Magalhães data do ano de 2005 e teve por título “*Do Pocinho ao Cabeças: a televisão pelo olhar das crianças de Ouro Preto*.” Claudio Magalhães trabalhou com a concepção de criança como aquela que interage a todo instante com o mundo em seu processo de crescimento e teve como objetivo compreender como as crianças estavam interagindo com a Televisão.

estrutural do lugar em que fazíamos a pesquisa – como separar um grupo de crianças das suas atividades rotineiras para a realização da pesquisa? Para definirmos quem era negro ou não usamos o processo de autoatribuição em que a criança se auto classifica por meio de questões abertas e fechadas.⁸

Em consonância com as propostas e opções metodológicas descritas acima trabalhamos com atividades que envolveram a apresentação e discussão de programas televisivos, preenchimento de questionário de opinião e análise de artefatos relacionados à mídia.

2.3 A escolha das atividades e estrutura para sua produção: entre os objetivos da pesquisa e o que se espera dos sujeitos

2.3.1 As atividades de coleta de dados

Embora sabedores do interesse e receptividade da criança em falar de assuntos relativos a TV tememos não encontrar condições para um diálogo que nos oferecesse subsídio para responder nossas questões devido a especificidade e complexidade do assunto a ser abordado. Nosso temor se ancorou na crença de que a especificidade do trabalho, possivelmente, nos levaria a tratar de assuntos polêmicos, como o preconceito e o racismo, os quais, muitas vezes, embora façam parte, não encontram abertura para discussão na rotina do trabalho escolar. Diante dessa questão procuramos em primeiro lugar motivar as crianças escolhendo produtos para análise que fossem interessantes para elas e, também, elaborando instrumentos variados de forma que a somatória e o cruzamento dos mesmos nos propiciasse elementos mais consistentes e condizentes com nossos questionamentos.

Foram elaboradas oito atividades de coleta de dados⁹ as quais foram problematizadas conforme os objetivos da pesquisa. Na construção de cada atividade procuramos explicitar na mesma o “porque” desta para pesquisa, os pressupostos em relação à criança, e os procedimentos requeridos em cada atividade.

⁸ O processo utilizado bem como os dados do mesmo serão apresentados no capítulo 04 em que trabalhamos a análise de produtos televisivos.

⁹ Optamos pelo uso do termo “atividades de coleta de dados” em substituição à palavra instrumento de pesquisa uma vez que a primeira é mais corrente no cotidiano da escola. Todas atividades encontram-se nos anexos.

De forma geral, intentávamos saber das crianças: quais os programas e pessoas negras conhecidas (reconhecimento); que apreciação faziam destas narrativas (identificação) e quais os elementos presentes no movimento de apropriação das mesmas (mediações). As atividades foram elaboradas tendo em vista dois momentos. O primeiro foi relacionado à apreensão de dados mais gerais sobre a relação das crianças pesquisadas com a TV e o segundo momento visou a apreensão de elementos mais específicos no que tange às narrativas do negro na TV. Preocupamo-nos também em contrabalancear as atividades de forma que após uma atividade de registro escrito, que poderia ser considerada “chata” e/ou “cansativa” fosse realizada uma atividade de coleta com características lúdicas.

2.3.2 Procedimentos de pesquisa para coleta de dados gerais

Para este fim elaboramos duas atividades, sendo uma de apresentação e um questionário de opinião. Com a *Atividade de Apresentação* tivemos por intento, como próprio nome diz, apresentar o pesquisador, a pesquisa e motivar as crianças para participação nos encontros. Realizamos uma brincadeira baseada em outra muito conhecida pelas crianças denominada “batata quente”. Esta atividade, além da motivação, nos serviu também para uma sondagem sobre o conhecimento da relação das crianças com a TV.

A outra atividade de caráter mais geral foi o “*Questionário de Opinião*”. Para a elaboração deste questionário, recorremos e tiramos como base o modelo de questionário aplicado por Magalhães (2005), com algumas modificações necessárias para o nosso fim, principalmente no tocante ao número de questões¹⁰. Optamos por um questionário mais enxuto no intuito de facilitar e não cansar as crianças logo nos primeiros encontros da pesquisa. O questionário, em nossa pesquisa, teve a função de dar conta dos aspectos quantitativos da relação da criança com a televisão e, principalmente, nos informar dos programas assistidos e preferidos por elas. Da criança esperávamos que ela fosse capaz de expressar sua relação de uso da televisão explicitando a intensidade e as relações afetivas com a mídia. A importância da aplicação deste questionário esteve no fato de que ele foi um precioso indicador dos programas e gêneros a serem escolhidos posteriormente, para apresentação e apreciação das crianças, através das rodas de conversas

¹⁰ O questionário de Magalhães contou com 25 questões fato que embora o pesquisador tenha preparado as crianças para responderem o mesmo no final da pesquisa foi um complicador devido ao número grande de questões.

As informações solicitadas neste questionário nos levaram a uma primeira análise e a resposta a seguinte questão: “dos programas que as crianças assistem quais apresentam pessoas/personagem negros.”

2.3.3 Procedimentos de pesquisa para coleta de dados específicos

Realizadas as atividades de conhecimento geral, partimos para um segundo momento em que foram aplicadas atividades que tinham como característica principal a obtenção de dados mais específicos da relação da criança com as narrativas do negro no espaço televisivo. Essas atividades foram assim denominadas: “*Análise de Produtos Televisivos*”, “*Análise da Grade Televisiva*” “*Roda de Conversa sobre a Análise da Grade Televisiva*”, “*Para Quem eu Tiro o Chapéu?*” “*Descrição de Papéis Sem Modelo Prévio*”¹¹

2.3.3.1 Análise de produtos televisivos

O princípio básico desta atividade foi a escolha de dois gêneros apreciados pelas crianças e que também contemplassem o objetivo da pesquisa, ou seja, um produto televisivo que tivesse pessoa/personagem negro, o qual seria gravado e apresentado às crianças para posterior diálogo através de rodas de conversa. Na roda de conversa, buscamos captar os elementos de leitura, comparação e identificação utilizados pelas crianças. Também exploramos a capacidade das mesmas em relacionar as pessoas/personagens nas narrativas. Quanto às crianças pressupomos que elas fossem capazes de analisar os papéis e a função de cada pessoa/personagem na narrativa, bem como manifestar aspectos de sua identificação com as pessoas/personagens negras. Para que houvesse uma maior participação das crianças, o diálogo foi conduzido de forma livre, pontuando-se, contudo, quatro itens que particularmente nos interessava na pesquisa: saber da audiência do produto (quem já assistiu?); saber da apreciação do produto (quem gosta do produto, por quê?); comparação entre os personagens da narrativa (Você é o diretor do programa e houve um corte de despesa

¹¹ Os dados da atividade “*Descrição e composição de cenas*” não serão utilizados totalmente nesse trabalho uma vez que tivemos problemas em sua concepção e execução. Na concepção idealizamos uma atividade que tivesse um caráter mais “livre” para que as crianças pudessem se expressar, no entanto na execução ela se mostrou pouco aberta e confusa uma vez que imaginávamos um conhecimento que muitas crianças não possuíam desvirtuando o objetivo central da atividade.

na produção qual personagem você retiraria e por quê?); verificar processos de identificação (Você foi escolhido para representar um desses personagens qual você acredita que poderia ser, ou qual personagem você gostaria de ser e por quê?).

2.3.3.2 Análise da grade televisiva

Essa atividade apresentou questões de caráter geral e específico. A fonte de inspiração da mesma foi uma atividade do livro *Língua Portuguesa* de Puntel & Chaguri (2001) destinado à 4ª série.¹² Na atividade que nos baseamos, os autores solicitaram às crianças que escrevessem um texto opinativo sobre a programação da televisão e que neste texto analisassem e expressassem quais programas contribuem para a formação cultural de seus pares e quais programas valorizam a discussão de temas importantes para a sociedade. Sem julgamento quanto à eficácia da proposta, nem do lugar em que ela se encontra (último capítulo do livro), nos apropriamos da idéia para construirmos nossa 4ª atividade que, como citado acima, denominamos “*Análise da grade televisiva*”. Dentro do contexto da pesquisa procuramos com a atividade, buscar informações sobre o universo de conhecimento dos alunos sobre a TV, como também, através da grade de programação, pesquisar a participação do negro na TV e sua forma de participação. Em relação às crianças, acreditávamos que, nesta atividade, elas fossem capazes de expressar seu conhecimento sobre a grade de programação televisiva, e esperávamos também que as mesmas pudessem se posicionar criticamente em relação à programação. Utilizamos grades divulgadas em jornais impressos nos meses de maio a agosto.¹³ Quanto a atividade “*Roda de conversa sobre a AGT*” foi uma retomada da atividade anterior em que procuramos conversar com as crianças sobre as questões que o pesquisador não havia entendido (seja pela grafia ou desconhecimento da pessoa/programa/ou personagem citado pela criança), e sobre respostas que, a nosso ver, traria mais elementos do “como” as crianças percebem e recebem a narrativa sobre o negro na TV.

¹² A atividade se encontra na unidade 6 do livro a qual é intitulada *Televisão*. A unidade tem propostas de atividades como mesa redonda, conversa sobre textos literários e jornalísticos no intento de propiciar à criança um olhar crítico quanto a forma de ver e quanto a forma de produção da mídia.

¹³ Na terceira série foram utilizadas 07 grades do mês de maio, 09 de junho e 13 de julho. Já na quarta foram: 07 grades do mês de maio, 08 de junho, 11 de julho e 01 de agosto.

2.3.3.3 “Pra quem eu tiro o chapéu?”

Essa atividade foi inspirada em um quadro televisivo apresentado em TV aberta¹⁴. Buscamos, com ela, aproximar uma escolha metodológica da própria linguagem televisiva. Para pesquisa a atividade teve por objetivo coletar informações quanto aos motivos de preferência por parte das crianças, em relação às pessoas/personagens narrados na televisão. Outro objetivo da atividade foi perceber o posicionamento da criança em relação às narrativas televisivas. Além disso, identificar se o posicionamento fazia referência à pessoa ou à personagem incorporada pelo ator ou atriz. Quanto à criança requeríamos dela a capacidade de argumentar contra ou a favor do que estava sendo narrado na TV. No contexto de nossa investigação a atividade se restringiu na apresentação de gravuras de pessoas/personagens pertencentes ao meio televisivo e na solicitação de que a criança assumisse o papel de celebridade e opinasse a respeito das figuras colocadas em um painel.

Pontuamos, a título de consideração, que o conjunto da metodologia adotada, bem como o processo de construção da mesma, foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Podemos dizer, com certeza, que as atividades demonstraram coerência com a premissa da recepção ativa por parte das crianças e de que esta, balizada por sua experiência de mundo, constrói e reconstrói o que vê na TV. Não obstante essa sintonia das atividades com nosso referencial teórico destacamos também a postura aberta da metodologia, a diversificação nas atividades de coletas e o caráter dialógico e formativo das mesmas que muito contribuiu para nossa análise final.

¹⁴ “Para quem você tira o chapéu” é um quadro da atração intitulada *Programa Raul Gil* comandado por apresentador do mesmo nome. O programa vai ao ar uma vez por semana (sábados) e segundo informações encontradas no site da emissora www.band.com.br o quadro é apresentado no programa desde 1991 se constituindo em mais uma “[...] referência positiva na carreira de Raul Gil.” A estrutura do quadro se resume na participação de uma personalidade que convidada pelo apresentador manifesta suas preferências (afetos e desafetos) comandados pela pergunta “Pra quem você tira o Chapéu”.

CAPÍTULO III

Relação criança e Televisão: a escola, as crianças e suas preferências

Neste item com base nos dados do *Questionário de Opinião* descreveremos o quadro geral das preferências das crianças pesquisadas no campo televisivo. Na descrição dos dados a seguir procuraremos dialogar com a literatura que, por vezes, confirma ou mesmo problematiza as escolhas das crianças desta pesquisa.

3.1 O que as crianças preferem: *Questionário de opinião*

O questionário de opinião foi a segunda atividade realizada com as crianças e teve por objetivo identificar os programas assistidos, bem como, buscar dados qualitativos sobre suas preferências. Esse questionário deveria funcionar como norte para escolha dos programas a serem discutidos nos encontros seguintes, uma vez que a proposta era tentar fazer com que as atividades de pesquisa pudessem ser prazerosas para as crianças, o que acreditávamos faria com que elas participassem com maior interesse das atividades.

Em linhas gerais as questões buscavam dados da relação da criança com a TV: com quem assiste, o que assiste, o que gosta, o que não gosta, tempo dedicado à TV e modelos escolhidos¹⁵.

A primeira questão “você assiste televisão” teve uma adesão positiva de 100% nas duas turmas.

¹⁵ Atividades de coleta de dados – anexo A

Tabela 03

Questão 01 - você assiste TV? - 3ª série

Sim	29
Não	0
Total	29

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Tabela 04

Questão 01 - você assiste TV? - 4ª série

Sim	28
Não	0
Total	28

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Esse dado vai de encontro à pesquisa (GROEBEL, 2002)¹⁶ que mostra que a televisão é a mídia mais difundida, no mundo, entre crianças de 12 anos. No Brasil, segundo Duarte, Migliora e Alegria (2005) o Brasil é uma das sociedades mais audiovisuais do planeta, existindo em mais de 90% dos lares brasileiros, pelo menos, um aparelho de televisão. Nas duas turmas que trabalhamos, conforme tabela abaixo, apenas uma criança disse que não possuía televisão em casa, e pelo que pudemos constatar por questões religiosas – a mãe não permitia que o filho assistisse a TV.

Tabela 05

Q3 - Quantas televisões você tem na sua casa? 3ª série

Uma	10
Duas	15
Três	3
Quatro	1
Total	29

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

¹⁶ GROEBEL, Jô. *Acesso à mídia entre as crianças de 12 anos no mundo*. Para as crianças pesquisadas a TV mostrou-se uma atividade dominante, segundo a pesquisa elas passam, em média, 3 horas diante da TV (50%) a mais que as outras atividades estudadas, como Lição de casa, ajuda à família, brincar fora, ficar com os amigos, ler, ouvir rádio, ouvir fitas ou CDs, usar computador.

Tabela 06

Q3 - Quantas televisões você tem na sua casa 4ª série

Zero	1
Uma	8
Duas	14
Três	2
Quatro	2
Não respondeu	1
Total	28

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Duarte, Migliora e Alegria (2005) apontam que um dos motivos dessa alta exposição da criança à TV são as poucas horas que elas (as crianças) permanecem na escola, e as poucas possibilidades de atividades de esporte lazer. Não descartamos o fato de que crianças desfavorecidas economicamente têm pouco acesso aos espaços culturais e de lazer existentes na sociedade. Contudo, acreditamos, como aponta Magalhães (2005), e mesmo os autores citados anteriormente, que as crianças assistem TV por prazer, porque gostam, como lugar de entretenimento, sobretudo numa sociedade em que a rua como espaço de socialização e do brincar tem se tornado cada vez menos utilizada devido a crescente violência.

No que diz respeito à companhia com quem a criança e/ou o adolescente assiste a TV, segundo a pesquisadora Vânia Lucia Quintão Carneiro¹⁷, em entrevista concedida ao portal Rio Mídia ela revela que, em seu trabalho, 45% do grupo pesquisado vêem a TV na companhia da família e 36% assistem sozinhas. No questionário que aplicamos colocamos duas opções a mais para as crianças, “os amigos” e “os irmãos”, e permitimos que as crianças pudessem combinar as opções. O resultado obtido foi semelhante ao trabalho da pesquisadora acima citada apresentando apenas uma diversificação nas combinações.

¹⁷ Vânia Lucia Quintão Carneiro é pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, ela desenvolveu no período de 2000 a 2005 uma pesquisa que solicitava a crianças e adolescentes opinião sobre a programação televisiva e também pedia-lhes propostas para a uma nova programação.

Tabela 07**Questão 02 - com quem você assiste 3ª serie**

Pais/responsáveis e irmãos	7
sozinho	4
Pais/responsáveis	3
Irmãos	3
Pais/responsáveis,irmão e sozinho	3
Pais/responsáveis e sozinho	3
Pais/responsáveis, irmãos, amigos, sozinho	2
amigos	1
Irmãos, sozinho e amigos	1
Pais/responsáveis, irmãos e amigos	1
Pais/responsáveis, amigos e sozinho	1
Irmãos e sozinho	0
Total	29

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Tabela 08**Questão 02 - com quem você assiste 4ª serie**

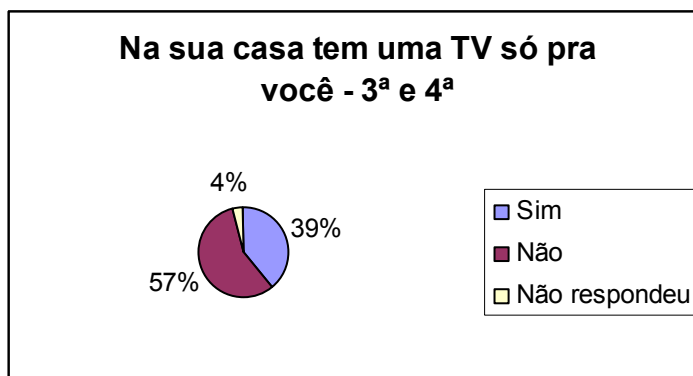
Irmãos	7
sozinho	6
Pais/responsáveis	5
Pais/responsáveis e irmãos	4
Pais/responsáveis, irmãos, amigos, sozinho	3
Irmãos e sozinho	2
Amigos	1
Total	28

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Essa diversificação pode ser entendida quando cruzamos as questões 02 e 04 do nosso questionário. Sendo elas, “*com quem você assiste*” e, “*na sua casa você tem uma TV só pra você*”. Das 57 crianças que responderam o questionário 33 crianças disseram que não assistem sozinhas, 22 argumentaram que sim e 02 não responderam à questão. O “não assistir televisão sozinha” é revelador, tanto de uma tentativa de controle dos pais, em relação ao que as crianças vêem, como também, de uma tentativa de interação entre o adulto e a criança. Esse “não assistir sozinha” é também sintomático de algo circunstancial provocado pela situação econômica da família – não assiste sozinho porque não tem um aparelho individualizado para

tanto. Uso a expressão “tentativa de controle” porque como veremos mais adiante, as crianças não se restringem a verem programas apenas destinados à sua faixa etária.

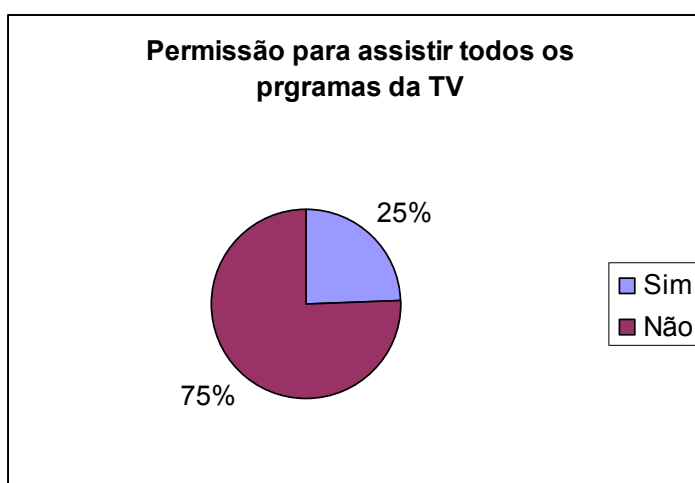
Gráfico 01 - TV individualizada em casa



Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Na questão 11 fizemos a seguinte pergunta para as crianças: “*seus pais permitem que você veja assista todos programas de TV*”. E na sequência, como complemento, o seguinte questionamento – “*quais programas não são permitidos*”. Das cinquenta e sete crianças 43 responderam que “*não*”, perfazendo uma porcentagem de 75% e 14 crianças disseram que sim, correspondendo a 25% do total. Como pode ser percebido, este é um dado que nos permite afirmar que o fato das crianças responderem assistir TV com os pais revelam também uma forma de controle.

Gráfico 02 - Permissão para todos os programas



Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Quanto ao complemento da questão os gêneros citados como não permitidos foram as novelas e os filmes considerados com conteúdos inadequados ou fora da faixa etária da criança. Vejamos os quadros demonstrativos.

Tabela 09
Programas não permitidos - 3ª série

Domingo Maior	1
Mix TV	1
Amor e Intrigas	1
A Favorita	2
Casos e Acasos	2
Pornografia	2
Novela das Oito	1
Filmes que passam tarde	1
Coisas/cenas inadequadas	2
Que contêm violência	1
Novelas	1
Programas não adequados a faixa etária - 9anos	2
Total	17

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Tabela 10
Programas não permitidos - 4ª série

Duas Caras	5
A Favorita	6
Beleza Pura	1
Novelas	1
Filmes Pornográficos	6
LaLola	2
Chiquititas	1
Os Mutantes	1
Amor e Intrigas	1
Filmes de Terror	1
Pica-pau	1
Chaves	1
Cabocla	1
Mix TV	1
Desenhos	1
Filmes	1
Malhação	1
Total	32

Fonte: Atividade *Questionário de Opinião*

Não ser permitido, como afirmamos acima, não significa que não são assistidos, pois, em outra atividade, “*Análise da Grade Televisiva*¹⁸”, as novelas foram marcadas com bastante incidência pelas duas turmas, corroborando com a pesquisa de Carneiro (2005) em que o gênero telenovela foi o segundo citado na preferência de crianças e adolescentes. Em consonância com esse fato as pesquisas de audiência têm apontado que, cada vez mais, as crianças assistem à programação voltada para adultos. De acordo com estas pesquisas de audiência, entre os anos de 2004 para 2005, os programas destinados às crianças foram reduzidos pela metade. Enfim, é como diz a pesquisadora Analice Dutra Pillar (2001) fazendo referência ao que as crianças vêem e ao porque vêem: “*As crianças vêem de tudo na TV, desde programas feitos para elas, até filmes dirigidos especialmente aos adultos. Elas ficam fascinadas pelas imagens em movimento, pelas músicas, pela magia da TV.*” (p. 29)

Percebe-se que não é apenas a pouca oferta que faz com que a criança assista a programas destinados aos adultos, mas independente da oferta, elas gostam do que vêem pela própria linguagem da TV. Linguagem esta que, como nos afirma Fischer (Fischer, apud. Pillar, 2001, p. 29), por ser “[...] *entrecortada, dinâmica, não linear, em mosaico*”, oportuniza o gosto das crianças. Quais seriam então as emissoras e os programas vistos e preferidos pelas crianças?

Foi justamente essa a informação que buscamos com as questões 06 (*que canais você assiste*), com a 07 (*quais os nomes dos programas que você assiste*) e com a 08 (*quais os três programas que você mais gosta*). Sabemos que outras pesquisas nos trazem dados como os aferidos nessas questões, no entanto interessava-nos saber as preferências do momento em que se realizava a pesquisa, uma vez que, a programação da TV é muito dinâmica, e embora os dados possam coincidir no que diz respeito a gênero, interessava-nos saber as permanências e mudanças dentro de cada gênero. Outro motivo, e o mais importante para a pesquisa em questão, era saber com quais programas poderíamos trabalhar, tendo em vista a especificidade do trabalho – narrativas com pessoas negras - , para saber da presença delas ou não no universo de preferência das crianças.

Na questão seis, foram listados alguns nomes de emissoras para que as crianças marcassem as que elas assistiam. Foram elas: *Rede Globo, SBT, TV Minas, Band, e Record*. Foi incluída neste questionário opção “outros”, para que a criança pudesse escrever o nome de outras emissoras não contempladas nas opções oferecidas. Os dados confirmaram o que

¹⁸ Os dados e a análise desta atividade será apresentada no capítulo 06 que aborda de forma mais específica a narrativa sobre o na TV e a relação da crianças com as mesmas.

esperávamos quanto a preferência em relação as emissoras. A *Rede Globo* e o *SBT* foram as mais votadas. A surpresa ficou por conta da *Rede Record* que, na terceira série, ficou a apenas quatro referências do *SBT*, segunda emissora mais referendada e a nove referências da *TV Globo* a mais referendada. Na quarta série a *Rede Record* e *SBT* tiveram o mesmo número de referências (22 para cada uma), as quais ficaram à apenas três referências da primeira colocada a *Rede Globo*. Uma das explicações que elencamos para tal fato se encontra na grade da TV Record que exibe a novela *Caminhos do Coração/Os Mutantes* e o desenho *Pica-Pau* dois programas de grande aceitação entre as crianças. Ressaltamos também, o fato de que a pesquisa foi realizada no turno da manhã, estando as crianças, refém das opções apresentadas no período vespertino. Nesse sentido, sai na frente quem lhe oferece produtos que lhes satisfaça o gosto, como é o caso dos desenhos e das novelas.

Tabela 11

Q6 - Quais canais você assiste? - 3ª série

TV Globo	25
SBT	20
TV Minas	5
Band	8
Record	14
Outros	14
Total	86

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela 12

Q6 - Quais canais você assiste? - 4ª série

TV Globo	25
SBT	22
TV Minas	4
Band	11
Record	22
Outros	10
Total	94

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

A opção “outros” foi importante porque mostrou novas preferências das crianças. Preferências, muitas vezes, com foco específico na música, cultura ou religião.

Respectivamente, em ordem decrescente foram citadas as emissoras, *Mix TV*, a *MTV*, a *Rede TV*, *Rede Cultura*, *TV Horizonte* e *Canção Nova*.

Tabela 13
Q6 - Outros canais 3ª série

Mix TV	9
MTV	3
Não citou	1
Cultura	1
Rede Vida	1
TV Horizonte	1
Canal 04	1
Canção Nova	1
Total	18

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela 14

Q6 - Outros canais 4ª série

Mix TV Canal Futura	5
Rede TV	4
MTV	3
Canal Futura	1
Não citou	1
Rede Minas	1
Total	15

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Quanto aos programas assistidos, a terceira série citou 48 programas, bastante diversificados, indo de desenhos a jornais. O desenho *Pica-pau* ficou em primeiro lugar em ambas as séries. Já as preferências que ficaram em segundo e terceiro lugar foram diferentes: *Chaves* e *As Visões da Raven* na terceira série e *Malhação* e *Beleza Pura* na quarta série. Na divisão dos gostos, percebemos dois programas de humor para uma turma e duas novelas para outra. Essas escolhas que mesclam programas infantis, como o desenho do *Pica pau* e o seriado *Chaves*, com programas voltados para adolescentes e adultos, como é o caso do seriado americano *As Visões da Raven* e da novela *Malhação* são reveladoras, como afirma Magalhães (2005:129), de que “o tempo e espaço são diferentes, e há tempo para ser “adulto” e criança, simultaneamente”.

Tabela 15
Dez programas mais citados - 3ª série

Pica-pau	22
Chaves	16
As visões da Raven	15
Beleza Pura	8
Video Show	8
TV Globinho	6
Malhação	5
Novelas	5
Os Mutantes	5
Power Rangers	5
Total	95

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela 16
Os dez programas mais citados - 4ª série

Pica-pau	19
Malhação	8
Beleza Pura	6
Chaves	5
As Visões da Raven	5
Os Mutantes	5
Jornal	4
Jogos	4
Sessão da Tarde	4
Chiquititas	3
Total	63

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

A questão 08 do *Questionário de Opinião* teve por objetivo refinar as opiniões citadas na questão 07, e encontrar, no universo assistido, os programas que mais interessavam as crianças.

Tabela 17

Programas de TV que mais gosta - Dez mais citados - 3ª série

Pica-Pau	19
Chaves	12
TV Globinho	7
Os Mutantes - Caminhos do Coração	6
As Visões da Raven	5
Mix TV	4
Power Rangers	4
Desenhos	3
Novelas	3
Video Show	3
Total	66

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela 18

Programas de TV que mais gosta - Dez mais citados - 4ª série

Pica-pau	14
Beleza Pura	7
Malhação	6
TV Globo	5
Chaves	5
Sessão da Tarde	4
SBT	4
As Visões da Raven	3
Record	3
Chiquititas	2
Total	53

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Verificamos, em ambas as séries, uma confluência nas respostas registradas na questão 07 e 08 do questionário, o que indica que, para as crianças, assistir e gostar são ações similares. Essa afirmativa tem sua confirmação na questão 10 em que setenta e cinco (75%) das crianças disseram que não assistem o que não gostam, e o restante (25%), justificou, em sua maioria, assistirem o que não gostam por imposição das mães.

Na busca de um contraponto entre o que a criança gosta e o que não gosta perguntamos, na questão 09, sobre os três programas de menor preferência. Abaixo listamos os dez programas mais citados em cada turma.

Tabela 19**Programas de TV que menos gosta - Dez mais citados - 3ª série**

Jornal	9
Cabocla	8
Novelas	6
A Favorita	6
Ciranda de Pedra	6
TV Minas	3
Chaves	3
Malhação	2
Marcia	2
Casos de Família	1
Total	46

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela 20**Programas de TV que menos gosta - Dez mais citados - 4ª série**

A Favorita	8
Jornais	7
Malhação	6
Novelas	5
Duas Caras	4
Os Mutantes	3
Canal 07 - Band	3
Jogo	3
Esporte	3
Cabocla	3
Total	45

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Os campeões de rejeição, entre as crianças, foram os jornais e as novelas, sendo citado também, esporte, emissoras de TV (TV Minas e Band), um Talk Show e o seriado infantil *Chaves*. Há uma confluência entre gêneros apontados como mais apreciados e menos apreciados. Podemos apontar alguns possíveis motivos dessas confluências. O primeiro é o fato, já citado antes, que a programação destinada ao público infantil tem sido reduzida. Outra explicação vinculada a essa, é que no horário em que as crianças desta pesquisa assistem televisão, período tarde/noite, a programação é majoritariamente destinada ao público adulto. Uma terceira possibilidade está no fato que se o que elas mais gostam, os desenhos animados,

são pouco privilegiados na TV aberta, gostar mais ou menos se torna uma questão pouco relevante uma vez que elas se tornam reféns da produção existente. Vânia Lúcia Quintão Carneiro em entrevista concedida ao portal eletrônico Rio Mídia¹⁹, no ano de 2005, destaca que a opção da criança é por “[...] *uma TV comprometida com o entretenimento; com a aprendizagem sobre si e sobre o mundo; e com a participação deles no próprio processo de produção audiovisual.*”

A última questão do nosso questionário teve por intento, de forma preliminar, identificar, no meio televisivo, quais os modelos eram os preferidos das crianças. Perguntamos: “*se você pudesse ser como alguém na TV, quem você gostaria de ser*” com essa questão esperávamos colocar em um conjunto, o universo de atores e pessoas negras que se encontram num patamar significativo para as crianças, bem como, saber a origem dos mesmos. Na terceira série foram citadas trinta e três (33) referências e na quarta série (21) referências. No conjunto de escolhas se destacaram, como na pesquisa de Groebel (2002), os heróis e astros da música.

Tabela 21
Modelos por lugares ocupados na mídia 3ª e 4ª série

Jogador	10
Cantora/cantora	8
Personagens de desenhos	6
Personagem de seriado	5
Atriz	5
Nome de novela	3
Apresentadora de TV	3
Personagem de novela	3
Personagem de programa humorístico	2
Programa humorístico	2
Referência a própria pessoa	2
Ator	1
Modelo	1
Cantora Evangélica	1
Mis Brasil	1
Não identificado	1
Total	54

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

¹⁹ site <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/> acesso em julho de 2007

Acrescentamos a esses dois tipos de modelos, no caso específico de nossa pesquisa, os jogadores de futebol, os personagens de seriados e as atrizes de novelas. Listando os nomes dos modelos, na sua particularidade, podemos lançar algumas hipóteses do porquê destas escolhas.

A tendência de colocar jogadores no topo da lista parece, a princípio, parece não combinar com a não preferência por programas de esportes, mas precisamos considerar a exposição de jogadores em outros gêneros televisivos, como programas de entrevistas e publicidade e em outras mídias. Além disso, este dado deve ser relacionado à opinião das meninas que mostraram não apreciar os programas esportivos.

Tabela 22
Modelos mais citados - 3ªsérie

Pica-pau	5
Chaves	2
Reinaldo Gianecchini	2
Power Rangers	2
Raven	2
Cris Brow	2
Total	15

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela 23
Modelos mais citados - 4ªsérie

Juliana Paes	5
Beyonce	3
Eu mesmo	2
Marcelo Moreno	2
Kaká - jogador	2
Total	14

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Nas escolhas que classificamos como “personagens de desenhos”, temos o desenho *Pica pau* como mostra representativa. Uma das crianças no nosso primeiro encontro destacou gostar do *Pica-pau* “[...] porque ele faz coisas impossíveis de se fazer”. Tal afirmativa corrobora com o que diz Bettelheim citado por Fischer (1993:63) que a escolha da criança não se baseia no critério da moralidade, mas, na simpatia que o modelo desperta, pois como afirma Fischer (id.1993), ética não é um conceito presente no desenho *pica pau*. Além disso, pode-se pensar

que personagens que não se relacionam com fatos da realidade ou com seres humanos, podem, por isso, criar representações mais livres de preconceitos em relação à moralidade, inclusive não limitar os discursos das crianças sobre suas preferências

Para além da simpatia, acreditamos que há outros elementos que podem justificar a opção por jogadores, atrizes e cantores. No caso do Brasil escolher ser um jogador de futebol não é apenas uma opção por simpatia, mas representa status social e independência financeira. Da mesma forma escolher ser *Juliana Paes* (ou outras atrizes citadas – *Grazzi Massafera*, *Angelina Jolie*, *Miss Brasil*) significa desejar ser participe de um padrão de beleza construído socialmente e fortemente alimentado pela mídia. A escolha por modelos se baseia, portanto, nos aspectos valorizados em determinada cultura e momento histórico, qual seja, a estética, a independência financeira, a fama, os valores e as escolhas que a mídia narra em maior ou menor grau. Portanto, quando se propõe pesquisar o que as crianças vêem e gostam na TV é bem mais que apenas captar opções, mas é descobrir, dentro do universo do narrado na TV, o que tem feito sentido para as crianças, o que tem dialogado com suas referências de vida e o que tem lhes ajudado a se constituir enquanto seres humanos.



Figura 1 - Beyoncé –

Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em disponível em:
http://www.cifras.com.br/arquivos/fotos_noticias/467575_114.jpg
Acesso em Abril de 2010.



Figura 2 - Juliana Paes

Fonte: s/d. Foto de Marcio de Souza/TV Globo.

Disponível em:

<http://g1.globo.com/noticias/rio/0,,mul75231806,00consultores+de+juliana+paes+dao+dicas+de+casamento.htm>

1

Acesso em Abril de 2010



Figura 3- Desenho Pica Pau

Fonte: s/d. disponível em:

<http://obramandacl.blogspot.com/2009/06/confira-entao-os-26-crimes-que-o-pica.html>

Acesso Abril de 2010

CAPÍTULO IV

Narrativas sobre o negro na TV: entre aceitações e rejeições

A partir deste ponto nos propomos a apresentar os dados que se referem mais especificamente as relações que as crianças de nossa pesquisa fazem com as narrativas do negro na TV. Inicialmente apresentaremos o perfil étnico racial das crianças conseguido pelo processo de autoatribuição e, posteriormente, apresentamos os dados de três programas apresentados e discutidos com as crianças, e os dados das atividades que intitulamos *Atividades de caráter específico*.

4.1 Perfil étnico-racial das crianças conforme autoatribuição

Ao traçarmos o perfil o perfil étnico racial das crianças de nossa pesquisa ressaltamos que, inicialmente não pretendíamos fazer uma classificação étnica das mesmas, no entanto, no decurso do trabalho, ela se fez importante para que pudéssemos melhor refletir sobre algumas singularidades que encontrávamos na realização do trabalho. Para tanto nos valem de duas questões que anexamos à atividade intitulada “*Descrição e Composição de Cenas*”, que fez parte do nosso instrumental de coleta de dados. As questões foram as seguintes: uma aberta “qual a sua cor ou raça” e uma fechada que solicitava as crianças que se classificassem tendo por base as categorias do IBGE (branco, preto, pardo, amarelo e indígena).

A idéia metodológica de uso das questões para a classificação das crianças foi originada pela leitura do texto de Marília Carvalho (2005), em que está apresenta parte dos resultados de uma pesquisa sobre o fracasso escolar de meninos nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. No trabalho que tomamos por base, a autora, relaciona a classificação racial das crianças feita pelas professoras (heteroatribuição), à classificação feita pelas próprias crianças (auto-atribuição) e o desempenho escolar das mesmas. A autora procura mostrar em que medida, a classificação feita pelas professoras (heteroatribuição), está relacionada com o desempenho escolar. Apropriamo-nos do aspecto metodológico utilizando o processo das

questões abertas e fechadas, o qual também é sugerido por Guimarães (2003) quando se tem por objetivo conhecer como as pessoas se classificam em termos raciais no Brasil. “*A melhor maneira de se perguntar quando se quer perguntar em termos raciais, portanto, continua a ser: “qual é a sua cor?”, ou “como o sr(a). se classificaria em termos de cor?” ou variações em torno da pergunta sobre cor.*” (p.105)

Pontuamos também que, embora o uso das categorias do IBGE receba críticas, pois segundo o Antropólogo Martin Harris, citado por Guimarães (2003:105) ele se constitui numa violência, já que o brasileiro se considera moreno e não pardo. E que, conforme o mesmo autor, esta categoria “parda” não existiria na vida cotidiana brasileira, o seu uso, como afirma Guimarães (id.2003), faz-se necessário no sentido comparativo entre as diversas fontes de dados.

Em nosso trabalho não conseguimos saber a auto classificação de todas as crianças, visto que, nem todas estavam presente no encontro e o mesmo não foi repetido posteriormente. Portanto, do total de crianças da pesquisa, sessenta e duas (62), temos 52 declarações, o que equivale a 83, 87% das crianças.

Considerando, inicialmente, a questão aberta “Qual a sua raça ou cor?” o quadro abaixo nos mostra como as crianças se auto classificaram.

Tabela número 24
Auto classificação 3ª e 4ª série

Qual a sua cor ou raça?	un	%
Morena	14	26%
Branco	8	15%
Pardo	7	13%
negra	6	12%
preto	5	10%
Em Branco (não respondeu)	3	6%
Indígena	2	4%
Não quis responder	1	2%
Amarelo	1	2%
moreno - humano	1	2%
morena - raça negra	1	2%
rosa	1	2%
meio parda meio negra	1	2%
Portuguesa	1	2%
Total	52	100%

Fonte: Atividade descrição e composição de cenas

Podemos perceber quatorze (14) classificações diferentes. Nestas classificações destaca-se um grupo maior de crianças que se auto-definem como morenas (26%), e logo abaixo, em ordem decrescente, outras crianças que se definem entre brancas (15%), pardas (13%), negras (12%), pretas (10%) e indígenas (4%). Temos também crianças que deixam a questão em branco, criança que não quis responder, crianças que usam a cor no seu sentido literal (rosa, amarelo), criança que aponta uma origem colonizadora (Portuguesa), criança que mescla classificações (meio parda, meio morena) e crianças que subdividem a questão (moreno-humano; moreno raça negra).

Quando as escolhas são restritas pelos critérios do IBGE os dados modificam-se uma vez que ele não tem a categoria “moreno” o que força com que as crianças tenham que escolher apenas entre as opções já pré definidas.

Tabela número 25
Atribuição de raça conforme critérios do IBGE
3ª e 4ª séries

Como você se classifica na lista abaixo?	um	%
Preto	18	34%
Pardo	15	29%
Branco	12	23%
Indígena	5	10%
Amarelo	1	2%
Não respondeu	1	2%
Total	52	100%

Fonte: Atividade *descrição e composição de cenas*

O grupo que se auto define como moreno se dilui entre as categorias pardo, negro e branco respectivamente. E o grupo que se auto define como negro migra-se para a categoria preto. Embora a categoria que mais tenha aumentado percentualmente seja o descritor preto (34%) a que mais recebeu adeptos foi a parda que recebeu oito (08) inscrições passando de 13 para 29%.

Comparando as respostas das crianças com o processo realizado por Carvalho (2005), podemos observar algumas similaridades, ressaltando-se obviamente os objetivos

diferenciados das pesquisas e a quantidade de entrevistados²⁰. A primeira delas se refere às crianças que se definem como “rosa”, “amarela”, e “meio morena, meio parda”. Observamos que, tanto em nosso trabalho quanto no de Carvalho (2005), as crianças usam a cor em seu sentido literal e não como metáfora da vida social. A segunda similaridade diz respeito à dificuldade das crianças no preenchimento das questões. A dificuldade aparece nas diversas vezes em que o pesquisador foi solicitado pelas crianças para que esse lhes atribuisse uma classificação racial - “professor o que que eu sou”?, e nas mudanças de opções, ou seja crianças que marcavam uma opção e posteriormente apagavam-na e escolhiam outra.

Parece-nos que o tema racial é pouco discutido no espaço escolar, além disso a própria Carvalho (2005) sinaliza para falta de pesquisas que discutam a percepção das relações raciais pelas crianças brasileiras, e por outro lado os dados também mostram que a identificação racial é um processo construído ao longo da vida.

Ao relacionarmos esse processo de auto classificação das crianças e a narrativa sobre o negro na TV podemos nos questionar: Como se relaciona a classificação racial auto atribuída das crianças com a heteroatribuição que elas fazem das pessoas na TV? Existiria diferença na forma de identificação entre as crianças que se auto classificam negras em relação às outras? Perseguindo essas questões é que pretendemos usar esta auto classificação para tornar nosso diálogo mais rico e, de certa forma, lançar luzes sobre processos que envolvem a percepção das relações raciais das crianças de nossa pesquisa.

4.2 Análise de produtos televisivos: *Danny Phantom*, *Lola e Virginia*, e *Duas Caras*.

Neste item apresentamos a análise de três produtos televisivos que fizeram parte de nossa mostra de atividades. Trabalhamos com a apresentação de dois desenhos e de uma telenovela. Dois gêneros comprovadamente de grande aceitação entre as crianças e que obviamente continham o foco deste trabalho, qual seja, narrativas sobre o negro na TV. O objetivo central foi captar elementos que caracterizassem a recepção das crianças quanto a narrativa sobre o negro no interior das produções. Conseqüentemente, nossas questões procuraram trazer dados

²⁰ A pesquisa teve como foco 8 classes de 1ª a 4ª série, totalizando 243 crianças. Critérios para atribuição de cor aos alunos: Heteroatribuição de raça – classificação por parte das professoras utilizando as categorias do IBGE (branco, preto, pardo, amarelo, indígena); Auto-atribuição de Raça – resposta pelas crianças a um pequeno questionário composto de duas questões: a primeira, aberta, perguntava: “Qual a sua cor ou raça?”; a segunda pedia que a criança se classificasse dentro das mesmas categorias de cor do IBGE: “Como você se classifica na lista abaixo? Marque apenas um”. (CARVALHO, 2005, p.79)

dos motivos de apreciação das crianças e da escolha de modelos que diz da identificação destas com a narrativa. Foram apresentadas e discutidas as seguintes produções: *Danny Phantom*, *Lola e Virginia* e *Duas Caras*. Sequencialmente, neste capítulo, apresentamos, separadamente, uma descrição das produções e os dados que pudemos aferir em cada uma das atividades.

4.2.1 *Danny Phantom*: lição em “*Lições de Vida*”.



Figura 4 – Personagens do Desenho Danny Phantom²¹
Fonte: s/d . Disponível em <http://www.freewebs.com/daniphantom/>
Acesso em Abril de 2010



Figura 5 – Valery – s/d.
Fonte: s/d. Disponível em <http://dannifantom.bravehost.com/Characters.htm>
Acesso em Abril de 2010

²¹ Personagens (da esquerda para direita) – Jasmine Fenton – irmã de Danny; Danny Fenton – não transformado; Tucker Foley – melhor amigo de Danny; Madeleine “Maddie” Fenton – mãe de Danny; Danny Transformado em menino fantasma; Dash – jogador de basquete popular entre as garotas; Samantha Manson – melhor amiga de Danny; Atrás: Jack Fenton – pai de Danny e Sr. Lancer – Professor do Instituto Casper onde estuda Danny e seus amigos.

Danny Phantom é um desenho exibido pela Rede Globo no programa *TV Globinho* e segundo informações do site Wikipédia.org é uma produção americana assinada pelo diretor *Butch Hartam*. O desenho relata a vida de *Danny*, um garoto de quatorze anos, que sofre um acidente no laboratório de seus pais e vira meio humano e meio fantasma, “metahumano”. A escolha do mesmo deu-se por pertencer ao gênero preferido pelas crianças e pelo fato de conter narrativas de negros em seu contexto. Os negros, de maior destaque, são *Tucker Foley* um dos melhores amigos de *Danny Phantom*, conhecedor do seu segredo e *Valery*, uma Caça Fantasma profissional que procura capturar *Danny Phantom*.

O episódio apresentado para as crianças é intitulado *Lições de Vida* faz parte da primeira temporada do desenho sendo criado no ano de 2004. Em *Lições de Vida Danny Phantom* enfrenta *Scooker* considerado o maior caçador da Zona Fantasma e *Valery* a garota caça fantasma. Nesse episódio a turma de aula de *Danny Phantom* é dividida em casais para participarem de um projeto da disciplina “Ciência da Saúde” cujo objetivo era fazer com que os alunos se tornassem mais responsáveis. Durante uma semana os casais deveriam cuidar de um saco de farinha que deveria ser tratado como um bebê. O complicador é que *Danny Phantom* formou par com *Valery*, sua colega, mas também caçadora profissional de fantasmas. *Scooker* ao perceber a importância do saco de farinha para o casal seqüestra o bebê e consegue capturar *Valery* e *Danny* que apesar de inimigos são obrigados a se unirem para se livrarem do caçador. A dificuldade faz com que ambos se conheçam um pouco mais e aprendam a respeitar as diferenças um do outro.

Os elementos que chamaram a atenção das crianças neste desenho foram o enredo do episódio e o relacionamento entre os personagens. Para algumas crianças da quarta série, o enredo foi interessante porque apresentou uma lição de convivência. Quanto aos modelos preferidos na narrativa, os meninos tenderam a escolher o personagem principal pelas suas características próprias: poderes e função de destaque na narrativa. Apenas duas crianças do sexo masculino fizeram escolhas diferentes, uma apontou como modelo “o jogador de basquete”, por considerá-lo “o mais legal de todos”, e o outro escolheu *Tucker* apontando como justificativa a relação de amizade entre ele e o personagem principal. As crianças do sexo feminino escolheram como modelos personagens que circundam o protagonista, ou seja, “a amiga do *Danny*”, “a mãe do *Danny*”; “a mãe do amigo do *Danny*” “a garota de quem o protagonista gosta” e, entre as justificativas, elencaram a atribuição de valor estético “a mais bonita de todas” e a adjetivação do personagem – “ela é legal”.

Embora a análise do desenho não tenha fomentado uma discussão mais acalorada sobre a narrativa sobre o negro neste gênero, ela revela e reafirma elementos importantes constituintes do processo de formação da identidade. Destacamos como elementos que afloraram nesta atividade a expressão de um conceito de beleza, as relações afetivas, bem como critérios para a existência das mesmas, como a convivência e a afinidade.

Escolher um modelo por um critério estético nos remete à considerações da pesquisadora Madeleine Piana de Queiroz (2004:65) que afirma a existência na mídia de uma “*orientação hegemônica de beleza do corpo (que) perpassa todas as faixas etárias femininas, mas encontra um campo fértil na adolescência, por ser um período de busca constante dos referenciais formadores da identidade.*” Que dizer de uma criança que escolhe como modelo um personagem relegado a segundo plano na narrativa, e justifica tal escolha com a expressão de um conceito estético de beleza – “é bonita”? Seria o desejo de ser partícipe de um conceito de beleza valorizado na mídia? Que outros elementos que não um conceito hegemônico de beleza poderiam explicar a escolha da criança? O que podemos afirmar, com certeza, é que, como diz Queiroz (2004), a mídia na contemporaneidade informa o que é ser, e quem é belo, e que essas narrativas fazem eco na vida das crianças que se encontram num profícuo momento de construção de referências.

4.2.2 Lola e Virgínia: questões de gênero, morais e estéticas - a divulgação do não belo na TV



Figura 06 – Personagens do Programa Lola e Virginia
Fonte: disponível em <http://www.raigulp.rai.it/Serie/Serie.aspx?IDSerie=14>
Acesso em Abril de 2010.²²

²² Personagens (da esquerda para direita) Chuck, Hugo, Beatriz, Virginia, Lola, Carlos, Haidê

O desenho *Lola & Virgínia* é apresentado nos programas *Bom dia & Companhia* e *Sábado Animado* no SBT. O desenho conta a história de duas adolescentes que estudam no mesmo colégio e vivem em constante atrito. *Lola* é uma adolescente simpática de 12 anos pertencente a classe média e suas principais amigas são *Haidê* e *Poppy*. Elas sempre se envolvem na trama procurando ajudar *Lola* a desmascarar os planos arquitetados por *Virgínia*. Esta última, vilã do desenho, é uma adolescente rica, egoísta e convecida que tem sempre por objetivo apoderar-se das conquistas de *Lola* humilhando-a em sua condição social inferior. No caso de *Lola & Virgínia* o personagem negro de maior destaque é *Haidê* uma amiga de *Lola* que possui maior visibilidade na narrativa.

O episódio apresentado para as crianças é intitulado “Bom dia São Lourenço”. São Lourenço é o nome da Escola que *Lola* e *Virgínia* estudam, e o título do episódio é o nome de um programa de rádio escolar apresentado por *Lola*. *Virgínia* sentindo que a rádio estava fazendo com que *Lola* se tornasse popular em toda escola pede ao diretor que pudesse também apresentar um programa na rádio. Com a entrada de *Virgínia*, *Lola* começa a perder prestígio e ambas começam a competir para ver qual delas iria produzir um melhor programa e consequentemente conseguir maior popularidade. Ao serem repreendidas pelo diretor do colégio que afirma que o objetivo da rádio era unir e não separar e que o deslize de uma das duas iria fazer com que esta perdesse o direito de fazer o programa. *Virgínia* forja uma entrevista com *Lola* e aproveita as críticas de *Lola* a um filme editando-as de forma a parecer que as críticas estavam sendo feitas à pessoas da escola (os alunos, os diretores e professores e à sua amiga *Haidê*). *Lola*, no entanto, consegue sair da armação e provar que *Virgínia* havia manipulado sua fala para prejudicá-la, conseguindo assim manter seu posto e desmascarar a rival frente à toda escola.

Na terceira série, as crianças relataram que assistem e gostam do desenho apresentado. A personagem campeã de rejeição foi *Beatriz* isso porque na narrativa ela é aliada à *Virgínia* que é a vilã do desenho e, consequentemente, participa das artimanhas da amiga. Nesta atividade a questão do gênero, entre as crianças da pesquisa, foi muito acentuada quando da escolha dos modelos. Embora o pesquisador tenha solicitado que apenas as crianças do sexo feminino se manifestassem, em relação à escolha de um modelo entre as amigas da personagem *Lola*, a maioria das respostas foi dada pelas crianças do sexo masculino. As crianças que escolheram a personagem *Haidê* apontaram como justificativa a existência de uma relação de amizade profunda com a personagem principal, enquanto que, para a personagem *Poppy* justificaram

uma vinculação dos gostos da personagem com os gostos “normalmente” mais peculiares ao universo masculino - “*tem um jeito de homem*”, “*é chegada no futebol...*”. Curiosamente, uma das crianças do sexo feminino apresentou essa mesma justificativa, porém, como motivo de exclusão da personagem na narrativa, quando questionada sobre “qual personagem tiraria da narrativa”.

Para as crianças da quarta série, o enredo do desenho bem como as particularidades que cercam esse conflito foram os motivos pelos quais as crianças relatam gostar da produção.

Eu acho interessante é porque fala de duas meninas que não se dão certo uma com a outra, e estuda na mesma escola, e gosta do mesmo menino, do Charlie, e uma fica brigando com a outra, eu acho interessante por isso, por causa que a as duas... eu acho que no final as duas deviam virar amigas. (Ana Clara, 10 anos).

Eu gosto na hora que as duas ficam brigando e aparece aquele chifrinhos na Lola. (Emanuelle, 10 anos)

Eu gosto quando as duas brigam. (Karina, 10 anos)

Eu gosto quando a Virgínia fica com aqueles dois chifrinhos assim (mostra com as mãos)... quando ela fica nervosa. (Flávia, 11 anos)

Questionadas sobre qual personagem poderiam ser na narrativa, as crianças encaminharam-se para questões estéticas.

Eu acho todos do desenho horrorosos, não acho nenhuma bonita, só o bonitinho é o Charlie porque o resto é tudo feio. (Ana Clara, 10 anos)

Eu acho a Lola porque ela tem óculos grandes, ela é naniquinha e tem uma cabeça do tamanho de um globo... eu acho que o autor do desenho podia ter explorado mais o desenho. Não é colocando outros personagens, mas explorando mais as formas deles, ficou bem legal, mas ele podia ter explorado mais as características das pessoas, a forma o corpo. (Ivone, 10 anos)

Quando o pesquisador solicitou que escolhessem “a mais bonita” como se estivessem num concurso, ignorando a afirmativa primeira que todas eram feias, das cinco crianças que responderam, quatro escolheram a *professora*, e uma escolheu a personagem *Poppy*.

Entre as meninas a Poppy. (Gabriela, 09 anos)

Eu acho a professora porque ela é a mais arrumadinha, agora os alunos... ah meu Deus... são tudo tribufu. (Ivone, 10 anos)

Como a Ivone,... a professora é tipo a Débora, toda arrumadona.... por causa que eu acho uma coisa... os alunos eles são legais, mas muito feios... na minha opinião eu ficaria com a professora. (Ana Clara, 10 anos)

Eu acho a professora também, ela é mais arrumadinha. (Marina, 10 anos)

Como todas as meninas eu concordo que é a professora. (Emanuelle, 10 anos)

O movimento das crianças para as questões estéticas exemplifica a afirmação de Queiroz (2004:179) de que o não belo também é divulgado pela mídia em contraposição ao belo, principalmente no gênero novela, programas humorísticos e de auditório. Embora a produção analisada seja um desenho, no processo de recepção, o olhar da criança não está “distante” das questões estéticas. Acreditamos, porém, que na recepção de um desenho, o conceito de beleza, possivelmente, não será um mediador de considerável relevância, pois a escolha das crianças sobre o que assistem ou não, está, na maioria das vezes, vinculado ao caráter *cômico da narrativa*, isto é, se a narrativa propicia o riso, o gozo, a alegria, na palavra das crianças, “*é engraçada*”. Contudo, se, como aponta Queiroz (2004), para as adolescentes, a mídia é um mediador importante na concepção de corpos idealizados, nossa atenção a essa produção é importante, pois ela pode contribuir para alimentar ou desconstruir conceitos hegemônicos de valorização estética. No caso específico deste desenho, ele apenas contribui para reforçar o conceito de “não belo” como aquele que se diferencia ao extremo nas categorias relacionadas ao perfil da beleza feminina, sendo elas o peso corporal, os cabelos, a pele (etnia) e a moda.

Reiteramos também que no quesito escolha de modelos, tanto a terceira, como a quarta série, revelam a questão do gênero como um dos mediadores na relação criança e televisão. Entretanto, na comparação entre as salas, há diferença nos posicionamentos. Se na terceira série as crianças do sexo masculino não se importaram em escolher modelos femininos, na quarta série as crianças do sexo masculino não se manifestaram. Uma destas crianças afirmou que não responderia a questão devido ao risco de ser considerada “*gay*”.

Embora haja autores que defendem que a criança escolhe seus modelos mais pela simpatia que pelo critério da moralidade²³, percebemos que, tanto no caso dos desenhos quanto no gênero telenovela, a questão moralidade tem uma relevância significativa. Observamos que

²³ Ver Bettelheim apud Fischer:1993:63

essa relevância decai quando entram em cena outros fatores como, por exemplo, a capacidade de leitura da criança em relação à narrativa. Considerando que não existe, na escola pesquisada, um trabalho direcionado para a leitura da TV enquanto produção midiática, nos questionamos se existiria uma correlação entre o sucesso escolar e o processo de recepção das crianças. Isto é, as crianças que apresentaram uma leitura mais “desconectada” da *Leitura preferencial*, identificando a condição empírica do negro na televisão, também apresentariam resultados significativos nas outras disciplinas. Que aspectos do trabalho do professor seriam significativos na fomentação desta habilidade de leitura da mídia, mais especificamente da TV?

4.2.3 *Duas Caras*: recepção ativa, lugar de lições, permanências e rupturas na relação criança e narrativa sobre o negro.

A novela *Duas Caras* foi a terceira produção apresentada e discutida com as crianças. Desde o momento em que anunciamos a possibilidade de discussão desta produção sua realização foi continuamente cobrada mostrando assim o grande interesse das crianças em relação à novela. *Duas Caras* foi uma telenovela produzida e exibida pela *Rede Globo de Televisão* no período de 01 de outubro de 2007 a 31 de maio de 2008. Foi escrita por *Aguinaldo Silva* em colaboração de *Izabel de Oliveira* e *Nelson Nadotti* e dirigida por *Cláudio Boeckel*, *Ary Coslov* e *Gustavo Fernandes*, com direção geral e de núcleo de *Wolf Maya*. A trama da novela girou em torno dos personagens *Marcone Ferraço* (Dalton Vigh), *Maria Paula* (Marjorie Estiano), *Juvenal Antena* (Antônio Fagundes) e *Branca* (Suzana Vieira). No enredo desenrolavam-se os seguintes conflitos centrais: *Maria Paula* vítima de um golpe aplicado por *Marcone Ferraço* procurava reconstruir sua vida com o filho gerado do relacionamento com o golpista e ao mesmo tempo encontrá-lo e fazer justiça recuperando sua fortuna; *Juvenal Antena* e *Marcone Ferraço* brigavam porque o primeiro queria proteger os moradores da *Favela da Portelinha* das investidas de *Ferraço* cuja empresa se localizava ao lado da Vila; *Branca* conflitava-se com *Ferraço* porque não aprovava o namoro de sua filha *Silvia* (Aline Moraes) com o vilão e porque ao se apaixonar *Silvia* começa a praticar atos de vilania, e também com *Célia Mara* (Renata Sorrah) amante de seu marido com quem o mesmo teve uma filha. A escolha da novela para pesquisa deu-se por que dentre os temas tratados ela aborda a temática do racismo e principalmente pela presença de um grande número de artistas negros na produção. O conflito étnico racial evidenciou-se nas relações entre a Família de *Dr*

Barreto (Stênio Garcia), um advogado preconceituoso, que não aceitava o relacionamento de seus filhos com pessoas negras e de classe inferior. Nesta novela o negro ocupava vários lugares: desde *Lazaro Ramos*, que deu vida a *Evilásio* e que fazia parte de um *conflito de natureza definitiva*²⁴ na novela, até o personagem *Apolo* (Antônio Firmino) mecânico da oficina do *Seu Antônio* (Otávio Augusto) que aparecia raras vezes e sem nenhuma interferência nos conflitos de natureza definitiva. Trabalhamos com as crianças o último capítulo²⁵ da novela que apresentava o desfecho de todos os conflitos da trama.

Para a pesquisa em questão, a novela *Duas Caras* foi uma narrativa muito propícia, tanto pela quantidade negros, como pelos diversos lugares ocupados por estes na trama. Foi também a atividade que na roda de conversa mais gerou temas, fato que creditamos a própria proposta da narrativa de trabalhar com assuntos polêmicos na sociedade como, por exemplo, o racismo e o homossexualismo. Quanto ao número de crianças que não haviam assistido à novela apenas duas do grupo pesquisado disseram não assistir a novela por não gostarem.

De forma geral, ao comentarem a novela, as crianças não se prenderam ao último capítulo fazendo comentários sobre a novela num todo. Na roda de conversa elas falaram sobre homossexualismo, traições, racismo, pornografia e sucesso pela meritocracia, todos esses assuntos propiciados pela narrativa.

Na particularidade que nos interessa, a narrativa sobre o negro na TV, as crianças comentaram sobre o conflito gerado pelas atitudes preconceituosas de *Dr. Barreto* em relação a não aceitação do namoro de seus filhos com pessoas negras e de classe inferior. Referiram-se ao conflito tanto como motivo de aceitação como de rejeição à narrativa.

Eu gostei daquela parte que a mulher tava entrando com o filho e ai aconteceu, ai ele começou bate no outro cara que estava sendo racista.
(Eliseu, 09 anos)

Renato: eu não gostei da novela não... tinha muito racismo...

Pesquisador: você achou que tinha muito racismo...

Renato: é o velho ele era racista e depois que os dois filhos dele casaram com pessoas negras ai ele parou de ter racismo, [ser] racista...

Pesquisador: isso você achou que foi positivo ou negativo na novela...

²⁴ A autora Renata Pallotini separa os conflitos existentes nas telenovelas entre “conflitos de natureza definitiva” e “conflitos de natureza provisória”. Os primeiros são aqueles pertinentes aos protagonistas e o segundo são aqueles solucionados em alguns capítulos.

²⁵ Sinopse do capítulo nos anexos

Renato: ele aprendeu a lição... ele era racista depois quando ele viu que os dois filhos dele casou com pessoas negras...

Evaldo: teve que aceitar

Renato: ... teve que aceitar

(diálogo entre as crianças Renato de 11 anos, Evaldo de 10 anos e o pesquisador)

As falas acima mostram a consciência da criança com relação ao problema racial abordado na novela, mas também mostra formas diferentes de recepção da narrativa. Enquanto a primeira criança exalta o ato de indignação e justiça realizado pelo personagem *Barretão*, quando reage a uma situação de preconceito com violência, a segunda criança revela um desconforto com a narrativa. A participação da segunda criança no diálogo, na segunda citação é emblemática, pois traz um posicionamento que expressa a percepção da criança quanto à dramaticidade das relações raciais. A fala da criança sinaliza que ela percebe que o personagem preconceituoso, não aceita a relação entre branco e negro na sua família simplesmente pela benevolência, mas pelas circunstâncias que o cercaram, no caso específico, forçado pela união de seus filhos com indivíduos negros e de classe inferior. Mais expressiva ainda é a afirmativa “*teve que aceitar*” protagonizada pela segunda criança, que se auto declara negra, na segunda citação. Ela nos informa que, mesmo inconscientemente, a criança tem percepção que ser negro é, sobretudo, uma questão social e que a aceitação deste na sociedade se faz a custo de estratégias diversas.

A temática do racismo foi também citada pelas crianças em contraposição à outros assuntos e particularidades presentes na narrativa. Para elas, abordar o racismo foi o “lado bom”, em contraposição aos elementos considerados inadequados ou negativos, o “lado ruim” como, por exemplo, a exploração da sexualidade.

Aquela parte do final lá ...o racismo.que o menino lá... o neném do Barreto vomitou no carro e o que era dono ficou com preconceito e foi lá.... o Barreto bateu nele pra ele aprender não ter mais preconceito. (resposta à pergunta sobre a parte que achou mais interessante) - (Paulo, 09 anos)

Eu achei assim que ela tem muita pornografia, mas eu achei muito interessante que fala sobre racismo, [...] que ai as pessoas aprendem a viver com racismo,... sem racismo, porque a gente não pode condenar uma pessoa pela cor dela e sim pelo que ela é ... (Judith, 10 anos)

Eu acho que por um lado foi pornográfico, por outro foi bom porque ... assim ...ali teve muita lição, teve muita moral, eu acho que o diretor, produtor ele olhou por um lado bom e por um lado ruim... [...] O lado bom é porque ali tinha... mostra... assim... o Barretão que ele tinha muito preconceito com pessoas negras ele não aceitava... ele falava ... olha, só as

peessoas brancas que tem que ter ... que ficam na alta sociedade... e mostrou que... e depois foi passando a novela foi vendo que os negros também podem ser da alta sociedade, igual assim, o Evilásio ele era simples e nem por isso quando ele casou com a Julia ele candidatou a prefeito sei lá... [...] e por outro lado eu achei assim que estava muito pornográfico, essas coisas de estropador. (Ivone, 10 anos)

[...] e deu uma lição de vida também no Barreto, porque ele viu que,... quando ele viu os netinhos dele lá tudo grandão, [...], até aquela hora que chegou aquele segurança, que o cara falou assim... [onde o] menino vem babar... falou racismo,... fez racismo com a família dele... ele foi e partiu pra cima e nisso mostrou pra ele que não adianta racismo [porque] dentro da casa dele mesmo a família dele é negra e tem brancos e não precisa do racismo... que o racismo nunca vai se levar a nada... (Ana Clara, 10 anos)

As falas demonstram a capacidade crítica das crianças na análise da narrativa. Elas citam elementos que, para elas, são importantes no contexto social, como a não existência de preconceito nas relações, e apontam a discussão do assunto na narrativa como um aspecto construtivo, ao mesmo tempo que indicam situações como a exploração excessiva da sexualidade, descrita através da palavra “pornografia” como elementos não desejáveis. É importante também citar que as crianças que fizeram críticas à exploração da sexualidade são pertencentes ao gênero feminino, e a nosso ver demonstram um descontentamento com a própria narrativa da mulher na mídia. Ou seja, a utilização da mulher enquanto objeto de desejo sexual.

Fischer (2003) nos lembra que um dos pontos a serem pensados na atualidade, no que tange a relação televisão e reprodução das temáticas culturais, é a “*centralidade do corpo e da sexualidade nos produtos midiáticos*”. Segundo esta, “[...] a extrema publicização da privacidade, [...] tem na exposição do corpo e, igualmente, da sexualidade, sua mais efetiva realização, especialmente no espaço televisivo”. (p.48) Mais uma vez vemos a criança numa relação ativa com o produto televisivo, pois, embora a TV enfatize, ou melhor, explore a sexualidade, ela, nem sempre, encontra eco em todas pessoas ou gênero.

No que tange a própria condição da auto-estima do negro, parece-nos que a narrativa cumpre, em certo sentido, um papel relevante quando uma das crianças, auto declarada negra, revela que o enredo da narrativa permite a construção de um outro lugar para o negro, um lugar não apenas da subalternidade, mas em espaços de decisões, como no exemplo do personagem *Evilásio* que na narrativa tornou-se vereador pela sua comunidade.

[...] e depois foi passando a novela... foi vendo que os negros também podem ser da alta sociedade, igual assim o Evilásio ele era simples e nem por isso quando ele casou com a Julia ele candidatou a prefeito sei lá. (Ivone, 10 anos)

Porém, é necessário apontar que esta mesma citação pode também, de forma implícita, nos remeter a um imaginário social que diz de um lugar de inferioridade para o negro. Se nos atentarmos, numa segunda olhada, para a condicional “quando” utilizada pela criança, podemos fazer a leitura de que o personagem *Evilásio* só conseguiu sucesso quando casou-se com uma pessoa branca e de posição superior. A leitura que a criança faz traz elementos de um imaginário construído nos fins do século XIX e meados do XX, em que, fundamentado num racismo científico, ou seja, balizado pela Biologia e Antropologia Física, defendia-se a superioridade da raça branca sobre a raça negra em todos aspectos. Considerando-se que a narrativa é constituinte de identidades, e no caso em questão de uma criança que se auto declara negra, acreditamos que na fala da criança encontra-se um elemento de *ruptura*, - a possibilidade de um novo lugar para o negro -, mas também, um elemento de *continuidade* (Hall, 2006), fruto de resquícios do imaginário social citado acima que seria a percepção da inferioridade do negro em relação ao indivíduo branco.

Destaca-se também nas citações pontuadas, e em várias outras, que não se referiam a personagens negros a busca de uma moral, o que na fala das crianças é chamada de “lição”. Pensamos em duas possibilidades de explicação para o que as crianças enunciaram como “lição”. A primeira diz respeito uma característica comum entre telenovelas que é o embate entre o bem e o mal, cujo desfecho final, geralmente, é favorável ao bem. Em *Dois Caras* alguns conflitos não ficam resolvidos, fato que gerou protesto entre as crianças, ou seja, a busca da lógica comum.

Professor mais todos que fizeram ruindade pagou um pouco... o Ferraço que roubou a Maria Paula pagou na cadeia, a Silvia que (humilhou) a Maria Paula ficou no hospício um tempo... então todos pagaram ... todos que fizeram ruindade pagaram um tempo. (Renato, 11 anos) - resposta à pergunta “o que você mudaria no final da novela”

Eu mudaria que aquele esturpador fosse preso... o Geraldo Teixeira porque aquilo ali é errado é crime esturpar a pessoa ... a mulher... eu colocava ele na cadeia ... e as mulher que ele esturpou batia nele. (Ivone, 10 anos)

Não achei ela muito boa não... porque a mulher sempre queria a fortuna dela que o homem lá tinha roubado, agora, no final da novela ela acobertou ele em vez de deixar ele na cadeia... esses negócios assim... porque se ele tinha roubado, se ele tinha roubado ela ele tinha que ficar lá. (João Paulo, 10 anos) resposta à pergunta “o que você mudaria no final da novela”

Em segundo lugar acreditamos que essa discordância com finais não convencionais esteja ligada a algo mais profundo, qual seja, a validação da TV como um lugar de aprender e ensinar lições (Fischer 2003). A TV que ensina a como disciplinar os filhos, como tratar as diferenças, como reagir a situações de preconceito racial. Quando isso não ocorre, a criança exige tal desfecho como mostrado nas citações anteriores.

Um caso exemplar de apropriação da “lição” diz respeito à proposta trabalhada, de forma implícita, pela narrativa de valorização da meritocracia. No diálogo com as crianças, elas demonstram acreditar, como proposto pela narrativa, que o sucesso das camadas populares e em particular do negro depende apenas do esforço individual.

Eu achei legal também foi que aquela universidade da Branca, como que ela era só de rico, de burgueses, mostraram que gente da favela pode ir tranquilamente ... basta querer, ter o esforço de lutar pra ser alguém na vida... aquela parte quase no final que ... que tava falando que eles da Portelinha conseguiram fazer melhores números, provas, que os burgueses, porque os burgueses acha... ah na minha escola não pode ter preto, não pode ser da favela, tem que ser rico... não é nada disso basta querer e... tipo assim... e tentar sabe,... ser alguém... porque basta ter a força de vontade [...]
(Ana Clara, 10 anos)

Não podemos dizer, contudo, que “a lição” seja incorporada pela criança pela simples exposição à narrativa, mas que estas são perpassadas por outras expectativas e realidades de vida, como por exemplo, a intenção de uma mãe no desenvolvimento escolar da filha (ainda se referindo a possibilidade de sucesso simplesmente pela meritocracia).

Eu concordo, porque basta você querer ter o estudo... [...] igual minha mãe sempre fala [...]eu pergunto minha mãe... mãe como é que eu estou na escola pelas minhas notas assim... ela sempre fala assim pra mim... Ivone você tem essa nota é porque você quer... é sua força de vontade, você é uma menina persistente, você é uma menina inteligente... e assim ... nas séries passadas eu era um horror de aluna [...] (Ivone, 10 anos)

Objetivamente, no tocante a narrativa sobre o negro, a novela é singular porque a narrativa não fica aberta, propõe um desfecho que é o repúdio ao preconceito e a proposta de uma democracia racial, tanto na convivência como nas relações afetivas. Portanto, uma lição foi dada e uma lição foi apreendida:

[...] as pessoas aprendem a viver com racismo, sem racismo [...], (Renato, 11 anos)

[...] o racismo nunca vai se levar a nada [...], (Ana Clara, 10 anos)

ele aprendeu a lição (...) (Paulo, 09 anos)

É necessário, porém, nos atentarmos para o movimento da TV que tende a fixar “verdades”, como aponta Fischer (2003).

As imagens da TV tendem a fixar determinadas “verdades”, determinados conceitos universais como, por exemplo, os de prostituta, de adolescência, de sexualidade jovem, de beleza feminina, de classe trabalhadora e assim por diante. (p. 42)

Se é uma verdade, como diz a criança, que “o racismo nunca leva a nada” e que o personagem preconceituoso “aprendeu a lição”, não houve também nesse pequeno episódio outras lições apreendidas? O que nos encaminha para tal questionamento é a ênfase das crianças ao desfecho do conflito em que o personagem que se sente ofendido reage por meio da violência. Portanto, a forma de reação ao conflito não pode ser também entendida como uma lição a ser apreendida pela criança? O risco que corremos é a naturalização das lições sem questionamento, uma vez que nenhuma produção é neutra. O que podemos dizer, no caminho que nos aponta Fischer (2003), é que a novela *Dois Caras*, no que tange à questão do negro, faz o movimento de exposição das diferenças a serem excluídas, mas também *crystaliza diferenças a excluir*. Portanto, coloca a questão do negro e do preconceito na “vitrine” o que, de certa forma, se constituiu num efetivo avanço político ao trazer a temática do racismo para a discussão, mas ao mesmo tempo, reafirma elementos que fazem com que se *crystalizem diferenças*, como por exemplo, ao atribuir o sucesso do negro à apenas a uma questão meritocrática.

Como pôde ser observado, perpassam nesse complexo processo de recepção da narrativa sobre o negro na TV, elementos da própria constituição do que é ser negro no Brasil, através de um imaginário constituído historicamente, que diz respeito a um lugar para o negro, à questão estética, às relações familiares, religião e todo um conjunto de vivências, nas quais a criança, seja negra ou branca, está inserida.



Figura 07 – Lazaro Ramos (Evilásio Duas Caras)

Fonte:s/d. Autor desconhecido.

Disponível em:

<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Personagens/0,,PS1720-9178,00.html>

Acesso em Abril de 2010



Figura 08 – Adriana Alves (Condessa – Duas Caras)

Fonte:s/d. Autor desconhecido.

Disponível em:

<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Personagens/0,,PS1870-9178,00.html>

Acesso em Abril de 2010



Figura 08 – Juliana Alves (Gislaine – Duas Caras)

Fonte:s/d. Autor desconhecido.

Disponível em:

<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Personagens/0,,PS1832-9178,00.html>

Acesso em Abril de 2010

4.3 As crianças e as narrativas sobre negro na TV: apresentação e discussão das atividades de caráter específico

Poderíamos inicialmente perguntar quais as narrativas do negro são privilegiadas pelas crianças, quais os elementos de identificação elas apontam quando falam destas narrativas, quais as mediações fazem parte do processo de recepção? Cabe ressaltar que não pretendemos, e temos consciência que o processo de recepção não se dá num momento único, a criança vê, processa e reprocessa narrativas durante toda sua existência. O que faremos é, por meio de nossa metodologia, tentar captar elementos que fazem parte deste complexo processo. Todas as atividades abaixo apresentadas tiveram como fim geral a resposta a estas questões e o que trazemos aqui são reflexões que, acreditamos, nos ajudam a problematizar este elemento singular que é a narrativa sobre o negro na TV e a recepção desta pelas crianças. Trabalharemos neste capítulo com as atividades que denominamos *Atividades de caráter específico*, sendo elas, *Análise da Grade Televisiva*, *Roda de Conversa Sobre a Análise da Grade Televisiva (AGT)* e *Para Quem Eu Tiro o Chapéu*. Optamos por apresentar conjuntamente os dados das atividades *Análise da grade televisiva* e *Roda de conversa sobre a AGT* e posteriormente a atividade *Para quem eu tiro o chapéu*.

Para a análise dessas atividades construímos categorias analíticas que descrevem os motivos de concordância ou discordância com a narrativa negro na TV e os prováveis elementos que provocam tal relação. Procuraremos, à medida da apresentação dos dados, exemplificar cada categoria utilizada com a própria fala das crianças.

4.3.1 *Análise da Grade Televisiva (AGT)*: identificação de um problema racial e proposição de um “outro” lugar para o negro na TV

A atividade denominada *Análise da Grade Televisiva* foi a quarta atividade realizada com as crianças, cujo objetivo foi buscar informações sobre o universo de conhecimento dos alunos sobre a TV, como também, por meio da grade de programação, pesquisar a participação do negro na TV e sua forma de participação. Foram distribuídas para as crianças diversas grades com a programação da TV aberta e uma folha para registro escrito com seis (06) questões sendo, três abertas e três fechadas. A primeira e segunda questão solicitavam que elas marcassem os programas conhecidos e, em seguida, os programas que, segundo elas, tivessem pessoas negras. Na terceira e quarta questão, solicitávamos que elas relacionassem a quantidade de referências do negro na TV e o significado destas referências (quantas pessoas negras você encontrou e na sua opinião você acha que o negro aparece muito ou pouco,

justifique), e na quinta e sexta questão demonstrassem as relações afetivas estabelecidas com as narrativas do negro na TV através dos questionamentos – qual a pessoa negra que mais gosta e qual menos gosta – seguido de justificativa.

Optamos por não apresentar, neste capítulo, os dados da questão um (01) porque, de certa forma, são os mesmos relatados pelas crianças no *Questionário de Opinião* aplicado no início da pesquisa o qual já foi discutido neste trabalho. Priorizaremos, portanto, as questões de 02 a 06 que abordam mais especificamente a questão da narrativa sobre o negro na TV.

Na questão 02 (programas com pessoas/personagens negros), foram citados 114 programas. Deste conjunto, quase a metade dos programas (55) pertenciam à grade das emissoras Rede Globo e SBT. O Gênero mais citado foram as telenovelas seguido das séries americanas.²⁶. Comparando-se esta atividade com o *Questionário de opinião* em que perguntamos as crianças quanto aos programas assistidos e os programas que mais gostam temos algumas singularidades.

Tabela 26
OS 10 PROGRAMAS COM PESSOAS/PERSONAGENS NEGROS
MAIS CITADOS PELAS CRIANÇAS

Mutantes/Caminhos do Coração	21
Cabocla, Beleza Pura	19
A Favorita	15
Todo Mundo Odeia o Chris, Malhação	14
Ciranda de Pedra	13
Sessão da tarde	11
Chaves	10
TV Fama , As Visões da Raven	9
Amor e Intrigas, Eu a Patroa e as Crianças	8
Balanço Geral, Casos de Família	7
Total	184

Fonte: Atividade de Coleta *Análise da Grade Televisiva*

²⁶ O quadro com todas as referências se encontra nos anexos.

Tabela 27

10 Programas citados como os que a criança mais gosta - 3 e 4ª série

Pica-pau	34
Chaves	17
As Visões da Raven	8
Os Mutantes - Caminhos do Coração	8
Beleza Pura	7
TV Globinho	7
Malhação	6
TV Globo	5
Sessão da Tarde	4
SBT, Mix TV, Power Rangers	4
Total	100

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

Tabela - 28

10 Programas que mais assistem 3 e 4ª série

Pica-pau	31
Chaves	21
As visões da Raven	20
Beleza Pura	14
Os Mutantes	10
Video Show	8
Malhação	8
TV Globinho	6
Malhação	5
Novelas	5
Total	128

Fonte: Atividade de Coleta *Questionário de Opinião*

A primeira diz respeito ao que as crianças chamam de programas com narrativas sobre negros. Inicialmente devemos nos questionar se todos os programas citados por elas realmente contem narrativas do negro? Por exemplo, no programa *Chaves* a quem as crianças estão chamando de negro? Nossa hipótese, com base na afirmação de outras crianças, é que elas se referem ao personagem “*Senhor Madruga*”²⁷ que, além de possuir a cor da pele semelhante aos negros brasileiros vive no seriado uma situação de desprestígio. Essa atribuição vai de encontro à idéia de que ser negro no Brasil não é um fato biológico, mas uma construção social mediada pelas relações de poder. Se o personagem vivenciasse outras condições menos depreciativas ele também seria classificado como negro? Infelizmente, no momento com os dados aferidos nessa pesquisa não temos resposta para tal questionamento. Outro programa citado pelas crianças, para o qual, não encontramos explicações suficientes é o desenho *Pica Pau*. Quem neste desenho as crianças estariam classificando como negro? Poderia, também, haver diferença na recepção da narrativa sobre o negro tendo-se como referência a questão dos gêneros televisivos? Seria possível pensarmos, para ambos os casos, que o fato de ser o programa e o desenho preferido pelas crianças anule a variável étnica?

A segunda singularidade apreendida, demonstrada nos quadros acima, diz da relação programas que a criança assiste e gosta, com os programas apontados por elas como portadores de narrativas do negro. Neste quesito, podemos dizer que as narrativas do negro mais privilegiadas são as novelas, as séries americanas e os filmes. Teceremos adiante, maiores considerações sobre esses dados quando apresentarmos o quadro das pessoas/personagens negros que as crianças apontam como preferidas. Para o momento, basta sinalizar que programas sabidamente destinados a criança, como *TV Globinho*, *Bom Dia & Cia*, *Sábado Animado*, não são citados, ou são pouco citados pelas crianças. Seria porque esses programas realmente não privilegiam a narrativa sobre o negro? Seria devido ao horário

²⁷ O programa *Chaves*, de origem Mexicana, é exibido pelo SBT desde 1984. Foi criado e interpretado por Roberto Gomes Bolaños. O enredo apresenta *Chaves* uma criança de oito anos que agrega em sua personalidade a ingenuidade e esperteza, insegurança e firmeza, carência e liderança. Convive com crianças da mesma idade em uma Vila. A origem do personagem *Chaves* é um mistério, pois embora, fique implícito que more no apartamento número oito, o mesmo nunca é mostrado e muito menos os membros de sua família que este afirma possuir. (Magalhães 2005:113-114). Quanto ao personagem “*Sr. Madruga*”, conforme informações colhidas no site www.wikipedia.org ele é interpretado por Ramón Valdez, ator já falecido. “*Sr. Madruga*” um homem maduro, porém preguiçoso e um tanto desleixado com sua vida e suas responsabilidades. Vive de trabalho temporário e fugindo do “*Sr Barriga*”, locatário da Vila, a quem deve 14 meses de aluguel. Esta sempre no centro das confusões protagonizadas pelas crianças e acaba sempre apanhando injustamente de “*Dona Florinda*” que o culpa pelas queixas do filho “*Quico*”. Sempre repreende o protagonista, *Chaves*, por suas travessuras, com cascudos e socos na sua cabeça, porém nutre um carinho grande pelo protagonista.

que essas crianças têm para assistirem a TV? Questões que necessitam de melhor elucidação pois dizem da especificidade do ser criança e da construção da identidade étnica.

Já nas questões 03 e 04 procuramos relacionar quantidade de referências ao negro e analisar o significado destas referências através das seguintes perguntas: “quantos programas que aparecem pessoas/personagens negros você encontrou?” e “na sua opinião você acha que as pessoas/personagens negras aparecem muito ou pouco? Justifique sua resposta”. Estas duas questões muito nos informaram do “como” as crianças percebem e se apropriam da narrativa sobre o negro na TV. Para nossa análise, apresentamos os dados destas questões em três quadros sendo, o primeiro com as falas das crianças que responderam “pouco”, o segundo crianças que responderam “muito”, e o terceiro crianças cuja escrita não respondia diretamente a questão, grupo este que denominamos de “indefinidas”.

Quadro 01 – porque o negro aparece pouco na TV?			
Questão 04 – 3ª e 4ª series			
POUCO	Em sua opinião você acha que as pessoas negras aparecem muito ou pouco? Justifique sua resposta.		
Nome da criança	Resposta Bruta	Justificativa	Resposta - interpretada
Flávia	Pouco por causa da discriminação	Relata a existência de um problema racial – discriminação	O negro aparece pouco na TV porque é discriminado
João Paulo	Muito pouco. Porque tem pessoas que são racistas.	Relata a existência de um problema racial – racismo	O negro aparece pouco por causa do racismo
Ivone	Pouco. Porque não dão valor as pessoas negras e tem racismo	Relata a existência de um problema racial – racismo	O negro aparece pouco por causa do racismo
Silvia	Não. Porque há racismo na TV, é isso.	Relata existência de problema racial – Racismo na TV	A situação de discriminação interfere na participação do negro na TV
Mirian	Acho que não, porque eles fazem o máximo para eles não aparecer	Relata existência de problema racial – racismo	O negro aparece pouco devido à situação de racismo na sociedade

Carla	Pouco, porque existe muito racismo no mundo	Relata a existência de um problema racial – racismo	Os negros aparecem pouco devido ao racismo
Tayna	Pouco porque tem programas que não aceitam pessoas negras e isso é racismo. Esses programas que não aceitam tem que ser tirados do ar.	Relata a existência de um problema racial – racismo – e apresenta um argumento de defesa.	O negro aparece pouco por causa do racismo
Renato	Poucas vezes. Não sei, mas pode ser porque é negro.	Levanta a hipótese da existência de discriminação.	O negro aparece pouco na TV porque é discriminado
Bianca	Poucas, porque tem uns programas que não permite gente negra	Levanta a hipótese da existência de discriminação.	O negro aparece pouco porque não é aceito em todos programas
Cristina	Pouco. Eu acho que eles não gostam de pessoas negras	Levanta a hipótese da existência de discriminação.	Produtores de TV não gostam de pessoas negras.
Julio	Na minha opinião eu acho que os negros aparecem pouco porque no mundo existem mais pessoas brancas do que pessoas negras	Relação quantitativa – mais brancos que negros	O negros aparecem pouco por uma questão de quantidade de pessoas.
Manuela	Não. Porque a maioria das pessoas são brancas (Pouco, porque eles não gostam de colocar pessoas negras para personagem – resposta apagada)	Relação quantitativa – mais brancos que negros	O negros aparecem pouco por uma questão de quantidade de pessoas.
Luiz	Não, porque a maioria das pessoas são brancas	Relação quantitativa – mais brancos que negros	O negro aparece menos na TV porque em menor quantidade
Oswaldo	Não porque a maioria das pessoas são pobres	Situação econômica do negro	Não aparecem porque são pobres
Rosalina	Pouco. Hoje em dia não aparece muito porque os autores não querem	Relata uma situação trabalhista desfavorável ao negro	O negro aparece pouco porque não é contratado pelos autores.

	contratar pessoas negras		
Não identificado	Pouco, eles tem o mesmo direito que nós, eles não são melhores ou piores	Igualdade de direitos	O negro aparece pouco porque há uma situação de desigualdade social
João Carlos	Pouco, mas não tem problema porque são pessoas a mesma coisa	Não apresenta motivo e sim um argumento de auto afirmação da pessoa negra	O negro aparece pouco mas continua sendo pessoa como as outras.
Antônio Carlos	Pouco.No “Todo Mundo Odeia o Chris” uns doze personagens e “As Visões da Raven” uns seis personagens negros que aparecem na televisão.	Identifica na grade programas com pessoas/personagens negras	Os negros aparecem pouco na televisão
Eustáquio	As pessoas negras aparecem pouco	Não Justifica	O negro aparece pouco
Gilberto	As pessoas negras aparecem menos	Não Justifica	As pessoas negras aparecem menos na TV
Clarissa	Eu acho que aparece pouco	Não Justifica	Os negros aparecem pouco na televisão
Cáio César	Pouco – não sei	Não justifica	Os negros aparecem pouco na televisão
Luciana	Não aparece muito – Não sei.	Não justifica	Os negros aparecem pouco na televisão
José Carlos	Pouco, porque eu não sei porque eu não assisto televisão toda hora	Não justifica	Os negros aparecem pouco na televisão
Rita	Eu acho que é muito não – eles são negros que eles vai aparecer pouco nos programas	Não compreendida	Os negros aparecem pouco na televisão

No quadro 01 temos vinte e cinco (25) crianças que responderam que o negro aparece pouco na TV. Deste total, dez (10) apontam a existência de um problema racial, qual seja, o preconceito e o racismo. Seis (6) crianças não justificam afirmando não saber, ou simplesmente não apresentam justificativa. Três (3) apresentam uma relação quantitativa que

diz da existência de mais brancos que negros. Duas (2) falam da situação desfavorável do negro tanto no aspecto econômico como no profissional. E nas outras quatro (4) restantes, uma a escrita não foi compreendida pelo pesquisador, outra foi um relato de defesa da igualdade de direito entre brancos e negros, uma terceira restringiu-se a nomear os programas e a última expressava, a nosso ver, uma sentimento em relação à situação do negro na TV.

Quadro 02 – Porque o negro aparece muito na TV?			
Questão 04 – 3ª e 4ª séries			
MUITO	Em sua opinião você acha que as pessoas negras aparecem muito ou pouco? Justifique sua resposta.		
Nome da criança	Resposta Bruta	Justificativa	Resposta - interpretada
Henrique	As pessoas negras aparecem muito na TV	Sem argumentação	O negro aparece muito na TV.
Marizete	Na minha resposta eu acho que aparecem muito	Sem argumentação	O negro aparece muito na TV.
Marilene	Muitos, tem mais negros que brancos	Relata uma situação quantitativa na relação de negros e brancos	Existe mais negros na TV que brancos.
Marina	As pessoas negras aparecem muito em jornais em programas da tarde	Relato de programas que a TV privilegiam a narrativa sobre o negro	A TV privilegia a narrativa sobre o negro em determinados momentos
Marcos	Em “Cinema em Casa” – depende de qual filme seja as pessoas negras aparecem muito. “As Visões da Raven” aparecem muitas vezes. Em tela de Sucessos também; depende de qual filme.	Relato de programas privilegiam a narrativa sobre o negro	O negro aparece muito depende do filme e do programa
Eliseu	Eu acho que aparecem muitos negros mas só nos programas de noite como Pantanal e Jornal	Relato de programas e horário na TV que privilegia a narrativa sobre o negro	As pessoas negras são narradas na TV somente em horário noturno
Bernardo	Muito porque elas trabalham de escravo nas novelas	Relata produção que privilegia a narrativa sobre o negro	Aparecem muitos negros nas novelas

Kleber	Muito porque todo sábado passa	Relato de dia da semana que a TV privilegia a narrativa sobre o negro	A TV privilegia a narrativa sobre o negro em determinados momentos
Maria Alice	Aparece muito nos jornais porque não pode ter racismo	Relato de programa que a TV privilegia a narrativa sobre o negro	A TV privilegia a narrativa sobre o negro em determinados momentos
Ana Clara	Sim todas as pessoas são iguais para mim. Tem uma que gosta de aparecer e outras não	Relata a igualdade de direitos e a liberdade de escolha	Por sermos todos iguais e vivermos numa liberdade de escolha a presença do negro na TV é uma questão de escolha do mesmo.
Gabriela	Não. Eu acho que elas aparecem muito porque o trabalho com pessoas negras é muito importante em todos os canais.	Defesa da importância do trabalho do negro na TV – típica resposta escolar	O trabalho do negro é importante na TV
Tatiane	Sim, porque não importa cor	Defesa da igualdade racial	O negro aparece muito porque todos tem a mesma condição independente da cor

Quanto ao quadro 02 as citações fazem referência, em sua maioria, à situações, tais como programas, dia e horários em que se concentram os negros na TV, como por exemplo, nas novelas de época e séries americanas. Algumas respostas trazem também a marca do espaço de realização da pesquisa, isto é a escola. Lugar onde, muitas vezes, as respostas são medidas entre certas e erradas como nos parece as citações das crianças Ana Clara, Gabriela e Tatiane.

No tocante ao quadro 03, apresentado a seguir, a maioria das respostas relativizavam a presença do negro na TV, através das expressões, “mais ou menos”, “nem pouco, nem muito” “de vez em quando” e apontavam como justificativa, a discriminação do negro pelos telespectadores, os momentos pontuais que a TV privilegia a narrativa sobre o negro e a expressão de uma valoração estética. Outras respostas falavam, respectivamente, do desconforto das crianças com a narrativa, do preconceito na sociedade atual, da defesa de uma maior participação do segmento negro na TV e a manifestação de descontentamento com o comportamento das pessoas negras. Uma criança afirmou não gostar de TV e outra, por conta da grafia ilegível não possível compreender a resposta.

Quadro 03 – respostas relativizadas			
Questão 04 – 3ª e 4ª séries			
INDEFINIDAS	Em sua opinião você acha que as pessoas negras aparecem muito ou pouco? Justifique sua resposta.		
Nome da criança	Resposta Bruta	Justificativa	Resposta - interpretada
Paulo	Nem pouco nem muito porque são muitos discriminados pelos telespectadores	Relata existência de problema racial – discriminação pelos telespectadores	A situação de discriminação interfere na participação do negro na TV
Jurandir	Injustiça, as pessoas de hoje estão muito preconceituosas.	Relata existência de problema racial – injustiça e preconceito	O negro sofre com injustiça social
Emília	Eu não gosto de pessoas negras na TV porque mostra o racismo etc	Relata uma das condições em que o negro aparece na TV -	Não gosto de ver pessoas negras na TV porque abordam o racismo
João Carlos	Sim, de vez em quando uns programas passa pessoas negras	Enumera momentos em que a TV privilegia a narrativa sobre o negro	Existem momentos que a TV privilegia a narrativa sobre o negro
Regiane	As pessoas negras aparecem mais ou menos nos programas de TV, no jornal, novelas e filmes, e varias coisas	Aponta os programas que aparecem pessoas negras	O negro está presente em programas específicos
Natalino	Eu acho que mais ou menos porque em quase todos os programas aparecem pessoas negras	Aponta a presença do negro em diversos programas	O negro está presente em vários programas

Camila	Por mim eu (colocaria) as pessoas negras para fazer filme, novela, desenhos e etc. .	Registra espaços que gostaria de ver a presença do negro	Defende a presença do negro em vários gêneros.
Ivan	Nem pouco nem muito. Porque eles são feios.	Relaciona a pouca participação a uma condição física – aparência	O negro aparece pouco porque seu tipo físico não é preterido na TV.
Rubia	As pessoas que são negras querem ser negras como você é negro	Resposta não compreendida	Resposta não compreendida
Tiago Ribeiro	Não sei – Não gosto de televisão	Não gosta de assistir TV	Não sabe porque não gosta de TV
Emanuelle	Por mim as pessoas negras só ficavam na TV eu até queria ser negra	Defende a presença de pessoas negras na TV	Defende a presença do negro em vários gêneros.
Glória	Eu acho que as pessoas negras são muito metidas	Comportamento do negro – metidos	Critica o comportamento de pessoas negras.

O primeiro elemento que as falas do registro escrito, cruzadas com a atividade *Roda de conversa sobre a AGT*, nos ajuda a pensar é uma possível resposta à pergunta lançada acima, sobre as possíveis diferenças na recepção da narrativa sobre o negro produzidas pela especificidade dos gêneros televisivos, questão surgida por ocasião da observação e análise dos dados da questão número 02. Acenamos para uma resposta afirmativa primeiro pela singularidade com que cada criança se relaciona com a narrativa, como nos revela a fala da criança abaixo.

Pesquisador: Eliseu ... você colocou que aparece muito negro... mas só nos programas de noite...você deu dois exemplos.... Pantanal, a novela e jornal.... porque você acha que não aparece tanto nos programas de dia...

Eliseu: pelo que eu vejo é mais a noite... eu não reparo muito de manhã se é pessoa negra que aparece... eu prefiro ver o programa. (diálogo entre o pesquisador e Eliseu, 9 anos)

E em segundo pela diferenciação que algumas crianças fazem das narrativas pela sua finalidade ou “suposta” finalidade do gênero.

Judith: no Big Brother teve um homem lá que ele falou que... ele é negro né...ele disse assim que é difícil... ele disse assim... que nunca um negro ganhou o jogo do Big Brother... nunca um negro

Renato: uai gente... mas talvez não é racista... talvez pode ser que... não tenha sorte..

(criança não identificada): é por causa de sorte

Renato: talvez não é racista...

Ana Clara: foi o Brasil que escolheu...

Renato: então... isso que eu to falando, não é o moço do ibope que escolhe a pessoa, é a votação

(Criança não identificada): é o público

Renato: é o publico

(Criança não identificada): às vezes é a personalidade da pessoa...

(criança não identificada): talvez a pessoa não tem racismo ele não sai bem...

(diálogo entre Judith, 10 anos; Renato, 11 anos; Ana Clara, 10 anos e duas crianças não identificadas)

Renato: Porque no jornal já é a lei... porque no jornal não tem racismo, porque jornal é a lei. (Renato 11 anos)

Observa-se, na fala das crianças, que a narrativa sobre o negro nos *Reality Shows* e nos *jornais* estaria isenta de atitudes preconceituosas. No primeiro caso, pela participação do público externo nas decisões de permanência e/ou exclusão do candidato, e no segundo caso, pela suposta “isenção” e “neutralidade” das produções jornalísticas. Na fala referente aos *Realities Shows*, a criança não só apreende o objetivo dos programas, bem como também repete a justificativa da emissora de que é o público que define o desfecho da narrativa - “foi o Brasil que escolheu”.

O segundo elemento que queremos destacar diz sobre as falas que afirmam que o negro aparece pouco e atribuem tal fato a existência de um problema racial, qual seja, a discriminação, o preconceito e o racismo. Através da conversa com as crianças, percebemos a tentativa de “capturar”, ou seja, identificar a origem do problema racial por elas apontado. Destaca-se nas falas o uso do pronome “eles” que revela uma terceira pessoa, entre a produção e a criança, que seria possivelmente o responsável pela situação do negro na narrativa. Portanto, pela fala das crianças essa terceira pessoa poderia ser os próprios artistas,

Pesquisador: Mirian você colocou o seguinte... na questão se o negro aparece muito ou pouco... “acho que não porque eles fazem o máximo para ele não aparecer” primeiro você acha que não ou o que?

Mirian: acho que os negros aparecem pouco

Pesquisador: ai você coloca que “eles fazem o máximo pra eles não aparecer”... quem faz o máximo para o negro não aparecer...

Mirian: os artistas...

Pesquisador: porque?

Mirian: por causa que existe racismo (Diálogo entre Mirian 09 anos e o pesquisador)

Pesquisador: [Roberto] [...] quem que não gosta... o negro é que não gosta de aparecer na TV?... ou as pessoas que não gostam que o negro apareça na TV?....

Roberto: ... as pessoas...

Pesquisador: as pessoas... os artistas?...

Roberto: é

Pesquisador: porque você acha que elas não gostam?...

Roberto: sei lá. (Diálogo entre Ronaldo 10 anos e o pesquisador)

os produtores dos programas preocupados com a audiência,

[...] é porque eu acho que eles tem vergonha de mostrar os negros com medo da pessoa não gosta... porque a pessoa fala assim... só porque é negro fica mostrando... ai vai ficar [falando]... é esse preto nojento. (Flávia, 11 anos)

João Paulo: eles põe as pessoas negras pra fazer os papeis piores pra subir a... porque os brancos ficam com os papéis melhores... porque se por os negros nos papéis melhores ninguém vai gostar.

João Paulo: ai vai subindo a ... como que fala? (João Paulo, 10 anos)

os publicitários preocupados com resultados comerciais,

Assim, eu acho... igual a Ana Clara falou... por causa que assim... quando a pessoa é negra... ai falam assim... seu eu por esse aqui eles não vão gostar, eles não vão comprar... alguma coisa... então deixa eu por é... branco... rico... por exemplo, quando a pessoa faz... eles já vão pensando na cor... assim tem que olhar pra eles, pra coisa de dentro... pra coisa boa das pessoas, não pras coisas ruins. (Marina, 10 anos)

e a situação de degradação social do negro, muitas vezes preferida, por parte da mídia televisiva, para exploração e divulgação das mazelas sociais.

Eu pus na minha resposta que tem muitos por causa que os negros tem mais problemas que os brancos... então eles gravam pra mostrar... eles filmam os negros que tem mais problemas. (Marina, 10 anos)

Porque os brancos, por exemplo, eles não tem... por exemplo... igual assim... a casa ta desabando e os ricos não tem esse problema... agora os pobres tem... os pobres tem muitos problemas então eles gravam para mostrar na

televisão... que os pobres tem muitos problemas...agora assim os negros tem muitos problemas agora os brancos não... nem tanto. (Marina, 10 anos)

Temos também crianças que atribuem a situação do negro na TV, à uma causa global que seria a desigualdade nas relações de trabalho ocasionada pela pobreza e a injustiça social.

Pesquisador: nessa questão mesmo se o negro aparece muito ou pouco você colocou “não”... esse não quer dizer muito ou pouco ... a segunda [pergunta] é a justificativa... você colocou “porque a maioria das pessoas negras são pobres”... eu queria entender um pouquinho do que você colocou aqui.

Oswaldo: porque a maioria das pessoas negras pobres não tem [estímulo] o cara não consegue estudar... eles não tem a situação financeira boa. (Diálogo entre Oswaldo, 11 anos e o pesquisador)

Pesquisador: Marcos você fala que há injustiça entre as pessoas de hoje, e que elas são muito preconceituosas, e isso é o motivo que você coloca... [para pouca presença do negro na TV]

Marcos: por causa que na sociedade, entre os negros e os brancos, é o que sempre vence os brancos, é emprego.

Pesquisador: isso até na televisão?

Marcos: até na televisão. (Diálogo entre Marcos, xx anos e o pesquisador)

Vemos, portanto, que a criança percebe a TV como uma produção, e que a presença ou não do negro nesta é resultado do que pensam aqueles que estão à frente destas produções. Que elas relacionam o específico ao geral, quando vinculam aspecto econômico com a realidade de narrativa dos negros nos jornais e percebem as implicações econômicas, sociais e educativas envolvidas na complexa relação que é a narrativa sobre o negro na TV. Para a criança “estar na TV, e estar em condições favoráveis, o negro necessita de uma formação profissional que deve vir via escola. A fala da criança, talvez balizada por uma percepção de senso comum, diz sobre uma realidade comprovada por pesquisas no campo da educação, que informam que os maiores índices de evasão escolar e defasagem no aprendizado são encontrados em sua maioria na população negra.²⁸

Um terceiro elemento a comentar diz respeito às crianças que apresentam uma relação quantitativa como justificativa para a pouca presença do negro na TV. Ao dizerem que “a maioria das pessoas são brancas”, “no mundo existem mais pessoas brancas que pessoas negras”, ou ainda, “no mundo tem mais negros que brancos” estariam refletindo uma visão

²⁸

Ver mais sobre o tema no site:

http://www.geledes.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=455:historia-e-cultura-afrobrasileira&catid=96:textos-relacionados-educacao&Itemid=431: acessado em 09/08/2009.

concebida por indução da própria TV, ou poderia ser uma opinião gerada pela própria característica de formação do povo brasileiro? Obviamente não afirmamos, que as crianças que respondem “muito” sejam menos críticas ou tenham uma capacidade de leitura da narrativa menor que as outras. Entendemos que isto diz da singularidade na recepção do produto televisivo, visto que não há uma formação sistemática, com as crianças, para o convívio com este veículo.

Como penúltimo elemento, ainda sobre o “como” as crianças percebem a narrativa sobre o negro na TV, relatamos o descontentamento de algumas crianças com relação a estas narrativas. Esse descontentamento é demonstrado com relação ao assunto abordado, e também com os papéis secundários e de pouca expressão representado pelos atores negros. Na citação abaixo trazemos a fala de uma criança, auto declarada negra, que revela seu desconforto quanto ao enredo vivido por um ator negro em uma telenovela.

Pesquisador: Emília...[...] você colocou que não gostava da apresentação das pessoas negras porque mostrava o racismo... aí eu fiquei perguntando o seguinte... me questionando o seguinte... quando você deu essa resposta você estava pensando em algum programa especial... em específico que mostra o racismo.

Emília: não

Pesquisador: [...] quando você colocou essa resposta é... Emília... você estava pensando em que situação, por exemplo, que você acha que aparece racismo na televisão...

Emília: nas novelas

Pesquisador: nas novelas... por exemplo... dá um exemplo de uma novela aí que você acha que tem

Emília: Cobras e Lagartos

Pesquisador: Cobras e Lagartos você achava que tinha racismo...

Emília: um pouco...

Pesquisador: e quando você fala em racismo que tipo... que você pensa que é racismo?...

Emília: chamar as pessoas de negro ... chamar as pessoas de preto assim... (Diálogo entre Emília, 10 anos e o pesquisador)

Já as seguintes falas, dizem do descontentamento quanto ao lugar ocupado pelo negro nas telenovelas.

Ivone: não é não... sabe porque... assim eu acho que os produtores de filmes esses negócios assim não dão muito valor ao negro... ao esforço trabalho do negro... porque se fazer, a maioria dos negros quando eles vão fazer algum

trabalho... os produtores falam a não ta bom some daqui...que não da valor aos negros.

Renato: ou se não eles põe o preto... o negro pra ser humilhado... assim na novela... pra ser ...

Flávia: porque eu nunca vi...

Pesquisador: só um minutinho gente... um de cada vez... deixa ele terminar...

Renato: ... eles não põe pessoas negras livres... a maioria põe pobre que rouba... pessoa preta que rouba... a maioria dos filmes ou nas novelas... que rouba...põe o preto mas que rouba...a maioria põe os negros mas que rouba.

Ivone: eu acho assim que o negro é uma pessoa comum... num vai dizer ... olha esse aqui é um bandido... vai ser um bandido.... a maioria das pessoas.... o negro pode ser isso tudo... mas o branco ele tem uma vida... a maioria dos brancos tem uma vida melhor que a dos negros...sendo que eu nunca assim ... apesar da Favorita eu nunca vi um negro ter o papel da novela... o dele na novela não fosse assim.... as vezes é mendigo, as vezes é morador de rua...

Renato: que nem agora na Favorita .(Diálogo entre Ivone, 10 anos; Renato, 11 anos e Flávia, 11 anos)

Pinçando as falas acima sobre o descontentamento das crianças com a narrativa sobre o negro na TV, acreditamos que ambas podem sinalizar aspectos diferentes de um mesmo processo. Pensando nas considerações de Magalhães (2003) que nos informa da capacidade da criança em separar, pelo menos no tocante à temática da violência, o real do fictício, bem como no fato de que determinada temática pode fazer mais sentido para um grupo do que para outros, devido à sua proximidade e/ou distanciamento do tema, nos questionamos sobre os sentimentos que a abordagem de temas polêmicos, como o racismo, em gêneros como a novela, que tentam abarcar o “real” no “fictício”, podem gerar em crianças etnicamente diferentes. Por exemplo, que sentimentos essa narrativa estaria causando em Emília, criança auto declarada negra, da citação acima? Ao que nos parece, pelas observações da pesquisa e pela fala criança não é o fato da narrativa trabalhar o preconceito que incomoda a criança, mas a reprodução de realidades, muitas vezes, para esta, vivida e experienciada de forma dolorosa.

Pontuamos também que, no caso das crianças Renato, Ivone, e Flávia que apontam descontentamento pelo lugar ocupado pelo negro, suas falas fazem referência a um lugar historicamente ocupado pelo negro na TV, principalmente nas Telenovelas (Araujo appud Ramos 2002, p.64-65). As afirmações de Renato e Ivone, crianças auto declaradas negras, são mais emblemáticas porque se acreditamos que a TV tem, na atualidade, um papel significativo na formação das identidades poderíamos dizer, mesmo que de forma incipiente, que pelo menos para essas crianças, a narrativa sobre o negro na TV ainda não se traduz numa ação afirmativa para a construção da identidade destas crianças.

Acreditamos que as crianças cujas respostas classificamos de indefinidas, devido as expressões “mais ou menos”, “nem pouco, nem muito”, de certa forma, revelam a apreensão das crianças ao momento atual do negro na TV. Essas falas relativizantes, parecem demonstrar que a criança percebe mudanças tanto qualitativas, como quantitativas nas narrativas do negro na TV.

Flávia: é... nunca vi um negro rico nas novelas...

Ana Clara: Cobras e Lagartos... o Lazaro Ramos

Criança não identificada: ficou... porque ele roubou a herança...

Emanuelle: a mãe da Angelina também é ricassa. (Diálogo entre as crianças, Flávia, 11 anos; Ana Clara, 10 anos e Emanuelle, 10 anos)

Ana Clara: igual na Favorita... eu gostei muito do papel do Didu, o pai dele é milionário... muito dinheiro e ele não quis porque o pai dele rouba... ele não quis o dinheiro do pai dele... isso mostra que o negro é muito honesto... porque ele não quis... não quero dinheiro roubado que meu pai rouba da população... ele pegou e começou a trabalhar... agora só falta a irmã dele que eu espero, ...porque eu gosto muito dela... ah esqueci o nome dela...

(criança não identificada): Thais Araujo

(criança não identificada): Alice

Ana Clara: Alice ... que ela siga o caminho do irmão dela.... pra não ficar...porque ela tem tudo que ela quer [mas] com o dinheiro da população. (Diálogo entre Ana Clara, 10 anos e duas crianças não identificadas)

Se as questões três (3) e quatro (4) nos elucidam aspectos do “como” as crianças percebem a narrativa sobre o negro na TV, as questões cinco (05) e seis (06)²⁹ permitem uma aproximação às narrativas sobre o negro preferenciais para as crianças, bem como, a problematização dos motivos envolvidos nestas preferências. No quadro abaixo, apresentamos as dez narrativas mais citadas, no entanto, os comentários se referem ao quadro geral que, por questões espaciais, colocamos nos anexos.

²⁹ O quadro abaixo refere-se apenas à questão 05.

Quadro – 04 -NARRATIVAS E MODELOS PRIVILEGIADOS 3 e 4ª SÉRIE – ANÁLISE DA GRADE

Pessoa/Personagem/Programa	Gênero televisivo	Numero de referências	Motivos da identificação
Todo Mundo Odeia o Chris (Julios, Rochelle, Chris)	Série Humorística	10	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter cômico da narrativa - IIIIIIIII • Postura “realista” do personagem
Não se identifica (não gosta, não conhece, não sei, nenhum)		09	<ul style="list-style-type: none"> • Preferência pelo programa • Não apresenta motivo IIIIIII • Adjetivação negativa da narrativa – chato • Não conhecimento
As visões da Raven (Raven)	Série Humorística	06	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter cômico da narrativa IIIII • Não apresenta motivo
Lazaro Ramos (Evilásio)	Novela / Series	05	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter cômico da narrativa IIII • Atribuição de valor estético
Malhação (Iasmim, Bruno)	Novela	03	<ul style="list-style-type: none"> • Não apresenta motivo II • Caráter cômico da narrativa
Eu a Patroa e as crianças	Série Humorística	03	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter cômico da narrativa III
Didu	Novela	02	<ul style="list-style-type: none"> • Adjetivação positiva da narrativa legal • Postura “realista” do personagem
Beleza Pura	Novela	02	<ul style="list-style-type: none"> • Confluência da narrativa com a vida real • Não apresenta motivo
Cabocla	Novela	02	<ul style="list-style-type: none"> • Não apresenta motivo • Serem tratados dignamente e remunerados
Pânico na TV	Programa Humorístico	02	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter cômico da narrativa II
Total		44	

Algumas situações chamam nossa atenção no conjunto de dados. Em comum entre as narrativas, temos o fato de que quase todas têm o que, nos motivos de identificação, chamamos de “*caráter cômico da narrativa*”, isto é, a narrativa é uma produção voltada para o humor (como as séries americanas) ou a atuação do ator está focada no aspecto humorístico.

O primeiro item a se ressaltar é que, a narrativa com pessoas/personagens negras preferencial das crianças são as séries americanas. A primeira explicação para tal escolha é a farta oferta destes produtos no horário em que estas assistem a TV. E uma outra diz respeito à especificidade das narrativas. São todas séries humorísticas e este gênero se mostrou muito atrativo para as crianças.

Embora, como já dissemos, o caráter cômico da narrativa tenha sobressaído nos motivos elencados pelas crianças em suas justificativas, ele não foi o único. Tivemos exemplos em que, para uma mesma narrativa, foram apresentadas diferentes justificativas. Um exemplo a ser mencionado é o caso do ator *Lazaro Ramos* que na época da pesquisa trabalhava na novela *Duas Caras*. Nas justificativas elencadas para esse ator três diziam do *Caráter cômico da narrativa* – “*ele é engraçado*” e uma dizia do aspecto estético – “*porque ele é bonito*” Essa diferença, não só revela processos diferentes de identificação, como também a presença de diferentes mediadores na relação criança e narrativa sobre o negro na TV. No primeiro caso a busca do riso, da alegria, e no segundo a identificação por meio de uma valorização estética. Outro elemento que podemos pontuar, diz também da condição do ator *Lazaro Ramos* na narrativa. Isto é, embora saibamos que historicamente ao negro tenha se relegado papéis secundarizados, no momento atual, conforme nos mostram diversas pesquisas³⁰, o negro tem ocupado espaço na mídia, tanto quantitativamente quanto qualitativamente. *Lazaro Ramos*, *Milton Gonçalves*, *Thais Araujo*, são alguns exemplos de atores que conseguiram notoriedade no espaço midiático. Por exemplo, na novela em que *Lazaro Ramos* atuava no período da pesquisa, embora não sendo um dos principais protagonistas, o conflito vivido por seu personagem *Evilásio* era relevante na trama. Tanto por abordar elementos envolvidos nas relações étnico raciais brasileiras como pela sua inserção nos problemas da sua comunidade.

Algumas justificativas escapam dessa tendência, como por exemplo, “confluência da narrativa com a vida real”, relacionada a uma idéia de verossimilhança, ou, a expressão sobre a novela

³⁰ Ver, por exemplo, o trabalho de Ilana Strozenberg. O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v.2, n.4, p. 199 -220, jul. 2005.

Cabloca que revela uma posição crítica ou um posicionamento ético sobre como o negro é tratado naquela situação. Embora não tenha sido esta a justificativa que prevaleceu oferece um contraponto, ou mesmo, um indício da diferenciação nas recepções e identificações.

No conjunto acima, quase superando a narrativa mais citada, temos um grande número de crianças que escreveram não se identificar com as narrativas em estudo. A maioria desse grupo, que se utilizou de expressões como “*não gosto*”, “*não conheço ninguém*” “*não gosto porque não conheço ninguém*”, “*eu não gosto de ninguém porque eu não reparo*” não escreveu o motivo da não identificação. Há, contudo uma contradição na fala das crianças que dizem, “*não conhecer*”, pois quando lhes foi solicitada apenas localização do negro na grade televisiva, a maioria realizou a atividade sem dificuldade. O significado desse dado, pela observação de campo, é que muitas crianças se sentem incomodadas ao falarem do assunto. Suas falas, em muitos casos, revelam constrangimento com a situação do negro socialmente, ou mesmo revelavam atitudes preconceituosas em relação aos mesmos.

O que observamos, portanto, é que a narrativa sobre o negro na TV nunca é apreendida pelas crianças tal como apresentada na TV, mas ela sempre será e é mediada por processos e espaços formativos nos quais a criança está inserida. Portanto, a concepção da família em relação às relações raciais, o próprio pertencimento ou não da criança, as relações de preconceito e discriminação, o conceito de beleza e etc. estarão intimamente ligados às relações que as crianças fazem com essas narrativas. Uma criança que diz que o negro aparece pouco na TV “*porque são feios*” está, ao mesmo tempo, fazendo uma leitura de uma concepção que pode estar presente na mente daqueles que produzem a TV, mas também, tem consigo um conceito de beleza excludente e, possivelmente, o levará a leituras e ações também excludentes.

Nessa complexidade é que pudemos observar que, para além do que foi dito, embora historicamente o negro tenha ocupado espaço no meio televisivo quantitativamente e qualitativamente, no que diz respeito aos papéis ocupados, a dinâmica recorrente de apresentação do negro na televisão em papéis secundários é concomitante com o “deslugar” que as crianças relegam ao artista negro através das afirmativas acima.

Enfim, como aponta Canclini (2006), no processo de narrativa das identidades no mundo contemporâneo é necessário que procuremos aprender os movimentos de continuidade, ruptura e hibridização cultural. O que observamos no tocante a relação da criança com a

narrativa sobre o negro na TV é, que ela é um processo complexo, em que diversos elementos se cruzam numa troca cambiante entre mediadores, por vezes desiguais, que devem nos colocar alerta quando pensamos numa intencionalidade educacional e na formação de uma sociedade mais humana e igualitária.

4.3.2 *Para quem você tira o chapéu: reprodução de um recurso da própria TV*

Nesta atividade, separamos de jornais e revistas, diversas pessoas do meio televisivo entre atores, atrizes e apresentadores (brancos e negros)³¹ ocupando papéis diferenciados - secundários e principais -, porém com o cuidado de não serem pessoas que apareciam esporadicamente na TV. Selecionamos 45³² figuras que foram numeradas com o objetivo de serem identificadas pelo pesquisador no momento da atividade. Em sua maioria, as figuras utilizadas pertenciam a programas veiculados pela Rede Globo, por ser a emissora mais conhecida e assistida pelas crianças³³. Para incentivar e esclarecer as crianças quanto à forma de participação na atividade, apresentamos inicialmente, uma gravação sobre o quadro televisivo no qual iríamos nos referendar, explicando-lhes, obviamente, as adaptações que teríamos que fazer para uma participação coletiva já que o quadro na TV foi idealizado para a participação individual.

Em ambas as séries a atividade apresentou dinâmicas diferentes. Na terceira série, ela foi realizada de forma mais lúdica. As crianças participaram com bastante interesse fazendo intervenções na fala dos colegas, relatando suas opiniões sobre as narrativas, e emitindo juízos de valor em relação às figuras escolhidas. Já na quarta série este caráter de ludicidade não esteve presente com a mesma intensidade, fato que creditamos à presença da professora regente e da professora de Inglês no encontro. A presença das professoras contribuiu para um melhor comportamento das crianças. No entanto, no final da atividade, as professoras fizeram intervenções fazendo seu julgamento próprio da televisão e da sua programação, criticando o teor dos programas, bem como, a opção das crianças pelas emissoras mais populares, como por exemplo, Rede Globo e SBT. Criticando também a situação do negro na TV e o conceito

³¹ Lista em anexo

³² Na terceira série a atividade foi realizada com apenas 30 figuras, pois após a realização da atividade na quarta série verificamos que o número excessivo de figuras prejudicava a escolha das crianças.

³³ Por emissora as figuras ficaram assim distribuídas: Rede Globo 34, SBT 06, Record 03 e Band 02. Por Etnia por hetero atribuição: brancos 35 negros 10. Por Gênero: novela 29, humorístico 07, Talk Show 04, Noticiário 02, variedades 02; programa infantil 01.

de estética valorizado neste meio. Os pontos levantados pelas professoras foram: a pornografia excessiva; a imagem do negro não contribuinte para a formação de uma identidade positiva e os estereótipos em torno da beleza. Embora não tenhamos trabalhado com a perspectiva do professor, esse dado é bem interessante porque mostra uma posição dos professores e, tendo sido expressada em sala de aula implica em um trabalho explícito com a mídia e com a questão da representação do negro.

4.3.2.1 Interpretações das narrativas: entre o distanciamento e a linearidade

Procurando classificar as respostas das crianças de acordo com os motivos de escolha elaboramos dois quadros demonstrativos. Um primeiro que diz dos motivos de preferência, ou seja, as figuras para quem as crianças “tiraram o chapéu” e outro com os motivos de não preferência ou rejeição. Explicitamos também, para bom entendimento dos dados, que não há uma correspondência entre a figura dos atores e a quantidade de resposta das crianças, isto porque todas as crianças tiveram a liberdade de se expressarem sobre a figura que o colega havia escolhido. Portanto, os comentários que tecemos abaixo não se referem à unidade, mas ao do conjunto de motivos elencados para as figuras escolhidas. As particularidades, como a diversidade de motivos para uma mesma figura e recusa a outras, iremos, paulatinamente descrevendo e levantando explicações para as mesmas.

Os motivos de preferência giraram em torno das categorias que denominamos *Adjetivação positiva* – “ele é legal”, *caráter cômico da narrativa*- “ele é engraçado”, “faz palhaçadas” e *qualidade do trabalho*- “ele é um excelente ator”. Na maioria das vezes, as crianças referiram-se ao papel exercido pelo ator/atriz, inclusive, na forma de nomeação, com exceção de atores/atrizes muito conhecidos. Nota-se também, que embora a nomeação se vincule geralmente ao papel exercido pelo ator, há crianças que ultrapassam essa descrição referindo-se à pessoa na sua vida pessoal ou na sua capacidade profissional.

Eu não tiraria ... eu ia dar o chapéu pra ele... sabe porque... ele faz um ator...
eu não estou ... eu nem sei nem a vida real dele... mas eu sei que o papel lá
na malhação ele faz bem... (Daniel 11 anos 3ª série)

Pesquisador: quem que é...

Mirian: é o Dod

Pesquisador: De onde você conhece ele...

Mirian: da Favorita

Pesquisador: e agora você tira o chapéu ou não para ele...

Mirian: ah tiro...

Mirian: porque ele faz a novela muito bem. (Diálogo entre Mirian 09 anos, e o pesquisador)

Carla: Rita de Cássia da novela Malhação

Carla: eu tiro....

Pesquisador: e aí porque....

Carla: ah é por causa que ela faz uns papéis muito bons nas novelas... (Diálogo entre Carla 09 anos e o pesquisador)

Acreditamos que tais afirmativas que dizem respeito à “Qualidade de trabalho” revelam um processo de distanciamento da criança, em relação às narrativas. Quebra a idéia de passividade da criança em relação aos meios de comunicação. O caso do ator *Milton Gonçalves* que, no período da pesquisa, atuava na novela *A Favorita*, dando vida a um político corrupto, foi um caso exemplar desta afirmação. Embora as crianças revelem não concordar com as ações do personagem na narrativa, elas conseguem se distanciar e falar da capacidade de trabalho do ator em questão.

Ele é um excelente ator, mas acho que na novela ele está mentindo pra ganhar a eleição, [...]. (Marina, 10 anos)

Eu acho que eu tiro o chapéu pra ele, ele é um ótimo ator, mas na novela ele está fazendo um papel não muito legal, mas eu acho uma coisa, a gente (não) tem que ver na novela o que ele está fazendo, sim como que ele é... eu gosto das novela que ele atua... (Ana Clara, 10 anos)

Eu também, eles que mandam ele fazer esse papel... (Renato, 11 anos)

Contudo, mesmo revelando esse dado importante, que diz capacidade de leitura da criança não podemos desconsiderar os motivos de “não identificação” que estão intimamente ligados às ações dos personagens e às adjetivações negativas dos mesmos dentro da narrativa. Têm-se, por um lado, crianças que independente de um trabalho direcionado da escola para leituras do meio televisivo, fazem uma análise descolada da narrativa em foco, por outro lado temos 55% (25 de 49 referências) das justificativas centradas no enredo da narrativa. É, nesses casos, e com relação à recepção destas crianças, que nos preocupamos no que tange a forma como são narradas às minorias na televisão. Elas ajudam a criança a construir e problematizar os conceitos de beleza existente na sociedade, ou ela reforça, para criança, a valorização de um padrão único de beleza? Elas trazem elementos para que as crianças possam problematizar suas escolhas de vida, no que tange a relacionamentos, possibilidades de trabalho, e relação entre pares?

A referência às ações dos personagens é sintomática de uma forma de recepção calcada na leitura linear do produto, e de que é necessário processos educativos que possibilitem um maior distanciamento da criança em relação a narrativa. Ou seja, em pleno século XXI, não podemos aceitar que as crianças aprendam a lidar com as tecnologias pela e na exposição, ou seja, apenas pela imersão, porque quando isso acontece abre-se mais um veio no processo de exclusão. Aqueles que têm acesso desenvolvem maiores e melhores capacidades de relacionamento com a mídia em detrimento dos menos afortunados.

No quadro abaixo trazemos as falas das crianças que se referem as figuras de atores e apresentadores negros.

Quadro – 05 - ATIVIDADE PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU – RESPOSTAS AFIRMATIVAS – 3 e 4ª SÉRIE - NEGROS		
Figura	Justificativas	Motivo
Thais Araújo (Renato – negro)	Ah ela é legal	Adjetivação positiva do personagem na narrativa – ser legal
Soldado Brasil (João Paulo – branco p/H)	porque ele é muito legal... faz um papel engraçado...	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Lazaro Ramos (João Paulo – branco)	Porque ele fez o papel na Duas Caras que ele foi prefeito...	Não apresenta motivo – relata o nome da novela em que o artista trabalhou
Evilásio (Clarissa - branca)	É o Evilásio da novela Duas Caras.... ah eu tiro chapéu pra ele ... ele é legal.	Adjetivação positiva do ator na narrativa
Romildo Rosa (Marina – Branca)	Ele é um excelente ator, mas acho que na novela ele está mentindo pra ganhar a eleição, ele estava fingindo que estava doente... a filha dele chegou no quarto dele e ele tava bem comendo chocolate sem açúcar...	Qualidade do trabalho do ator
Romildo Rosa (Ana Clara – parda)	Eu acho que eu tiro o chapéu pra ele, ele é um ótimo ator, mas na novela ele está fazendo um papel não muito legal, mas eu acho uma coisa, a gente tem que ver na novela o que ele está fazendo, se... como que ele é... eu gosto das novela que ele atua...	Qualidade do trabalho do ator/atriz
Romildo Rosa (Renato – negro)	Eu também, eles que mandam ele fazer esse papel...	Isenção do ator em relação ao papel representado
Romildo Rosa (Luciana – parda)	Eu gosto do papel dele...	Gostar do papel – concordância com a narrativa
MP3 (Ana Clara – Parda)	Dance dance.... eu gostei muito do papel dos dois ... que quando esse menino entrou estava quase no final da novela ele mostrou pra essa daqui que a vida não girava ao entorno dela ... que ela queria ...	Enredo que envolve os personagens – ensina e aprende lição

	esqueci o nome dele... só pra ela... ai ela aprendeu... agora ela dança pelo amor não pra mostrar pra ... esqueci o nome dela também... mostrar pra ela que ela era melhor ela viu que não é nada disso...	
Rita de Cássia (Ana Clara – negra)	Ah é por causa que ela faz uns papéis muito bons nas novelas.	Qualidade de trabalho da atriz

No conjunto das 21 figuras destacadas pelas crianças, como pessoas para quem elas “tirariam o chapéu encontramos 06 negros o que equivale a 28,57% do total. Já no conjunto de citações (34 falas sobre as figuras), 10 se referiam a artistas negros. Dentre os motivos de identificação podemos assim classificá-los: “*qualidade de trabalho do ator/atriz (3)*”, “*adjetivação positiva da narrativa/personagem (2)*”, “*concordância com a narrativa (2)*”, “*caráter cômico da narrativa (1)*”, “*isenção do ator em relação ao papel representado (1)*” e “*não apresenta justificativa (1)*.”

Poderíamos também pensar numa correlação entre a identificação da criança com o ator negro e a sua auto classificação étnica. No entanto, nesta atividade isto não se concretiza. Nas dez falas, apenas três correspondiam a crianças que se auto declararam negras. Uma das falas se refere à menina *Carla* que discorre a respeito da atriz *Isabel Fillardis*, que no momento da pesquisa, atuava na novela *Malhação* representando *Rita de Cássia* mãe da Adolescente *Angelina (Sophie Charlotte)*. No passado *Rita de Cassia* havia se engravidado do empresário *Felix Santana (Licurgo Espinola)* o qual propôs que ela abortasse a criança, não querendo abortar e sem condições de criar a criança, a personagem, na época da gravidez empregada doméstica, entrega a filha para adoção. Com a morte de *Conceição (Zeze Barbosa)*, mãe adotiva de *Angelina*, *Rita* que trabalhava no exterior como Produtora de Eventos volta para o Brasil procurando reconquistar o amor da filha. *Carla*, ao falar da personagem volta-se para a qualidade e capacidade de trabalho de *Isabel Fillardis* – “*Ah é por causa que ela faz uns papéis muito bons nas novelas*.”. As outras duas falas são de uma mesma criança, *Renato*, referindo-se aos atores *Milton Gonçalves* e *Thais Araujo*. *Milton Gonçalves* representando *Romildo Rosa* um político corrupto na novela das oito da *Rede Globo A Favorita* e *Thais Araujo*, na mesma novela, dava vida a *Alicia*, menina mimada que mantinha sua carreira artística patrocinada pelo dinheiro do pai, e que após se apaixonar por *Cassiano (Thiago Rodrigues)* começa a desligar-se do pai devido sua conduta antiética. Os motivos elencados por *Renato* referem-se também à “*isenção do ator na escolha dos papéis*” e uma adjetivação referente a atriz *Thais Araujo* – “*ela é legal*”.

Como se pode ver, as justificativas não se diferem de outras apresentadas para artistas brancos. Se esperávamos uma maior participação das crianças negras, falando de pessoas/personagens negros isso não se efetivou. O primeiro motivo que atribuímos a fato diz respeito à própria dinâmica da atividade, que teve por objetivo, colher a recepção da narrativa sobre o negro no conjunto com outras. Segundo, porque a atividade foi realizada de forma livre e as crianças tinham a opção de participarem ou não. E, um terceiro ponto, é que não temos dados sobre o comportamento dessas crianças em outras atividades, para afirmarmos se o constrangimento em falar se referia ao assunto abordado, ou era um comportamento comum a estas crianças na sala de aula. Contudo, conforme quadro abaixo, quando analisamos as falas das crianças para as figuras que “não tiraram o chapéu” é possível retomarmos outro elemento importante na relação da criança com a narrativa que é a questão da ética.

Quadro – 06 - ATIVIDADE PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU – RESPOSTA NEGATIVA – 3ª e 4ª SÉRIE - NEGROS		
Forma de nomeação	Resposta	Motivo
Rita de Cássia (Tiago Ribeiro – branco)	Eu não gosto dela não ela passa de trouxa	Ações da personagem na narrativa.
Rita de Cássia (Silvia–branca)	Eu não tiraria pra ela porque ela... por causa que eu não gosto dela... ela faz um papel ruim... ela é sem graça	Papel ruim / ausência de caráter cômico na narrativa
Evilásio (Roberto Carlos – branco)	Eu não tiro o chapéu pra ele porque ele é chato e enjoado e eu não gosto dele...	Adjetivação negativa personagem – chato e enjoado
Adriana Bombom (Glória Maria – negra)	Não, ela é meia chata.	Adjetivação negativa da atriz
Pai do Didu (Cristina – negra)	Não acho ele chato ... é o pai do Didu ele rouba tem vezes...	Adjetivação negativa da narrativa do personagem – chato / Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa (Emanuelle – parda)	Eu não gosto dele porque ele rouba na novela, ele também rouba das pessoas, e também na novela ele faz tráfico de drogas na novela...	Ações do personagem na narrativa – roubo/tráfico
Romildo Rosa (João Paulo – branco – H)	Não tiro o chapéu pra ele porque ele tenta ganhar o voto das pessoas, igual aquela vez que ele deu a terra até o documento e na hora que ele chegou lá erra barraco, num lugar tipo uma roça só que não tinha casa nenhuma, que tinha construir sua própria casa de pau porque não tinha casa nenhuma...	Ações do personagem na narrativa – desonestidade
Romildo Rosa (Bernardo – não classificado)	Não tiro pra ele porque ele é muito invejoso... porque tem o outro cara lá que era a esposa que namorou com o filho dele... ai ele foi lá no aniversário...ai esse cara	Ações do personagem na narrativa

	ai começou a expulsar ele de lá...	
Romildo Rosa (Carla – negra)	Eu não tiro o chapéu pra ele é por causa que ele promete as coisas e não cumpre muito chato... igual na novela ta falando do hospital que ele começou a construir depois parou...	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa (Roberto Carlos – branco)	Ele é chato, sem vergonha, hipócrita, um mentiroso, um falso, e por isso eu não gosto dele	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa (Antônio Carlos – pardo)	Eu não gosto dele porque ele é muito chato e por causa que ele sempre fica intrometendo na vida do filho dele...	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa (Clarissa – branca)	Também não tiro o chapéu pra ele porque ele não cumpre nada.	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa (Paulo - negro)	Eu não tiro chapéu pra ele porque ele é sem vergonha um ladrão que fica roubando dinheiro dos outros e promete alguma coisa, por exemplo tipo ela falou... o hospital ele começou a construir só pros outros votar nele depois que a eleição ela já parou... por isso que eu não tiro o chapéu pra ele, porque ele é um falso e um ladrão	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa (Marcos – pardo)	Eu não tiro o chapéu pro Romildo Rosa porque ele tem uma facção criminosa de armas e a empresa dele de lavagem de dinheiro e ele não conta nada pros filhos dele fala que o dinheiro que ele ganha ainda é honesto.	Ações do personagem na narrativa

Neste ínterim, tivemos quatorze (14) falas que diziam da rejeição de atores negros quase todas (11) referiam se às “ações do personagem na narrativa”. E dessas onze, dez (10) relacionavam-se ao personagem *Romildo Rosa (Milton Gonçalves)*, duas (2) a *Rita de Cássia (Isabel Fillardis)*, uma (1) para *Evilásio (Lazaro Ramos – novela Duas Caras)* e uma para *Condessa (Adriana Alves – novela Duas Caras)* Segue as falas dos alunos que registraram suas participações.

Eu não gosto dele porque ele rouba na novela, ele também rouba das pessoas, e também na novela... ele faz tráfico de drogas. (Emanuelle, 10 anos)

Não tiro o chapéu pra ele porque ele tenta ganhar o voto das pessoas, igual aquela vez que ele deu a terra... até o documento e na hora que ele [o beneficiário] chegou lá erra barraco, num lugar tipo uma roça só que não tinha casa nenhuma, [o beneficiário] que tinha construir sua própria casa de pau porque não tinha casa nenhuma... (João Paulo 10 anos)

Pontuamos que quando as crianças falam da questão ética, independe se o personagem é branco ou negro elas tendem a antipatizar-se com o personagem, e isso é mais forte quando se trata do gênero novela. Das quatorze falas, três eram de crianças que se auto declaram negras, sendo que, todas elas justificaram, como motivo de rejeição, a discordância com as ações dos personagens na narrativa.



Figura 10 – Isabel Fillardis (Rita de Cássia _Novela Malhação)

Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em:

<http://malhacao.globo.com/Novela/Malhacao/Personagem/0,,PS51-4035,00.html>

Acesso em Abril de 2010



Figura 11 – Milton Gonçalves (Dep. Romildo Rosa – Novela “A Favorita”)

Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em:

<http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Personagens/0,,PS2090-15493,00.html>

Acesso em Abril de 2010

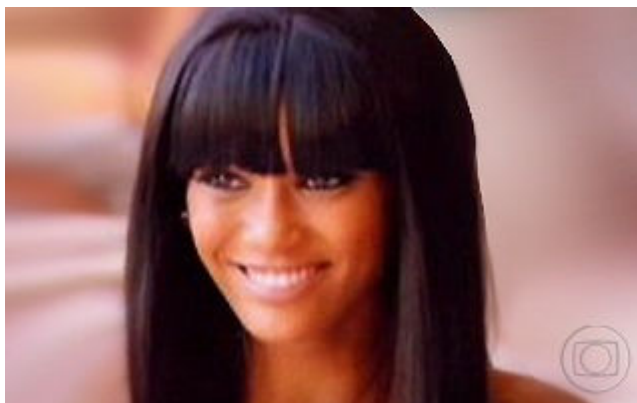


Figura 12 – Taís Araújo (Alicia – Novela “A Favorita”)
Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em:
<http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Personagens/0,,PS2058-15493,00.html>
Acesso em Abril de 2010



Figura 12 – Fabrício Oliveira (Diduzinho – Novela “A Favorita”)
Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em:
<http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Personagens/0,,PS2075-15493,00.html>
Acesso em Abril de 2010

4.3.2.2 Desconhecidos ou ignorados: narrativas mediadas por preconceitos

Esclarecemos inicialmente três pontos: primeiro que o que chamamos de *desconhecidos* são os atores cujas figuras as crianças afirmaram não conhecer; segundo, que o número de figuras citadas não corresponde ao número de fala das crianças uma vez que, uma mesma criança, em alguns casos, escolhia várias figuras até chegar a uma conhecida; e por fim, que o fato da figura constar no quadro de desconhecidos, não significa que ela não tenha sido reconhecida por outra criança, isto porque, o que a tabela a seguir mostra é o conjunto das figuras que foram apontadas como desconhecidas e o número de recorrência da mesma.

Tabela 29
FIGURAS NÃO RECONHECIDAS

Número	Nome	Número de recorrências
45	Flávio Bauraqui	04
44	Nando Cunha	03
35	Iran Malfitano	03
38	Babu Santana	03
09	Glória Maria	02
43	Vinicius Cardoso	02
29	Mauro Tramont	01
34	Antônio Fagundes	01
32	Dedé Santana	01
20	Saulo Laranjeira	01
05	Adriana Alves	01
42	Milton Gonçalves	01
25	Hebe Camargo	01
36	José Luiz Datena	01
Total		27

Fonte: Atividade *Para quem eu tiro o chapéu?*

No topo da lista encontramos os atores Flavio Bauraqui, Nando Cunha, Iran Malfitano e Babu Santana³⁴. Das catorze (14) figuras citadas, sete (07) podemos classificar como negras, ou seja, 50% do grupo. Inicialmente podemos dizer que é um número considerável, pois esse número representa quase que a totalidade (70%) do número de figuras negras colocadas na atividade. Esse dado reforça a afirmação descrita anteriormente, quando apresentamos os dados da atividade denominada “*Análise da grade televisiva*”, em que um número acentuado de crianças, quando perguntadas sobre “qual a pessoa negra da TV que mais gosta”, responderam com as evasivas “não gosto”, “não conheço” e “nenhuma”.

³⁴ Flavio Bauraqui no período da pesquisa interpretava “Ezequiel” um evangélico motorista da personagem protagonista “Maria Paula” interpretada pela atriz Marjorie Estiano na novela *Duas Caras*; Nando Cunha interpretava o “Soldado Brasil” na novela *desejo proibido* fazendo parte do núcleo cômico da novela; e Iran Malfitano encarnava “Orlandinho” um homossexual não assumido devido à cobrança dos pais na novela “*A Favorita*” da Rede Globo.



Figura 14 - Flávio Bauraqui (Ezequiel – Novela Duas Caras)
Fonte:s/d. Autor desconhecido
Disponível em: <http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras>
Acesso em 28 de outubro de 2009



Figura 15 – Nando Cunha (Soldado Brasil – Novela Desejo proibido)
Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em:
<http://desejoproibido.globo.com/Novela/Desejoproibido/Revista/0,,9727,00.html>
Acesso Abril de 2010



Figura 16 – Iran Malfitano (Orlandinho – Novela Duas Caras)
Fonte: s/d. Autor desconhecido. Disponível em:
<http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Personagens/0,,PS2048-15493,00.html>
Acesso em Abril de 2010



Figura 17 – Babu Santana
Fonte: s/d. Autor Ricardo Gama. Disponível em:
<http://www.filmeb.com.br/quemequem>
Acesso em 28 de Outubro de 2009

O que marca, no entanto, a atividade é a forma como as crianças se referem aos *desconhecidos*. As falas que destacamos abaixo foram mais recorrentes na terceira série em que a atividade foi desenvolvida de uma forma mais livre e, conseqüentemente as crianças manifestaram-se de forma mais espontânea. Os *desconhecidos* foram marcados por referências preconceituosas quanto ao fator estético, quanto ao gênero e quanto a opção sexual. Frases como “*vai tirar o home feio demais*” e “*tribufu é com você*”, foram utilizadas na nomeação dos atores *Flavio Bauraqui* e *Adriana Alves* respectivamente. Já o personagem *Orlandinho*, interpretado pelo ator *Iran Malfitano*, na novela das oito da *Rede Globo A Favorita*, foi alvo do preconceito com relação à questão sexual. Algumas crianças quando retiravam sua figura recusavam-se a dizer que o conheciam e os colegas faziam comentários pejorativos, isto porque, na narrativa o ator dava vida a um personagem homossexual.

Paulo: (abaixa-se e pega uma figura)
Criança não identificada: ih... (risos da turma)
Antônio Carlos: Ah o Orlandinho aquele gay que gosta do Halley
Pesquisador: então vamos ouvir primeiro o Paulo depois vocês falam
(Risos continuam)
Paulo: eu não conheço esse cara aqui não...
Pesquisador: você não conhece?
Criança não identificada: conhece sim...
(Paulo ri)
Pesquisador: você conhece ou não conhece...
Paulo: (responde negativamente com a cabeça) (Diálogo entre o pesquisador e Paulo, 09 anos)

Pesquisador: que número que é...
Criança não identificada: o viadinho... (tom baixo)
Criança não identificada: o gogoizinho
Rúbia: (responde negativamente com a cabeça)
Rúbia: vinte e cinco... (Diálogo entre duas crianças não identificadas, Rúbia, 09 anos e o pesquisador)

Outro aspecto a se considerar no tocante aos “desconhecidos”, e mais propriamente, na situação provocada pela figura de Iran Malfitano foi a desconsideração por parte das crianças da questão cômica vivida pelo seu personagem. Seria de se esperar que, como em outras atividades, elas referenciassem o aspecto cômico da narrativa, visto que, ele foi um dos principais motivos de aceitação e preferência por uma narrativa entre as crianças. No entanto, quando se cruzam a comicidade do personagem com uma opção sexual, diferente do usual, as crianças (do sexo masculino) preferem se calar. Essa comicidade não pesa porque há outros elementos presentes nesta escolha que se dá num evento coletivo, como a afirmação de uma masculinidade, o medo do ridículo e o próprio preconceito na relação com aqueles que não se enquadram no padrão de normalidade.

Percebe-se, portanto, que para além da parca exposição e da forma de apresentação do negro na mídia outros elementos estão presentes neste complexo processo. Entre eles apontamos a cultura popular e o preconceito. Particularmente, na narrativa sobre o negro é recorrente o preconceito tanto para com o gênero feminino como também para com o gênero masculino no que tange ao aspecto estético e à não identificação com as referidas narrativas o que acreditamos esteja ligado a forma de apresentação do mesmo no espaço midiático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos nessas poucas linhas finais fazer um exercício de retomada das questões que nortearam nosso trabalho apresentando algumas respostas, limites e questionamentos. Os comentários a seguir trazem considerações quanto ao processo metodológico e quanto a questão inicial que trazíamos, qual seja, “como as crianças se relacionam com a narrativa sobre o negro no espaço televisivo, tendo em vista suas particularidades e a importância da TV na formação do sujeito contemporâneo”.

O primeiro ponto a comentar diz respeito ao processo metodológico utilizado. Destacamos a coerência do mesmo com a perspectiva que defendida, neste trabalho, de que a criança, enquanto receptor ativo, balizada por sua experiência de mundo, é construtora e reconstrutora do visto e revisto na TV. Destacamos também a postura aberta da metodologia, a diversificação nas atividades de coletas e o caráter dialógico e formativo das mesmas.

A flexibilidade do processo metodológico possibilitou que fizéssemos escolhas e cortes durante o percurso da pesquisa. Um exemplo desta flexibilidade foram as Rodas de Conversas que, embora não estando previstas em todas as atividades, tornaram-se um instrumento valioso de elucidação das questões que não foram suficientemente respondidas nas atividades de registro escrito. A diversificação das atividades no trabalho com as crianças contribuiu para que a pesquisa não se tornasse enfadonha e possibilitou ao pesquisador diferentes abordagens sobre um mesmo problema. E, embora as atividades fossem diferentes uma da outra elas oscilaram entre um pólo e outro do objetivo geral. Em determinado momento privilegiaram as leituras da narrativa sobre o negro num contexto global, e em outro num contexto mais específico. Hora com foco maior e na identificação, hora na capacidade de leitura das crianças acerca da realidade vivenciada pela coletividade negra no meio televisivo.

De forma geral, as atividades nos permitiram conhecer um pouco mais do que a criança pensa sobre a narrativa sobre o negro na TV brasileira. Possibilitou, também, elucidar e/ou ao menos problematizar alguns movimentos de identificação, sejam eles culturais, sociais ou étnicos. Acreditamos também que, por se pautarem no diálogo as referidas opções, propiciaram uma melhor compreensão da mídia televisiva e das suas narrativas para as crianças pesquisadas.

De certa forma, tais atividades podem gerar futuras pautas de discussão crítica da mídia televisiva no cotidiano da escola.

As várias atividades utilizadas se voltaram para sondagens sobre recepção da TV e programas mais assistidos, isto porque essa era uma das condições para eleição dos gêneros mais relacionados com a temática de pesquisa. Nesse sentido, os dados relativos às dimensões mais amplas, da relação das crianças com a TV, repercutiram num tipo de análise que não focaliza unicamente os aspectos étnico-raciais, mas mostram processos de recepção que são, de alguma forma, determinantes do acesso às narrativas sobre o negro. No conjunto com outras narrativas como, por exemplo a do homossexual, a pesquisa nos permitiu ver singularidades, no quesito relação da criança com a TV, válidas para todas as etnias. Dentre essas, podemos citar a questão moral como aspecto excludente da narrativa e a questão cômica como fator de aceitação da narrativa. Obviamente, como nos exemplos apontados pela pesquisa, a narrativa sobre o negro que se cerca de aspectos negativos quanto à moralidade – negro ladrão, corrupto, etc-, têm um peso significativo na rejeição da criança. Também, ao optarmos por trabalhar com crianças de diversas etnias deixamos espaço para pesquisas que venham focar unicamente a criança negra. Nossa pesquisa mostra que, embora os mediadores sejam os mesmos, as particularidades da vida de cada criança é que dirão sobre as formas diferenciadas de recepção.

Nosso trabalho reafirma questões já sabidas da relação criança e televisão, como o fato de que essa mídia está presente ativamente na vida das mesmas, e que estas gostam de ver e falar sobre esse veículo. Também constata uma ação ativa da criança sobre o produto televisivo ao qual tem acesso e traz, por outro lado, elementos novos no que diz respeito à “como” esta se relaciona com a narrativa sobre o negro na TV. As crianças se mostram receptoras ativas no que diz respeito à narrativa sobre o negro na TV. Tanto ela (a criança) percebe as mudanças ocorridas na forma de narrativa sobre o negro ocasionada por diversos fatores, entre eles pressões dos movimentos sociais e pela própria descoberta, por parte da publicidade, do negro enquanto grupo consumidor, como também percebem e explicam pela via do preconceito racial a pouca presença do negro na TV.

Por outro lado constatamos, por parte da criança, uma validação da TV enquanto lugar privilegiado de aprender e ensinar lições - Fischer (2003). Essa constatação nos leva a reafirmar, como proposto por Fischer (2003), a necessidade de trabalhos pedagógicos que analisem a TV como uma produção cultural, de forma que possamos perceber se esta expõe

ou cristaliza diferenças. Necessita-se de mais trabalhos pedagógicos e também acadêmicos que possam dar conta de analisar a relação da criança com a narrativa sobre o negro em diversos gêneros, pois, como este trabalho nos mostra ela é diferenciada.

Estivéssemos realizando um trabalho pedagógico na escola teríamos que, certamente fazer alguns questionamentos com o nosso grupo de crianças, como por exemplo: Será que nos *Reality Shows* como os *Big Brother*, ou em jornalísticos como *Você Decide*, é realmente o Telespectador que define o desfecho da produção? Existira uma neutralidade na narrativa sobre o negro nos telejornais? Em outra ordem, pensando no campo acadêmico também devemos nos perguntar qual é o real “peso” do gênero televisivo na recepção da narrativa sobre o negro. Isto é, até que ponto a “identidade” do programa, que diz de formas diferenciadas de narrativas, interfere na recepção da criança, no que diz respeito aos sentimentos e a aceitação. São perguntas que nos impelem e dizem sobre a necessidade de outros trabalhos que focalizem relação da criança com a narrativa sobre o negro em outros programas, como por exemplo programas humorísticos, e seriados.

Podemos dizer que, ao falarmos de recepção das crianças à narrativa sobre o negro, ela se reveste de uma complexidade frente aos diversos mediadores que nela se encontra. Numa troca cambiante encontramos nessa relação aspectos que dizem sobre a própria constituição do que é ser negro, de um imaginário social que diz respeito a um lugar para o negro, ainda presente, na mente das crianças e daqueles que produzem as narrativas televisivas, de opções religiosas, de um conceito hegemônico de beleza baseado nas características físicas do branco europeu, ainda seguido e alardeado pela mídia e de diversas vivências nas quais a criança está inserida.

Acreditamos também que o “deslugar” que grande parte das crianças atribuem ao negro, é concomitante com a realidade de sua narrativa. Tal constatação diz, também, sobre a necessidade de continuarmos avançando na luta por uma TV que insira a diferença, não enquanto elemento a ser excluído, mas enquanto elemento real, se constituindo, portanto, numa ação política que nos leve à ações voltadas para a transformação. Se criança gosta de falar de TV, por esta fazer parte do seu dia a dia, como já dito neste trabalho, nossa tarefa enquanto educadores é colocar a TV e a narrativa sobre o negro nas pautas de trabalhos, a fim de gerarmos um conhecimento crítico que nos leve para melhores práticas educacionais.

Quanto ao impacto da narrativa sobre o negro na constituição da identidade de crianças que se auto declarem negras, acreditamos que, embora haja necessidade de mais estudos que foquem este grupo unicamente, nos arriscamos a dizer com base nos dados deste trabalho que a narrativa sobre o negro na TV ainda não se traduz numa ação que contribua para a construção de uma identidade negra positiva.

Eu acho que assim o negro quase não tem uma experiência nova... uma oportunidade de ser igual os brancos importantes... de ser assim... reconhecidos. Eu acho na minha opinião que o negro quase não tem oportunidade de ser igual um rico um milionário, ele quase não tem oportunidade... então eles acham que a realidade do negro é só [promiscuidade]... é mulheres negras, meninas negras fazendo prostituição, coisas assim... então eu acho que o negro assim...quase não tem oportunidade de ser uma pessoa grande... igual os brancos que são ricos, milionários. (Ivone, 10 anos)

Enfim, acreditamos que o trabalho lançou luzes sobre um processo complexo, qual seja a narrativa sobre o negro e a recepção das crianças e que outros trabalhos que foquem a criança negra em específico, ou os programas preferidos pelas crianças para analisar a representação do negro, precisam ser realizados. Obviamente, sempre no movimento educativo de compreender esta especificidade e redundar em práticas que nos levem a um melhor entendimento desta complexidade a nós mostrada por este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Claudia Rosa and NOHARA, Jouliana Jordan Interpretações sobre os retratos dos afro-descendentes na mídia de massa. Rev. adm. contemp., 2008, vol.12, no.spe, p.119-146. ISSN 1415-6555 disponível em <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> Acesso em 26 abr. 2009.
- ARAÚJO, Denise Lino de. TV como instância de letramento. Comunicação e Educação. São Paulo, n.24, p. 29-45, mai/ago. 2002.
- ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. Rev. Estud. Fem., Dez 2008, vol.16, no.3, p.979-985.
- ARAÚJO, Joel Zito. TV, cinema, teatro e dança (A estética do racismo). In: RAMOS, Silvia (org.). Mídia e Racismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2002, p. 64 – 71.
- ASSIS, Regina & TAVARES, Marcus. A criança e a tevê no Brasil.(artigo) Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=67704 Acesso em 05 jul. 2009
- BIERNATZKI, Wiliam E. & PECORA, Norma. Status da pesquisa sobre crianças e televisão. Comunicação & Educação, São Paulo, v.08, n.24, p. 49 - 59, maio/ago. 2002. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4529/4252> acesso 14 out. 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (org.) A miséria do mundo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 693 – 732.
- BRANDÃO DE FARIA, Maria Cristina & FERNANDES; Danúbia de Andrade. Representação da identidade negra na telenovela Brasileira. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 02, n.15. ago. 2007. Disponível em http://www.compos.org.br/files/28ecompos09_Brandao_Fernandes.pdf acesso em 26 abr. 2009.
- BRITO, L.M.T. De “papai sabe tudo” a “como educar seus pais”. Considerações sobre programas infantis de TV. Psicologia & Sociedade, São Paulo, v.17, n. 01, p.17-28, jan/abr. 2005.
- CAMINHA NETO, J.G.. O Brasileiro Imaginário: Reflexões Teóricas Sobre Literatura, Mídia e Mestiçagem. In: congresso brasileiro de ciências da comunicação, 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo – SP. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0285-1.pdf> Acesso em 04 abr. 2008. Acesso em 15 jul. 2007.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. O que as crianças fariam com uma câmera na mão? Entrevista concedida ao site Rio Mídia (2005). Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Entrevistas&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=65284 Acesso em 05 jul. 2007

CARVALHO, M. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. Revista Brasileira de Educação, n.º. 28, jan./abr. 2005, p.77 – 95.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. América Latina: mercados, audiências e valores num mundo globalizado. (artigo) Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=67663 Acesso em 05 jul. 2009

CORDELIAN, W.; GAITAN, Juan Antonio; GOMES, Guillermo Orozco. A televisão e as crianças. Comunicação & Educação. São Paulo, v.3, n.7, p.45 a 55, set./dez. 1996. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/4313> acesso em 14 out. 2008.

COLVARA, Lauren Ferreira. Reflexões sobre a relação televisão e criança. Paper apresentado no XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, maio de 2006, Ribeirão Preto, SP 2006. Disponível em www.direitoacomunicacao.ogr.br acesso em 15 jul.2007.

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.20, mai/jun/jul.2002. p. 71-82.

DUARTE, Rosália; MIGLIORA, Rita; ALEGRIA, João. Crianças, televisão e telejornais. GRUPEM – Grupo de Pesquisa e Mídia- PUC–Rio. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/midiajuventude/artigo13.pdf> Acesso em 10 jul 2007.

DUARTE, Rosália & Outros. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a TV. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. v.11, n.º 33, p. 511 - 518 set/dez. 2006.

EDGAR, Patrícia. 5ª Cúpula mundial de mídia para crianças e adolescentes. (artigo) Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=68108 Acesso em 05 jul. 2009

FERNANDES, Adriana Hoffmann & OSWALD, Maria Luíza Bastos Magalhães. A recepção dos desenhos animados da TV e as relações entre a criança e o adulto: desencontros e encontros. Cad. CEDES, Abr 2005, vol.25, n.º. 65, p.25-41. ISSN 0101-3262 Disponível em <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> - acesso em 14 out. 2008

FERNANDES, Danúbia de Andrade & FARIAS, Maria Cristina Brandão de. Representação da identidade negra na telenovela brasileira - Uma construção negativa? In: Anais do XXX Congresso Brasileiro da Comunicação, 2007, Santos – SP.. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0667-1.pdf> Acesso em 26 abr. 2009

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Educação: em cena, modos de existência Jovem. Educar, Curitiba, n.26, p.17-38, 2005.

_____. Televisão & Educação: fruir e pensar a TV. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação, Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.20, p. 83-94, mai/jun/jul.2002.

_____. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. Educação e Realidade. Porto Alegre, RS. n. 22 (2); pág. 59-80; jul./dez 1997.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV

_____. O Mito na sala de jantar: leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre televisão. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Movimento 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. As crianças e os programas de TV. (artigo) Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=434 Acesso em 05 jul. 2009

Gomes, Itania Maria Mata. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os média. Rio de Janeiro: E-papers, 2004. 258pag.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Que “negro” é esse na cultura negra. In: _____. Da Diáspora identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 335 – 349.

FREIRE FILHO, João. História da Televisão: Teoria e Prática. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004. Porto Alegre - RS. Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/>. Acesso em 13 jul. 2007

GERBNER, George. A imagem da Criança no horário nobre da televisão. In: CARLSSON, Vila e FEILITZEN, Cecília Von (orgs.). A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002, p. 85 – 88.

GOMES, Nilma Lino. Racismo e Imaginário Social: Desdobramentos na Realidade Escolar. In: _____. A mulher negra que vi de perto. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. cap. 2, p. 67 – 114.

GROEBEL, Jô. Acesso à mídia entre as crianças de 12 anos no mundo. In: FEILITZEN, Célia Von & CARLSSON, Ulla (orgs.). A Criança e a mídia: imagem, educação e participação 2ª ed.. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 69-76.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.29, n.01, p. 93-107, jan/jun. 2003.

JORNAL O TEMPO. Pelo Fim do preconceito racial nas tramas da TV. Belo Horizonte, 20 de novembro de 2008. Caderno Televisão, p. 7.

LEITE, Márcia. A escola não parece ter futuro sem a televisão. (artigo). Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=64381 Acesso em 05 jul. 2009

LIMA, Solange Martins Couceiro de. O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

LINHARES, Gladis. Mídia e Etnia: A visibilidade dos grupos étnicos na televisão sul-matogrossense. Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13LINHARES.pdf

LIVINGSTONE, Sonia; HOLDEN, Katharine J.; BOVILL, Moira. As crianças é o ambiente da mídia em mudança. In: A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação. 2ª ed. CARLSSON, Vila e FEILITZEN, Cecília Von (orgs.). São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 45 – 68.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. Os programas Infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para as crianças. Belo Horizonte: Autêntica 2007.

MAGALHÃES, CLÁUDIO MÁRCIO; PAIVA, APARECIDA; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Do pocinho ao cabeças a televisão pelo olhar das crianças de Ouro Preto. 2005. enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

MAGGIE, Ivonne. “Aqueles a Quem foi negada a cor do dia”: as categorias de cor e raça na cultura Brasileira. IN: Raça, Ciência e Sociedade. Marco Chor Maio. Marco Chor (org). Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, p. 225 – 234.

MEDEIROS, Renata. Propaganda exclui negro. O tempo. Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2008. Blequitude, p. 5.

MOGADOURO, Cláudia. Os jovens e a recepção da novela. Entrevista ao site Rio Mídia. (2003). Disponível em

http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Entrevistas&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=65564 Acesso em 05 jul. 2007

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. Educ. Soc., Dez 2003, vol.24, n.º.85, p.1203-1235. ISSN 0101-7330
<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf> acesso em 14 out. 2008

OLIVEIRA, D. de & PAVAN, M. A. Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela Da Cor do Pecado. Paper apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Disponível em www.adtevento.com.br/intercom. Acesso em 26 abr. 2009.

OLIVEIRA, Elania de; CASTANHEIRA, Maria Lúcia; GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais e de gênero e o discurso da sala de aula de português: uma abordagem etnográfica internacional. 2008. 184 f., enc.: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

OLIVIER, Cathus. O preconceito forte como um leão: representações do negro e da violência na mídia. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v.1, n.29, abril 2006. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/475/402> Acesso em 26 abr. 2009.

PACHECO, Elza Dias. Televisão, criança, imaginário e educação: Dilemas e Diálogos. Campinas: Papyrus, 1998.

PILLAR, Análise Dutra. Criança e televisão: leituras de imagens. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PORTO, Mauro P. A Pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado. Paper apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2003, Belo Horizonte MG. Disponível em http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/raop/pdf/recepcao_efeitos_midia.pdf. Acesso em 26 abr. 2009.

PUNTEL, Luiz & OLIVEIRA, Fátima Chaguri. Língua Portuguesa: 4ª série. São Paulo: Atual, 2001.

QUEIROZ, Madeleine Piana de Miranda. Corpo de Vênus: mediações sociais formativas dos valores estéticos corporais em adolescentes do sexo feminino na contemporaneidade. Belo Horizonte, 2004. Dissertação Mestrado FaE/UFMG.

ROSEMBERG, Bia. A TV que seu filho vê: como usar a televisão no desenvolvimento da criança. 1ª Ed. São Paulo: Panda Books, 2008.

RODRIGUES, Carla Daniela Rabelo. Perto do Alcance das Crianças. Resumos do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Salvador, BA. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1274-1.pdf> Acesso em 15 jul 2007.

SALGADO, Raquel Gonçalves, PEREIRA, Rita Marisa Ribes and JOBIM E SOUZA, Solange Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. Cad. CEDES, Abr 2005, vol.25, no.65, p.9-24. ISSN 0101-3262 Disponível em <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> acesso em 10 Ago. 2008.

SALGADO, Raquel. Por que as crianças gostam de desenho animado? Entrevista concedida ao Site Rio Mídia. Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=4&label=&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=55285 acesso em 05 jul. 2007

SAMPAIO, Inês Silvia Vitorino & BARROS, Nevânia Veras Rodrigues. A tematização da infância nos programas de auditório. Paper apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, SET, 2003, Belo Horizonte MG. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP13_sampaio.pdf Acesso em 15 jul. 2007

SANTOS, Joel Rufino dos. O negro como lugar. In: Raça, Ciência e Sociedade. MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB 1996. (219-224)

SOVIK, Liv. A branquitude e o estudo da mídia brasileira: algumas anotações a partir de guerreiro ramos. Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002 Salvador BA Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13SOVIK.pdf acesso em 14 jul. 2007

STEIN, Márcia. Quem faz TV e quem vê TV.(artigo) Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=67645 acesso em 05 jul. 2009

STROZENBERG, Ilana. O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira. Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, v.02, n.04, jul. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/view/5131/4787> Acesso em 26 abr 2009.

TAVARES, Marcus. O intervalo comercial da programação infantil. Disponível em: <http://www.educamidia.unb.br/03-noar/comercialinfantil.dwt>. Acesso em: 20 jan. 2008.

_____. O intervalo comercial da programação infantil. Setembro de 2006. Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Mat%E9rias&v_nome_area=Mat%E9rias&v_id_conteudo=65880 Acesso em 05 jul. 2009

_____. Crianças do consumo: a infância roubada. Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Mat%E9rias&v_nome_area=Mat%E9rias&v_id_conteudo=64510 Acesso em 05 jul. 2009

_____. A criança na TV brasileira. Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_periscopio_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Perisc%F3pio&v_nome_area=Perisc%F3pio&v_id_conteudo=68018 05 jul. 2009.

_____. Você sabe quais são os filmes exibidos no horário livre? Disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Mat%E9rias&v_nome_area=Mat%E9rias&v_id_conteudo=66908 Acesso em 05 jul. 2009

_____. Você conhece os desenhos animados a que a garotada assiste? disponível em http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Mat%E9rias&v_nome_area=Mat%E9rias&v_id_conteudo=132 Acesso em 05 jul. 2009

TELLES, Edward Eric. Discriminação Racial. In: _____. Racismo a Brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Tradução Nadejeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003. cap. 8, p. 221-261.

TONIN Juliana. Pós-modernidade e publicidade: a “desinvenção” da infância. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro – RJ... <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1776-1.pdf> Acesso em 05 jul. 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. Rev. Antropol., v.48, n. 02, p. 699-736, jul./dez. 2005. ISSN 0034-7701. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000200009&lng=pt&nrm=iso acesso em 10 jul.2007

SZYMANSKY, Heloisa (org). A Entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

WHITE, Oriana Monarca. Mídia: Instrumento Fundamental na Construção das Identidades: Um estudo empírico. Anais... XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ, setembro de 2005, Rio de Janeiro - RJ - Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1909-1.pdf> Acesso em 13 abr. 2007

WHITE, Robert A. Tendências dos Estudos da Recepção. Comunicação & Educação. São Paulo, v. 13, p. 41-46. set/dez. 1998.

_____. Recepção a abordagem dos Estudos Culturais. Comunicação & Educação. São Paulo, v. 12, p. 57 - 76. Mai/ago 1998.

YANAZE, Liriam Luri Higuchi & YANAZE, Mitsuru Higuchi O mercado de produtos infantis e a adequação da linguagem publicitária – um estudo comparativo dos Contextos Brasileiro e Japonês. Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, setembro, 2002, Salvador BA. http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP3yanaze.pdf Acesso em 15 jul. 2007.

ANEXOS

ANEXO A

Atividades para análise de processos de recepção vivenciados por crianças à narrativas que apresentem personagens negros

1ª Atividade de apresentação

Objetivo da atividade para a pesquisa: apresentar o pesquisador; apresentar a pesquisa; incentivar as crianças a participarem; conhecer as crianças; testar a gravação com a câmera filmadora; sondar dados opinativos sobre o objeto de estudo pesquisado (televisão).

O que se pressupõe das crianças: que ela seja capaz de se expressar sobre sua relação de uso da televisão.

Atividade:

❖ Apresentação do pesquisador

➤ (Quem sou eu?)

➤ De onde vim?

❖ Apresentação da proposta

➤ Objetivo da pesquisa?

➤ Como eles podem ajudar?

➤ Como será realizada?

❖ Exercício de sondagem temática através de dinâmica denominada Batata quente

Perguntas para Batata quente

O que você gosta de fazer quando não está na escola?

O que você gosta de fazer quando não está na escola?

O que você gosta de fazer quando não está na escola?

Qual o seu time preferido?

Qual o seu time preferido?

Qual é o seu programa de TV preferido?

Qual é o seu programa de TV preferido?

Qual é o seu programa de TV preferido?

O que é que você mais gosta de assistir na TV?

O que é que você mais gosta de assistir na TV?

O que é que você mais gosta de assistir na TV?

O que você mais gosta de fazer na escola?

O que você mais gosta de fazer na escola?

O que você menos gosta na escola?

O que você menos gosta na escola?

Quem é o seu ídolo na TV?

Quem é o seu ídolo na TV?

Quem é o seu ídolo na TV?

O que não gosta de ver na TV? Por que?

O que não gosta de ver na TV? Por que?

O que não gosta de ver na TV? Por que?

2ª – Atividade – Questionário de opinião

Objetivo da atividade para a pesquisa: identificar os programas assistidos pelas crianças.

O que se pressupõe sobre o aluno: que ele seja capaz de se expressar sobre sua relação de uso da televisão explicitando a intensidade e as relações afetivas com a mídia.

Atividade: Questionário de opinião sobre a relação dos alunos com a televisão. (registro escrito)

Questionário:

Você assiste televisão?

Com quem? (pais, irmãos, amigos, sozinho)

Quantas televisões tem na sua casa?

Na sua casa tem uma TV só pra você?

Quanto tempo você assiste televisão por dia?

Quais os canais (emissora) você assiste? (Globo; SBT; TV Minas; Band; Record; outros; cite quais os outros)

Quais programas você assiste? (ao perguntar o que assistem a resposta contemplara “o que gosta e o tipo de programa”)

Quais programas você gosta?

Que programas você não gosta de assistir?

Você assiste programas que não gosta? Por quê?

Seus pais permitem que você assista a todos os programas da TV? (sim, não)

Quais não são permitidos?

3ª e 4ª – Atividade – Análise de desenhos animados

Desenhos analisados – Lola e Virgínia e Dany Phanton

Objetivo da atividade para a pesquisa: Discutir por meio de entrevista coletiva desenhos animados que apareçam personagens negros. Verificar a apreciação dos desenhos e quais elementos caracterizam essa apresentação.

O que se pressupõe sobre o aluno: Pressupõe que ele seja capaz de analisar os papéis e a função de cada personagem na narrativa. Solicita manifestação da identificação do aluno com os personagens.

Atividade: (registro oral)

- ❖ Apresentação do programa (Questionar quais crianças já assistiram ou assistem o programa)
- ❖ Apreciação do programa (Gostaram do desenho?)
- ❖ Comparação entre os personagens na narrativa (Você é o diretor do programa e houve um corte de despesa na produção qual personagem você retiraria e por quê?)

❖ Verificar os processos de identificação (Você foi escolhido para representar um desses personagens qual você acredita que poderia ser, ou qual personagem você gostaria de ser e por que)

4ª Atividade – Análise da grade televisiva

Objetivo da atividade para a pesquisa: de forma mais geral buscar informações sobre o universo de conhecimento dos alunos sobre a TV e sua grade de programação. Através da grade de programação televisiva pesquisar a participação do negro na TV e sua forma de participação.

O que se pressupõe sobre o aluno: que o aluno seja capaz de expressar seu conhecimento sobre a grade de programação televisiva, e possa posicionar-se criticamente em relação à mesma.

Atividade: Serão distribuídos materiais tipo jornais e, revistas que possuam a grade de programação das emissoras mais assistidas. Em seguida os alunos responderão as seguintes questões em folhas separadas. (Atividade de registro escrito) – fonte de inspiração: livro Língua Portuguesa de Luiz Puntel e Fátima Chauguri Oliveira 4ª série editora Atual, São Paulo 2001.

Questões:

- ❖ Marcar os programas que conhece. (Marque na grade os programas que você conhece)
- ❖ Destacar os programas que tem pessoas negras. (Marque os programas que aparecem negros)

- ❖ Relacionar quantidade de referências ao negro e analisar o significado destas referências. (Quantas pessoas negras você encontrou? Na sua opinião você acha que o negro aparece muito ou pouco. Justifique)
- ❖ Demonstrar as relações afetivas estabelecidas com os negros que aparecem na TV. (Das pessoas negras que aparecem qual você mais gosta e qual você menos gosta? Por quê?)

5ª Atividade – Conversa direcionada – Temas gerados na atividade de análise da grade televisiva.

Objetivo da atividade para a pesquisa: Conhecer melhor a opinião dos alunos sobre suas preferências e sobre assuntos polêmicos veiculados no meio televisivo.

O que se pressupõe sobre o aluno: que ele seja capaz de através do diálogo descrever situações e escolhas reveladas em atividade escrita.

Atividade: Em círculo conversar com as crianças sobre os seguintes temas:

- ❖ Pedir descrição/explicação dos personagens/pessoas/programas desconhecidos pelo pesquisador.
- ❖ Lançar respostas polêmicas para apreciação do grupo.
- ❖ Pedir esclarecimento das questões confusas.

6ª – Atividade – Análise Global da Novela “Duas Caras”

Objetivo da atividade para a pesquisa: Captar os elementos de leitura, comparação e identificação utilizados pelos alunos numa análise global. Explorar a capacidade da criança em relacionar os personagens nas narrativas.

O que se pressupõe sobre o aluno: Pressupõe que ele seja capaz de analisar os papéis e a função de cada personagem na narrativa. Solicita manifestação da identificação do aluno com os personagens.

Atividade:

Fazer questionamentos sobre a novela procurando buscar dados sobre apreciação desta narrativa, bem como dos elementos que se destacam na análise das crianças.

Permitir uma discussão mais livre tentando captar os elementos de identificação dos alunos com a narrativa.

- ❖ Interesse pela narrativa;
- ❖ Personagens mais interessantes;
- ❖ Final da narrativa
- ❖ Posicionamento em assuntos polêmicos (relacionamento gay; relações inter-raciais; preconceito, etc.)

7ª – Atividade – “Para quem eu tiro o chapéu?”

Objetivo da atividade para a pesquisa: Coletar informações que informem a dos motivos de preferência por personagens narrados na televisão. Perceber o posicionamento da criança em relação às narrativas televisivas. Identificar se o posicionamento se refere à pessoa ou ao personagem que está representa.

O que se pressupõe sobre o aluno: Capacidade de argumentar contra e a favor sobre o que lhe é narrado.

Atividade: “Para quem eu tiro o chapéu?” – (registro oral)

Essa dinâmica é inspirada em um quadro televisivo apresentado em TV aberta. A mesma tem por objetivo propiciar que os participantes possam opinar sobre pessoas e situações que são destaque na sociedade.

Desenvolvimento de acordo com o propósito da pesquisa – O pesquisador retirará de revistas especializadas, e sites, gravuras de personagens que estão em destaque nas narrativas televisivas e que sejam do universo de conhecimento das crianças. Essas gravuras serão coladas num quadro semelhante a um painel, estando, contudo, cobertas. O estudante será convidado a assumir o papel da celebridade e opinar sobre as figuras colocadas no painel.

ANEXO B

FORMULÁRIOS DE COLETA

QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO	
	Atenção: <i>As perguntas abaixo não têm resposta certa ou errada, elas querem saber sua opinião e informações sobre sua relação com a televisão.</i>
01	Você assiste televisão? sim () não ()
02	Com quem você assiste? () Pais () Irmãos () amigos () sozinho
03	Quantas televisões tem na sua casa?
04	Na sua casa tem uma TV só pra você? sim () não ()
05	Quanto tempo você assiste televisão por dia?
06	Marque os canais que você assiste.

	<p>() TV Globo</p> <p>() SBT</p> <p>() TV Minas</p> <p>() Band</p> <p>() Record</p> <p>() Outros</p> <p>Se você marcou a opção outros escreva o nome dos canais: -----</p> <p>-----</p>
07	<p>Quais os nomes dos programas você assiste? -----</p> <p>-----</p> <p>-----</p>
08	<p>Quais os nomes dos programas você gosta? -----</p> <p>-----</p>

09	<p>Quais os programas que você não gosta de assistir? -----</p> <p>-----</p> <p>-----</p> <p>-----</p>
10	<p>Você assiste programas que não gosta? -----</p> <p>Por que? -----</p> <p>-----</p>
11	<p>Seus pais permitem que você assista todos os programas da TV?</p> <p>sim () não ()</p> <p>Quais programas não são permitidos? -----</p>

	<hr/> <hr/>
	Muito obrigado por responder as questões acima!

ANÁLISE DA GRADE TELEVISIVA
1- Faça um X na frente dos programas que você conhece.
2 - Circule os programas que aparecem pessoas/personagens negros.
3 - Quantos programas que aparecem pessoas/personagens negros você encontrou?
4 - Na sua opinião você acha que as pessoas/personagens negras aparecem muito ou pouco? Justifique sua resposta.

5 - Das pessoas/personagens negras que aparecem qual você mais gosta? Por quê?

6 - Das pessoas/personagens negras que aparecem qual você menos gosta? Por quê?

ANEXO C

SINOPSE DO ÚLTIMO CAPÍTULO DA NOVELA *DUAS CARAS*

Fonte: site emissora www.globo.com

Novela Duas Caras

Ao se ver encurralado, João Batista resolve abandonar Sílvia. Dançarinas flagram Jojô com Eunice. Ele assume que é casado. Renato acorda e enfrenta Sílvia. Um disparo quebra o vidro do carro. Polícia se aproxima e Sílvia escapa pela porta do carro. Sílvia é atropelada por um bonitão, dá em cima dele e desaparece. Célia Mara vai à universidade e briga feio com Branca. Elas percebem que estão sendo patéticas e resolvem fazer as pazes, derrubando o busto de João Pedro. Juiz autoriza que bebê de Dália seja registrada por Bernardinho e Dália. Júlia e Evilásio, Gislaine e Zidane, Solange e Claudius, Misael e Claudine, Vesga e Dagmar, Antônio e Débora, Clarissa e Duda, Feliz e Socorro, Marcha Lenta e Priscila, Benoliel e Fernanda, Apolo e condessa se casam. Célia Mara se interessa pelo doutor Marcelo. Eviásio é o vereador mais votado nas eleições. Ferraço se despede de Renato e Maria Paula e vai para a prisão. Chapa de Ramona vence as eleições da universidade. Bijouzinha vai se despedir de Petrus, que vai para um intercâmbio no exterior. Alzira diz a Juvenal que vai morar na Espanha e se despede com um beijo. Barretão recebe Barretinho, Sabrina e o neto no aeroporto. O bebê gôlfa no banco do taxista, que faz comentário racista. Barreto briga com o motorista. Sílvia manda carta para Branca, dizendo que está feliz em Paris. Com o novo namorado, Rodrigo, Sílvia continua tendo João Batista de motorista. Andréia Bijou ocupa o lugar de Mãe Bina. O Sufocador ataca Edivânia. Quando tira a máscara, sua identidade é revelada: Geraldo Peixeiro. Bernardinho e Carlão se casam. Ferraço sai da prisão e descobre que Maria Paula fugiu com todo o dinheiro. Ele chora na praia e recebe uma ligação dela, perguntando como ele se sente tendo perdido tudo. Depois, diz para ele pegar um avião e encontrá-la no Caribe. Os dois se encontram numa praia paradisíaca. Renato abraça o pai. Ferraço e Maria Paula se beijam, apaixonados.

<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Capitulos/0,,AA1682312-9156,00.html>

ANEXO D

QUADRO DAS FIGURAS UTILIZADAS NA ATIVIDADE ANÁLISE DA GRADE TELEVIVA - classificação étnico racial atribuída pelo pesquisador

Nº	Nome	Personagem	Programa	Canal	Etnia
01	Poliana Aleixo		Beleza Pura	Globo	Branca
02	Mariana Ximenes	Lara	A Favorita	Globo	Branca
03	Silvio Santos	Apresentador	Silvio Santos	SBT	Branca
04	Natalia Dill	Débora	Malhação	Globo	Branca
05	Adriana Alves	Condessa	A Favorita	Globo	Negra
06	Carolina Ferraz	Norma	Beleza Pura	Globo	Branca
07	Mel Lisboa			Globo	Branca
08	Arlete Sales	Copélia	Tomá-lá-dá-cá	Globo	Branca
09	Glória Maria	Apresentadora	Fantástico	Globo	Negra
10	Juliana Paes	Maíra	A Favorita	Globo	Branca
11	Carlos Massa	Ratinho/apresentador		SBT	Branca
12	Marx Fercondini	Conrado	Ciranda de Pedra	Globo	Branca
1	Fernanda Lima		Duas Caras	Globo	Branca
14	Maísa	Apresentadora	Sábado Animado	SBT	Branca
15	Ana Paula Arósio	Laura	Ciranda de Pedra	Globo	Branca
16	Isabel Fillardis	Rita de Cássia	Malhação	Globo	Negra

17	Rejane Alves	Joana	Ciranda de Pedra	Globo	Branca
18	Marcelo Faria e Reginaldo Farias	Robson e Copas	Beleza Pura	Globo	Branca
19	Murilo Benicio	Dodi	A Favorita	Globo	Branca
20	Saulo Laranjeira	João Plenário	A praça é Nossa	SBT	Branca
21	Patrícia Pilar	Flora	A Favorita	Globo	Branca
22	Débora Seco	Céu	A Favorita	Globo	Branca
23	Caju e Totonho	Caju e Totonho	Caju e Totonho em off	SBT	Branca
24	Renato Aragão	Didi	A turma do Didi	Globo	Branco
25	Hebe Camargo	Apresentadora	Programa da Hebe	SBT	Branca
26	Tháís Araújo	Alicia	A Favorita	Globo	Negra
27	Rodrigo Scarpa	Vesgo	Pânico na TV	Record	Branca
28	Caio Blat	Afonso	Ciranda de Pedra	Globo	Branca
29	Mauro Tramonte	Apresentador	Balanço Geral	Record	Branca
30	Isis Valverde	Rakelly	Beleza Pura	Globo	Branca
31	Xuxa	Apresentadora		Globo	Branca
32	Dedé Santana	Dedé	A turma do Didi	Globo	Branca
33	Tom Cavalcante	Vários	Show do Tom	Record	Branca
34	Antônio Fagundes	Juvenal Antena	Duas Caras	Globo	Branca
35	Iran Malfitano	Orlandinho	A Favorita	Globo	Branca
36	José Luiz Datena	Apresentador		Band	Branca

37	Ana Maria Braga	Apresentadora	Mais Você	Globo	Branca
38	Babu Santana	Carniça	Beleza Pura	Globo	Negra
39	Licurgo Espínola	Félix	Malhação	Globo	Branca
40	Lazaro Ramos	Evisásio	Duas Caras	Globo	Branca
41	Sophie Charlotte	Angelina	Malhação	Globo	Branca
42	Milton Gonçalves	Romildo Rosa	A Favorita	Globo	Negra
43	Vinícius Cardoso	MP3	Dance Dance	Band	Negra
44	Nando Cunha	Soldado Brasil	Desejo Proibido	Globo	Negra
45	Flávio Bauraqui	Ezequiel	Duas Caras	Globo	Negra

ANEXO E

AUTO ATRIBUIÇÃO ÉTNICO RACIAL				
Nome da criança	Idade	Resposta aberta (cor ou raça)	IBGE (branco, preto, pardo, indígena, amarelo)	Observações
Carlos	10	Amarelo	Amarelo	
Silvia	9	Branca	Branca	
Clarissa	10	Branca	Branca	
Julio	10	Branca	Branca	
Judith	nc	Branca	Branca	
Roberto	9	Branco	Branco	
Luciana		Branco	Pardo	
Henrique	10	Branco	Branco	
Gilberto	10	Branco	Branco	
Oswaldo	11	Indígena	Indígena	
Maria Alice	12	Indígena	Indígena	
Carla	9	Meio parda e negra	Preto	
Tatiane	9	Morena	Parda	
Mirian	9	Morena	Indígena	
Gabriela	9	Morena	Pardo	
Emília	10	Morena	Branco	
Marina	10	Morena	Branco	Desmanchou a opção preto marcada inicialmente
Marizete	10	Morena	Pardo	Marcou inicialmente branco depois apagou
Ivone	10	Morena	Preto	
Camila	10	Morena	Preto	
Glória	9	Morena Clara	Preto	
Emanuelle	10	Morena, raça	Pardo	

		negra		
Cáio César	9	Moreno	Preto	
Antônio Carlos	9	Moreno	Pardo	
Manuela	9	Moreno	Preto	
João Carlos	9	Moreno	Indígena	
Natalino	11	Moreno	Preto	
Tiago Ribeiro	9	Moreno, humano	Pardo	Desmanchou a opção branco
José Carlos	11	Não quis responder	Branco	Marca preto levemente
Regiane	11	Não respondeu	Não respondeu	
Natanael		Não respondeu	Preto	Marco pardo e desmanchou
Priscila	nc	Não respondeu	Branco	
Marcos	9	Negra	Indígena	
Luiz	9	Negra	Pardo	?é mais fácil falar que é negro ou preto?
Renato	11	Negra	Preto	
Rosalina	10	Negra	Preto	
Flávia	11	Negra	Preto	
Cristina	10	Negra	Preto	
Ana Clara	10	Parda	Parda	
Jurandir	9	Pardo	Pardo	Escreveu negro e desmanchou
Natanael	9	Pardo	Pardo	
Kleber	12	Pardo	Pardo	Escreveu branco e desmanchou
Vicente		Pardo	Pardo	
Eustáquio	10	Pardo	Pardo	
Xxx (não colocou nome)	nc	Pardo	Pardo	
Tayna	10	Preta	Preta	
Antenor	11	Preto	Preto	
Paulo Henrique	9	Preto	Preto	

Evaldo	10	Preto	Preto	
Bianca	11	Preto	Preto	
Rubia	11	Rosa	Preto	
Roberto Carlos	10	não respondeu	Branco	

ANEXO F

QUADRO PROGRAMAS COM PESSOAS NEGRAS CITADOS PELAS CRIANÇAS 3ª E 4ª SÉRIE															
Record		Rede TV		Alterosa (SBT)		Band		Rede Minas		Globo		MTV		TV Horizonte	
Mutantes/Caminhos do Coração	21	TV Fama	9	Chaves	10	Márcia	3	Dango Balango	4	Cabocla	19	Top 10 –	1	TV X	1
Todo Mundo Odeia o Chris	14	TVesporte	3	As visões da Raven	9	Jornal da noite	2	O pequeno Urso	4	Beleza Pura	19	Domínio MTV1	1	Viver com Estilo	1
Amor e Intrigas	8	Redetv! Esporte	3	Eu a Patroa e as crianças	8	Show da Fé	2	Vila Sésamo	3	A Favorita	15	Made	1		
Balanço Geral	7	Pânico da TV	2	Casos de Família	7	Bem Família	1	Opinião Minas	3	Malhação	14	Scrap MTV	1		
Hercules	6	Igreja Mundial do Poder de Deus	1	Pantanal	5	Atualíssima	1	O menino Maluquinho	3	Ciranda de Pedra	13	Rockgol de domingo	1		
Programa da tarde	5	Superpop	1	Cinema em Casa	4	Água na Boca	1	Telecurso	2	Sessão da tarde	11				
A turma do Pica Pau	4	Igreja da Graça	1	Chiquititas	4	Top cine	1	Cocoricó	2	Vídeo Show	7				
Chamas da vida	4	Notícia das 7	1	Cinema em casa	4	A noite é uma criança	1	Pink, Dink Dão	2	Globo Esporte	6				
Hoje em dia	3	A tarde é	1	Carrossel	3			Revista do	2	MGTV 2ª Ed.	6				

		sua		animado				Cinema							
MG no ar	2	Notícias de Minas	1	Bom dia & Cia	3			Harry e seu balde de dinossauros	2	Duas Caras	6				
Jornal da Record	2	Leitura Dinâmica	1	Jornal do SBT	2			Caillou	1	Globo notícia	5				
Super Tela	2			Chapolin	2			Universidade	1	Jornal Hoje	4				
Fala Brasil	1			Lalola	2			Sem censura	1	Jornal Nacional	4				
Tudo a ver	1			Sessão desenhos	2			Emprego e Renda	1	TV Globinho	4				
UEFA Euro200 8	1			Alterosa esporte	2			Jornal Visual	1	Mais você	3				
Xena 1	1			Tela de sucessos	1			Caillou	1	MGTV 1ª Ed.	3				
MG Record	1			A praça é nossa	1					Globo Rural	3				
				Alterosa Esporte	1					A grande Família	3				
				Cine Espetacular	1					Sessão da tarde	2				
				Antonio Roberto e Você	1					Casseta e Planeta	2				

			Feminina	1					Toma lá dá cá	2					
			Viação Cipó	1					Jornal da Globo	2					
			1ª página	1					Futebol 2008	2					
			Desenhos	1					Telecurso	1					
			Smallvill	1					Globo Notícia	1					
									Casos e acasos	1					
									Intercine	1					
									Casos e acasos	1					
									Programa do Jô	1					
									Intercine	1					
	83		24		77					162			5		2

ANEXO G

NARRATIVAS E MODELOS NÃO PRIVILEGIADOS 3 e 4ª SÉRIE – ANÁLISE DA GRADE TELEVISIVA			
Pessoa/Personagem/Programa	Gênero televisivo	Numero de referências	Motivos da não identificação
Nenhuma/nenhum		07	<ul style="list-style-type: none"> Nenhum/nenhuma IIIIII
Gosta de todos		05	<ul style="list-style-type: none"> Gosta de todos III Defende a importância do trabalho das pessoas negras I Defende a igualdade entre as pessoas I
Não conheço		05	<ul style="list-style-type: none"> Não conhecimento IIIII
Não sei		04	<ul style="list-style-type: none"> Afirme não saber IIII
Jornal	Noticiário	02	<ul style="list-style-type: none"> Exploração de aspectos negativos da sociedade I Não apresenta justificativa I
Beleza Pura	Novela	02	<ul style="list-style-type: none"> Pouca presença de narrativas com pessoas/personagens negros I Não apresenta justificativa I
Todo Mundo Odeia o Chris	Série Humorística	02	<ul style="list-style-type: none"> Não apresenta justificativa II
As visões da Raven	Série Humorística	01	<ul style="list-style-type: none"> Ausência de caráter cômico na narrativa I
Maicow (Eu, a Patroa e as Crianças)	Série Humorística	01	<ul style="list-style-type: none"> Ausência de caráter cômico na narrativa do personagem I

Tela de sucessos	Flime	01	• Ausência de caráter cômico na narrativa I
Dru	Não identificado	01	• Discordância da postura do personagem I
Ninguém		01	• Não se atenta para características específicas dos personagens I
Nastácio	Novela	01	• Adjetivação negativa do personagem
Lazaro Ramos	Novela/Filmes/Séries	01	• Adjetivação negativa do pessoa I
Terezinha	Não identificado	01	• Discordância da postura do personagem I
Várias		01	• Não sabe dizer por existir várias que não gosta I
Rochelle	Não identificado	01	• Adjetivação negativa do personagem I
Notícias	Noticiário	01	• Exploração de aspectos negativos da sociedade I
Não tem		01	• Não tem I
Romildo Rosa	Novela	01	• Não apresenta justificativa I
Tônia (Todo Mundo Odeia o Chris)	Série Humorística	01	• Não apresenta justificativa I
TV Fama	Talk Show	01	• Adjetivação negativa da personagem/pessoa I
De todos		01	• De todos I
Cabocla	Novela	01	• Presença de pessoas negras I
Condessa (Duas Caras)	Novela	01	• Não apresenta justificativa I
TV Fama	Programa de atualidades	01	• Não interesse pelo assunto (fofoca) I
Feminina	Programa de atualidades	01	• Não concorda com o tratamento dado ao negro no programa I
Das que são metidas		01	• Discordância do comportamento de algumas

			peessoas negras I
Zuca (Cabocla)	Novela	01	• Atribuição de valor estético (feia) I
Dango Balango	Programa Infantil	01	• Não apresenta justificativa I
Zeca	Não identificado	01	• Discordância da postura do personagem I
Malhação	Novela	01	• Exploração de elementos relativos a sexualidade I
Chiquititas	Novela	01	• Ausência de caráter cômico na narrativa I
Escrita não compreendida		01	• Escrita não compreendida
Não respondeu		01	• Não respondeu
Não gosto de nenhum		01	• Não gosta de nenhum
		56	

ANEXO H

QUADRO GERAL DA ATIVIDADE *PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU* – RESPOSTAS AFIRMATIVAS E NEGATIVAS – 3ª E 4ª SÉRIES

ATIVIDADE PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU – RESPOSTAS AFIRMATIVAS – 4ª SÉRIE		
Figura	Justificativas	Motivo
Angelina	Tudo que ela faz muito bem.	Qualidade do trabalho do ator/atriz
Didi	Ele faz um programa muito engraçado faz as pessoas rirem.	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Rakelli	Eu tiro ... porque ela é engraçada ... ela fica com aquela vozinha dela.	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Thais Araújo	Ah ela é legal	Adjetivação positiva do personagem na narrativa – ser legal
Xuxa	Ela faz um programa engraçado que ela fazia papel de... pra menino pequeno...	Adjetivação positiva do personagem na narrativa – ser legal
Soldado Brasil	Porque ele é muito legal...	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Lazaro Ramos	Porque ele fez o papel na Duas Caras que ele foi prefeito...	Não apresenta motivo – relata o nome da novela em que o artista trabalhou
Lara	Eu gosto dela porque ela é muito interessante.	Adjetivação positiva do personagem na narrativa – muito interessante
Ratinho	Eu tiro o chapéu pra ele porque ele é muito legal...	Adjetivação positiva do apresentador – legal
Romildo Rosa	Ele é um excelente ator, mas acho que na novela ele está mentindo pra ganhar a eleição, ele estava fingindo que estava doente... a filha dele chegou no quarto dele e ele tava bem comendo chocolate sem açúcar...	Qualidade do trabalho do ator
Romildo Rosa	Eu acho que eu tiro o chapéu pra ele, ele é um ótimo ator, mas na	Qualidade do trabalho do ator/atriz

	novela ele está fazendo um papel não muito legal, mas eu acho uma coisa, a gente tem que ver na novela o que ele está fazendo, se... como que ele é... eu gosto das novela que ele atua...	
Romildo Rosa	Eu também, eles que mandam ele fazer esse papel...	Isenção do ator em relação ao papel representado
Angelina	Eu tiro o chapéu pra ela porque ela correu atrás pra ter a filha dela... a Angelina	Adjetivação positiva do personagem na narrativa - batalhadora
Didi	Tiro porque ele é muito engraçado...	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Didi	Ele é engraçado...	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Reconhecimento pelo programa (Dance Dance)	Dance dance.... eu gostei muito do papel dos dois ... que quando esse menino entrou estava quase no final da novela ele mostrou pra essa daqui que a vida não girava ao entorno dela ... que ela queria ... esqueci o nome dele... só pra ela... ai ela aprendeu... agora ela dança pelo amor não pra mostrar pra ... esqueci o nome dela também... mostrar pra ela que ela era melhor ela viu que não é nada disso...	Enredo que envolve os personagens – ensina e aprende lição
Monique	Porque ela é muito legal	Adjetivação positiva do personagem na narrativa – legal
Dedé	Tiro... ah ele é legal	Adjetivação positiva do personagem na narrativa - legal
Tom Cavalcante	Eu tiro porque ele é muito engraçado	Programa/papel engraçado (caráter cômico da narrativa)
Maisa	Porque ela desde criança ela já está fazendo programa de TV...	Ser apresentadora ainda criança

ATIVIDADE PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU – RESPOSTAS AFIRMATIVAS – 3ª SÉRIE		
Figura	Resposta	Motivo
Felix	Eu não tiraria o ... eu ia dar o chapéu pra ele sabe porque ele faz um ator... eu não estou ... eu nem sei nem a vida real dele... mas eu sei que o papel lá na malhação ele faz bem	Qualidade de trabalho do ator
Tom Cavalcanti	Eu tiro, eu conheço ele, ele faz piadas boas.	Qualidade de trabalho do humorista
Angelina	Eu deixo ela (faz o gesto que vai deixar fora do chapéu) porque ela é bonita...	Atribuição de valor estético
Dodi	Porque ele faz a novela muito bem.	Qualidade de trabalho do ator
Didi	Porque ele é muito engraçado	Programa/papel engraçado (cômico da narrativa)
Rita de Cassia	Ah é por causa que ela faz uns papéis muito bons nas novelas.	Qualidade de trabalho da atriz
Juvenal Antena	Porque ele é muito justo.	Ações do personagem na narrativa – justo
Evilásio	É o Evilásio da novela Duas Caras... ah eu tiro chapéu pra ele ... ele é legal.	Adjetivação positiva do ator na narrativa
Lara	Ela é legal, não faz maldades.	Ações da personagem narrativa - não faz maldades /Adjetivação positiva da narrativa - legal
Céu (A Favorita)	Mesmo que ela é snob mas ela é batalhadora.	Adjetivação da personagem na narrativa – batalhadora
Maisa	Tiro... ela é engraçada...	Apresentadora engraçada (caráter cômico da narrativa)
Débora (Malhação)	Eu tiro o chapéu pra Débora porque ela é bonita... tiro o chapéu pra ela porque ela é bonita e malvada...	Atribuição de valor estético – bonita
Romildo Rosa	Eu gosto do papel dele...	Gosta do papel
Dedé	Tiro porque ele é muito engraçado eu gosto dele... ele faz um papel muito legal	Apresentador engraçado (caráter cômico da narrativa) / Adjetivação positiva da narrativa

ATIVIDADE PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU – RESPOSTAS NEGATIVAS – 4ª SÉRIE		
Forma de nomeação	Resposta	Motivo
Xuxa	Eu não gosto do programa não... eu acho ela muito chata	Adjetivação negativa da apresentadora - chata
Xuxa	Ah ela enrola muito pra passar desenho.	Forma de condução do programa – enrola p/ exibir desenho
Xuxa	Eu acho que ela fala muito.	Forma de condução do programa -

		monopólio da fala
Xuxa	Ela é toda esquisitinha.. tudo que... ela não deixa a pessoa falar... tipo assim igual artista no programa dela ... antes dele falar alguma coisa ela já está falando....	Forma de condução do programa - monopólio da fala
Xuxa	Eu não gosto dela não é porque... tem muita gente que fala que ela deu a alma pra aquele coisa ruim lá embaixo ... e assim não é por causa disso é por causa que ela é muito possessiva... ela nem termina um programa já está querendo fazer outro ela quer ganhar tudo... eu não gosto dela não é por causa disso ... e porque eu não gosto mesmo...eu não vou com a cara dela...	Adjetivação negativa da apresentadora - possessiva
Xuxa	Ela no programa, igual o Vicente falou, ela fala demais, não deixa ninguém falar... é vamos ver... aquele negocio lá que ela finge de costureira que ela faz no programa dela... aquilo é chato demais... o programa dela é chato só os desenhos que eu acho bom... devia ser outra pessoa pra apresentar o programa...podia ter o nome TV Xuxa mesmo mas tinha que ter outro apresentador...	Forma de condução do programa – monopólio da fala
Lara	Ah eu acho ela muito chata, fica aproveitando do Halley e os dois não podem namorar porque os dois são irmãos na	Ações da personagem na narrativa e adjetivação negativa da narrativa - chata

	novela.	
Lara	Eu não gosto dela porque ela é muito metida, não é por causa de ser metida, ela ta muito nojenta, insuportável, ela está querendo ficar com dois meninos, que só o Halley que presta mesmo,... ela está fazendo o Cassiano de bobo...	Ações da personagem na narrativa e adjetivação negativa da narrativa - metida/insuportável
Lara	Eu não gosto dela porque ela é muito chata, não decide o que que ela quer da vida... tem uma hora que ela está do lado da Donatela, tem outra hora que ela está do lado da mãe dela ai fica naquele negócio...	Ações do personagem na narrativa e adjetivação negativa da narrativa - chata
Lara	Eu não tiro o chapéu pra ela é porque na vida real eu já vi muito assim... pessoas falarem que ela é muito chatinha, nojenta, que... muito frescurenta e ai eu não gosto de pessoas assim não...	Postura da atriz na vida real – chatinha/frescurenta/nojentinha
Ratinho	Ele é safado quando as mulheres iam lá no programa dele fazer ... foi uma mulher um dia no programa dele fazer mudança de sexo ela foi lá e ficou vendo se era de verdade ou se não era mesmo...	Postura do apresentador na relação com os participantes – safado
Ratinho	Ele é muito chato professor...	Adjetivação negativa do apresentador – chato
Ratinho	Uma parte dele é legal que ele ajudava as mulheres, mas ele é muito grosseiro na vida real...	Postura do apresentador na vida real – grosseiro/ relativização quanto à aspecto positivo do programa.
Ratinho	Eu não gosto dele porque ele grita muito, no programa dele ele conversa gritando com as	Ações do apresentador no programa – grita muito

	peessoas...	
Pai do Didu	Não acho ele chato ... é o pai do Didu ele rouba tem vezes...	Adjetivação negativa da narrativa do personagem – chato / Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa	Eu não gosto dele porque ele rouba na novela, ele também rouba das pessoas, e também na novela ele faz tráfico de drogas na novela...	Ações do personagem na narrativa – roubo/tráfico
Romildo Rosa	Não tiro o chapéu pra ele porque ele tenta ganhar o voto das pessoas, igual aquela vez que ele deu a terra até o documento e na hora que ele chegou lá erra barraco, num lugar tipo uma roça só que não tinha casa nenhuma, que tinha construir sua própria casa de pau porque não tinha casa nenhuma...	Ações do personagem na narrativa – desonestidade
Débora	Porque na malhação ela faz um papel que uma menina tava querendo namorar o outro lá e ela estava estragando tudo...	Ações do personagem na narrativa – vilã
Felix	É um ótimo ator mas só que na novela ele faz um papel de uma pessoa rica e muito rígida... uma pessoa que humilha as pessoas porque elas são pobres, e ele é muito grosso.	Ações do personagem na narrativa – grosso/rígido / relativização quanto a qualidade de trabalho do ator
Maisa	Ela é mimada.	Adjetivação negativa da apresentadora - mimada

ATIVIDADE PARA QUEM EU TIRO O CHAPÉU – RESPOSTA NEGATIVA – 3ª SÉRIE

Forma de nomeação	Resposta	Motivo
Felix (Malhação)	Ele é gay	Julgamento de valor a respeito do ator – ser gay
Felix	Eu tiraria porque ele é homem, eu gosto de ver na Malhação só mulher...	Preferência pelas narrativas com o gênero feminino
Rita de Cassia	Eu não gosto dela não ela passa de trouxa	Ações da personagem na narrativa.
Rita de Cassia	Eu não tiraria pra ela porque ela... por causa que eu não gosto dela... ela faz um papel ruim... ela é sem graça	Papel ruim / ausência de caráter cômico na narrativa
Maria do Céu	(criança recusou-se a responder)	
Evilásio	Eu não tiro o chapéu pra ele porque ele é chato e enjoado e eu não gosto dele...	Adjetivação negativa personagem – chato e enjoado
Ratinho	Eu não gosto dele que ele é sem graça, muito sério... eu não tiro o chapéu pra ele...	Ausência de caráter cômico na narrativa
Ratinho	Eu não tiro porque ele é chato ignorante.	Adjetivação negativa do apresentador – chato e ignorante
Ratinho	Eu não tiro o chapéu pra ele porque eu acho que os programas dele são muito ruins. Sem graça...	Má qualidade do Programa/ausência de caráter cômico na narrativa.
Ratinho	Eu não tiro o chapéu porque ele é muito ignorante... ele não é engraçado... não faz nada... só	Adjetivação negativa do apresentador/Ausência de caráter cômico na narrativa.

	fica sentado naquela cadeira dele lá... só fica falando com aquele ratinho dele.	
Céu (Favorita)	Eu não tiro não por causa que eu tenho certeza que ela aproveita do Orlandinho só por causa do dinheiro e ela gosta é do Cassiano.	Ações da personagem na narrativa
Céu (Favorita)	Eu não tiro por causa que ela uma safada fica com um tanto de homem e piranha.	Ações da personagem na narrativa
Maisa	Eu não tiro o chapéu pra ela eu acho ela muito chata... ah ela como é que fala... ela toda hora fala assim “você me conhece?”	Adjetivação negativa da narrativa – chata
Maisa	Eu não tiro o chapéu pra ela ... ela é muito chata...	Adjetivação negativa da narrativa – chata
Maisa	Eu acho ela muito chata por causa que... ela falando... a vizinha dela é muito irritante, ela é muito chatinha.	Adjetivação negativa da narrativa – chata
Maisa	Eu não gosto dela porque ela é muito chata ela fica com aquela vizinha cantando bebe lili aquelas porcariazinha dela... a única coisa boa que ela faz pelo que eu vejo é no programa do Silvio Santos dando resposta só isso.	Adjetivação negativa da narrativa/relativizando pontos positivos.
Maisa	Eu também não gosto dela porque ela fica lá dançando lá ééé nãñã, todas as outras músicas, coisa mais ridícula do mundo... e depois fala assim ... alô quem está falando...	Forma de trabalho da apresentadora / Adjetivação negativa da narrativa – burra

	igualzinho retardamento mental... e também é tão burra que não sabe nem o que ta numa roleta...	
Debora – Malhação	Professor eu não tiro o chapéu pra Débora ela é mau demais na malhação.	Ações da personagem na narrativa
Xuxa	Não tiro porque ela é sem graça.	Ausência de caráter cômico na narrativa
Xuxa	Eu gosto dela mas só que eu não tiro dela, eu não tiro ela... é por causa que ela falou assim que o rei dela é o diabo...	Postura da apresentadora na vida real
Xuxa	Eu também não vou tirar ela fez pacto com o diabo tudo que a filha dela quisesse ela ia comprar, tudo pra fazer do mal ... cada música que ela dança ela faz um pacto... por isso que eu não gosto dela não gosto dos programas dela... odeio.	Postura da apresentadora na vida real
Xuxa	Eu não tiro porque ela é sem graça ela não gosta de criança, ela só está ali só pra ganhar dinheiro mesmo, mas ela não gosta de criança não...	Ausência de caráter cômico/juízo de valor sobre conduta da apresentadora
Romildo Rosa	Não tiro pra ele porque ele é muito invejoso... porque tem o outro cara lá que era a esposa que namorou com o filho dele... ai ele foi lá no aniversário...ai esse cara ai começou a expulsar ele de lá...	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa	Eu não tiro o chapéu pra ele é por causa que ele promete as	Ações do personagem na narrativa

	coisas e não cumpre muito chato... igual na novela ta falando do hospital que ele começou a construir depois parou...	
Romildo Rosa	Ele é chato, sem vergonha, hipócrita, um mentiroso, um falso, e por isso eu não gosto dele	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa	Eu não gosto dele porque ele é muito chato e por causa que ele sempre fica intrometendo na vida do filho dele...	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa	Também não tiro o chapéu pra ele porque ele não cumpre nada.	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa	Eu não tiro chapéu pra ele porque ele é sem vergonha um ladrão que fica roubando dinheiro dos outros e promete alguma coisa, por exemplo tipo ela falou... o hospital ele começou a construir só pros outros votar nele depois que a eleição ela já parou... por isso que eu não tiro o chapéu pra ele, porque ele é um falso e um ladrão	Ações do personagem na narrativa
Romildo Rosa	Eu não tiro o chapéu pro Romildo Rosa porque ele tem uma facção criminosa de armas e a empresa dele de lavagem de dinheiro e ele não conta nada pros filhos dele fala que o dinheiro que ele ganha ainda é honesto.	Ações do personagem na narrativa

Adriana Bombom	Não, ela é meia chata.	Adjetivação negativa da atriz
----------------	------------------------	-------------------------------